



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Fabiana Santos Gomes

NARRATIVAS DE VIDA
E SUA INFLUÊNCIA NA (RE)CONSTRUÇÃO
SÓCIO-IDENTITÁRIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL

VOLUME 1

Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo,
orientada pela Professora Doutora Clara Cruz Santos e
co-orientada pela Doutora Maria de Fátima Toscano e apresentada à
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e à Faculdade de
Economia da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2023

Fabiana Santos Gomes

NARRATIVAS DE VIDA

e sua influência na (re)construção sócio-identitária
de mulheres em situação de vulnerabilidade social

Dissertação no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, na especialidade de Serviço Social, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, orientada pela Professora Doutora Clara Cruz Santos e coorientada pela Doutora Maria de Fátima Toscano.

Setembro, 2023

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os que acreditam que as mudanças são possíveis, que podem ser desejadas e escolhidas.

Dedico ainda este trabalho à minha mãe Deolinda, a pessoa que sempre acreditou em mim, sempre foi e é meu porto seguro e com quem aprendi a ser a mulher que hoje eu sou, independente, mas nunca indiferente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos primeiros *empurrõenzinhos* dados por meus queridos mentores Marcelo Katayama, Soraia Schutel e Mirian Hatori, que me ajudaram a tirar os véus que cobriam meu baú de sonhos.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe Deolinda, irmã Carol, irmão Cadú e irmão Rodrigo e à cunhada Tanja, que acreditaram e me mostraram, cada um do seu jeito, que eu estava dando um passo que tinha muito a ver comigo, mesmo que às vezes, nem eu mesma acreditasse.

Agradeço aos amigos distantes, mas que se fizeram tão presentes nessa caminhada, cada um da sua maneira, mas nunca largando a minha mão: Kito, Gilberto, Cris Vieira, Mau, Ju, Adri, Alê, Guilherme, Cris Machado, Tiago, Marcos...

Agradeço aos novos amigos que estiveram bem de perto incentivando ao longo do caminho, trazendo leveza, alegria, risadas, brindes, corridas, almoços, jantares, reflexões, choros, ombros: Eliza, Elis, Ana Maria, Priscila, Djamilia, “Cami Cami”, Nayara, Yasmin, Anne, Carol, Bárbara, Cris Calacio, Natália, Naya, Flávia, Fernanda,... e muitos outros que esses quase dois anos de Coimbra me fizeram conhecer.

Um agradecimento especial às queridas amigas “mãos na massa”, que compartilharam seus saberes e seus tempos para a consolidação deste trabalho: Rosana Simas, Cristiane Prudenciano, Camila Leporace, Neuzi Barbarini, Ana Carolina Santos Gomes.

E enfim, agradeço à minha orientadora, professora Clara e à minha coorientadora, professora Maria, por terem guiado meu percurso de construção desta dissertação.

“Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos
delas uma história ou contamos uma história a seu respeito”

Isak Dinesen

(Arendt, 2001, p. 223)

RESUMO

As pesquisas relativas ao risco de pobreza e de exclusão social demonstram que a sua erradicação está longe de acontecer, pois os números permanecem elevados e a taxa de desigualdade representa um aspeto claramente negativo no qual, entre os 27 países da União Europeia, Portugal ocupa uma elevada posição ao nível das desigualdades sociais. Tradicionalmente a pobreza é ligada a uma forte componente estrutural, sendo transmitida entre gerações ou mantendo-se muito persistente ao longo da vida dos indivíduos. Os que ingressaram há pouco tempo em situação de pobreza são categorizados socialmente como sendo *vulneráveis*, indivíduos que estão pouco acima do limiar do que é considerado *pobreza*, mas qualquer incidente os pode fazer adentrar e permanecer na linha da pobreza. Este trabalho procurou correlacionar pobreza e vulnerabilidade, abordando as categorias individuais e sociais de identidade, causas e efeitos espaciais e relacionais, mas, acima de tudo, refletir sobre a permanência da pobreza numa ótica de interiorização de fragilidade assistida de acordo com o modelo de Paugam (2003). Pretendeu também contribuir para ampliar o conhecimento social de questões subjetivas relativas à multidimensionalidade que abarca a pobreza, nomeadamente a pobreza no feminino. Considerando a existência de uma pluralidade identitária, sejam elas reconhecidas, atribuídas ou percebidas, este trabalho também adentrou no universo das identidades individuais e coletivas. Percebeu-se a importância da investigação qualitativa, dentro do universo multidimensional desta pesquisa, na medida que esta nos permitiu acessar e confrontar com a realidade a partir dos sujeitos que vivem o problema e com isso, ouvir o que os números não dizem. Em termos metodológicos, recorreu-se a uma abordagem etnossociológica, de entrevista de *narrativa de vida* (narrativa de práticas em situação), com o objetivo de conhecer o *mundo social*, extrair informações, descrições, pistas que possam ajudar a compreender seu funcionamento e dinâmica interna (Bertaux, 2020, p.49). Concluiu-se que é urgente ampliar o olhar relativamente à construção de políticas públicas sociais considerando a complexidade dos indivíduos enquanto sujeitos biopsicossociais.

Palavras-chave: Narrativas de vida; Vulnerabilidade Social; Pobreza no feminino; Identidade; Reconstrução Sócio-identitária

ABSTRACT

Research into the risk of poverty and social exclusion shows that its eradication is far from happening, as the numbers remain high and the inequality rate represents a clearly negative aspect in which, among the 27 countries of the European Union, Portugal ranks highly in terms of social inequalities. Poverty is traditionally linked to a strong structural component, being passed down between generations or remaining very persistent throughout individual's lives. Those who have recently entered a situation of poverty are socially categorised as being *vulnerable*, individuals who are just above the threshold of what is considered *poverty*, but any incident can cause them to enter and remain in the poverty line. This work sought to correlate poverty and vulnerability, addressing the individual and social categories of identity, spatial and relational causes and effects, but above all to reflect on the permanence of poverty from a perspective of the internalisation of assisted fragility according to Paugam's model (2003). It also aimed to contribute to broadening social knowledge of subjective issues relating to the multidimensionality of poverty, particularly female poverty. Considering the existence of a plurality of identities, whether recognised, attributed or perceived, this work also delved into the universe of individual and collective identities. We realised the importance of qualitative research within the multidimensional universe of this research, as it allowed us to access and confront reality from the point of view of the subjects who live the problem and thus hear what the numbers don't say. In methodological terms, we used an ethnosociological approach, using *life narrative* interviews (narratives of practices in situations), with the aim of getting to know the *social world*, extracting information, descriptions and clues that can help us understand its workings and internal dynamics (Bertaux, 2020, p.49). It was concluded that there is an urgent need to broaden our view of the construction of public social policies, considering the complexity of individuals as biopsychosocial subjects.

Keywords: Life narratives; Social vulnerability; Female poverty; Identity; Socio-identity reconstruction

LISTA DE ABREVIATURAS

EAPN – *European Anti Poverty Network*, Rede Europeia Anti-Pobreza

ENCP - Estratégia Nacional de Combate à Pobreza

EU – *European Union*

IPMG - Índice de Pobreza Multidimensional Global

INE – Instituto Nacional de Estatística

MPI - *Global Multidimensional Poverty Index*

ODM - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONGD - Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

OPHI - Oxford Poverty and Human Development Initiative

ONU – Organização das Nações Unidas

PAP - Plataforma de Ação de Pequim

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RSI – Rendimento Social de Inserção

UE – União Europeia

UNDP - *United Nations Development Programme*

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Índice de pobreza multidimensional global (IPMG)	11
--	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Variação anual da taxa de risco de pobreza ou exclusão social	16
Gráfico 2: Taxa de risco de pobreza segundo a condição perante o trabalho, Portugal, 2020-2021	17
Gráfico 3: Taxa de risco de pobreza considerando as transferências sociais, Portugal, 2016-2021	18

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Formas Identitárias e suas Dinâmicas	31
Quadro 2: Dimensões de Análise	46
Quadro 3: Características da “carreira” psicológica das assistidas	46
Quadro 5: Detalhamento da amostra	49
Quadro 6: Apoios sociais acedidos	50
Quadro 7: Condições de doença	59
Quadro 8: Características da “carreira” psicológica das assistidas x Entrevistadas.....	64

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Indicadores de desigualdade do rendimento, Portugal, 2016-2020	17
Tabela 2: Taxa de Risco de Pobreza ou Exclusão Social – Género	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
-------------------	----------

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1. MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

1.1. A Pobreza e sua Multidimensionalidade	7
1.2. Marcos históricos na luta em prol da dignidade humana	9
1.3. Quem são os pobres em Portugal?	12
1.4. Das rupturas às dependências	19
1.5. Relação entre pobreza e situação de vulnerabilidade social	20
1.6. Pobreza no feminino	21

CAPÍTULO 2. DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL E RECONSTRUÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA

2.1. Identidade	25
2.1.1. Identidade individual e identidade coletiva	27
2.2. Dinâmicas históricas das formas identitárias	29
2.2.1. Trajetórias sociais e formas identitárias	30
2.3. Crise das Identidades	32
2.4. Reconstrução identitária e Requalificação sócio-identitária	34
2.4.1. Momentos marcantes	35
2.4.2. Barreiras de exclusão e estratégias de inclusão	36

PARTE II - ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPÍTULO 3. OBJETO, OBJETIVOS E FINALIDADES DO ESTUDO	41
--	-----------

CAPÍTULO 4. METODOLOGIAS, MÉTODO E PROCEDIMENTOS

4.1. Metodologia e Método	43
4.2. Construção do Instrumento de Recolha de Narrativas	44
4.3. A construção das Dimensões de Análise	45

CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS RECOLHIDAS

5.1. Análise Compreensiva Descritiva e Correlacional	49
5.1.1. Momentos de crise, Vulnerabilidades, Rupturas	50
5.1.2. Estratégias implementadas a favor da sua inclusão social.	56
5.2. Análise Interpretativa	58
5.2.1. Influência das condições de doença	59
5.2.2. Construção de futuro	61
5.2.3. Forma identitária partilhada: carreira de assistidas	63
REFLEXÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
APÊNDICES	
Apêndice A - Consentimento Informado	77
Apêndice B - Guião de Entrevista	79
Apêndice C - Dimensões de Análise	83
Apêndice D - Transcrição Entrevista 1	85
Apêndice E - Transcrição Entrevista 2	105
Apêndice F - Transcrição Entrevista 3	127

INTRODUÇÃO

“A narrativa é o instrumento pelo qual o indivíduo procura reforçar o seu destino. Entre a experiência vivida e a narrativa, é frequentemente bastante difícil dizer qual é a mais motriz, a que domina” (Kaufmann, 2005, p. 133)

O termo **pobreza** abarca o conjunto de exclusões e marginalidades sociais; denota a privação de recursos materiais e culturais que um certo momento histórico produz e define como desejavelmente acessíveis. É uma das formas de manifestação das desigualdades sociais. Tende a constituir-se numa situação duradoura e em grande parte, transgeracional. Tal como um círculo vicioso difícil de romper, concentra-se em determinados grupos e reforça desvantagens materiais e culturais, somando às carências objetivas um certo sentido da inelutabilidade e da desistência (Capucha, 1994).

A *pobreza* contém uma forte componente estrutural, muitas vezes sendo transmitida entre gerações ou persistindo ao longo da vida dos indivíduos, no entanto, os que ingressaram há pouco tempo em situação de pobreza são categorizados socialmente como sendo *vulneráveis*, indivíduos que, por qualquer *incidente*, podem adentrar ou até mesmo permanecer na linha da pobreza.

Vulnerabilidade, em uma definição lata, é o potencial para a perda. A ciência da vulnerabilidade integra multidisciplinarmente as ciências sociais e naturais na compreensão das circunstâncias que colocam populações em risco, bem como quanto aos fatores que aumentam ou reduzem a capacidade de resposta e de recuperação dessas populações (Cutter, 2011).

No entanto, a pobreza não é um fenômeno recente e está profundamente ligada à estrutura e organização social, onde “ser pobre corresponde, em grande parte dos casos, a ter um estatuto fortemente sedimentado, com tradução continuada não só nas condições materiais de vida, mas também nas dimensões culturais e nas relações interpessoais, entre grupos e com as instituições” (Capucha, 1994, p. 95).

Relativamente aos dados do risco de pobreza e de exclusão social (onde se conjugam três indicadores: risco de pobreza, intensidade laboral e privação material e social), Portugal apresenta, de 2020 para 2021, um aumento de 12%, o que corresponde a mais de 256 mil pessoas, sendo o maior aumento anual do ‘risco

de pobreza ou exclusão social' verificado desde 2005.¹ Olhando para os níveis de desigualdade através do coeficiente de Gini² verifica-se que aumentou de 31.3% (2020) para 33% (2021), fazendo Portugal subir para a 5ª posição entre os 27 países da UE com maior nível de desigualdade.³

Nesta dissertação entende-se que, falar sobre pobreza é caminhar por um multiverso, adentrar condições de vulnerabilidade, categorias sociais de identidade, causas e efeitos espaciais e relacionais. Investigar a pobreza é estudar uma das formas de manifestação da desigualdade social e de maneira mais extrema, da exclusão social e refletir acerca do porquê o problema da pobreza ainda persiste em existir.

Do ponto de vista multidimensional, a pobreza envolve a falta de recursos e de rendimentos que garantam meios de subsistência (condições de habitação, de saúde, de educação, de emprego, alimentação, acesso a serviços básicos, passando pela discriminação e até exclusão social por privar o acesso a tais direitos fundamentais, no entanto, envolve também o modo como cada pessoa avalia o grau de satisfação relativamente às suas necessidades.

A forma tradicional de medir a pobreza, que é por meio do *nível de rendimento*, já vem sendo questionada e novos índices vêm sendo criados, como é o caso do Índice de Pobreza Multidimensional, desenvolvido pela Universidade de Oxford, por meio da Oxford Poverty and Human Development Initiative (OPHI), a pedido da Organizações das Nações Unidas (ONU), por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Esse indicador internacional de 'pobreza multidimensional aguda', considera várias privações que os sujeitos sociais experimentam em seu cotidiano, e tem como referência três dimensões: saúde, educação e padrão de vida, no entanto, mesmo alargando, esse índice ainda está distante de conseguir abarcar

¹ Acedido em: <https://www.eapn.pt/centro-de-documentacao/documentos/pobreza-e-exclusao-social-em-portugal-relatorio-2022/>

² Coeficiente de Gini do rendimento monetário líquido por adulto equivalente (%) é um indicador de desigualdade na distribuição do rendimento que visa sintetizar num único valor a assimetria dessa distribuição. Assume valores entre 0 (quando todos os indivíduos têm igual rendimento) e 100 (quando todo o rendimento se concentra num único indivíduo). Acedido em: https://www.ine.pt/bddXplorerer/htdocs/minfo.jsp?var_cd=0004212&lingua=PT

³ Acedido em: <https://www.eapn.pt/centro-de-documentacao/documentos/pobreza-e-exclusao-social-em-portugal-relatorio-2022/>

as múltiplas dimensões que a pobreza alcança, principalmente no que tange à sua subjetividade.

Considerando a existência de uma pluralidade identitária, sejam elas reconhecidas, atribuídas ou percebidas, mesmo não havendo uma única linha teórica na sociologia acerca da identidade, este trabalho também adentrou no universo das identidades individuais e coletivas.

O impulso inicial para a realização deste trabalho foi entender o que, nas narrativas de vida de mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade social, podem ser consideradas forças que as movem ou que as prendem, primeiramente enquanto indivíduos e depois enquanto sujeitos sociais, buscando ainda, entender a correlação que possa existir com a persistência da existência do fenômeno da pobreza e da exclusão social.

Este trabalho navegou entre pobreza, vulnerabilidade, identidades, questões objetivas e subjetivas, procurando desenvolver um olhar, um escutar e um se relacionar com essas questões a partir de uma abordagem de narrativa de vida com viés etnossociológico.

A questão de partida consubstanciou-se na seguinte inquirição: De que modo os discursos apresentados nas narrativas de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social influenciam as suas reconstruções sócio-identitárias? Esta questão genérica desdobrou-se noutra interrogação pertinente para a pesquisa e sua categorização: Tais discursos narrativos em torno dos momentos de ruptura social e das estratégias implementadas para inclusão, potencializam ou não o protagonismo das narradoras?

Assim, o presente estudo teve como **objetivo geral** compreender a influência dos discursos das mulheres em situação de vulnerabilidade social, evidenciados por meio das suas narrativas de vida, nas suas (re)construções sócio-identitárias.

Os **objetivos específicos** que decorreram do argumento central possuíram uma dupla ação:

- (1) Verificar, nas narrativas de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social, quais os momentos de ruptura e as estratégias implementadas a favor da sua inclusão social;

(2) Identificar se o sentido produzido pelas narrativas de vida potencializa ou despotencializa o protagonismo das mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Considerando o universo multidimensional onde se encontra a pobreza que é quase exclusivamente medido, analisado e tratado de maneira quantitativa, percebeu-se a importância da investigação qualitativa na medida que esta nos permitiu acessar e confrontar com a realidade a partir dos sujeitos que vivem o problema e com isso, ouvir o que os números não dizem.

No entanto, para aproximar o trabalho de uma vertente mais sociológica, alcançar a dimensão social e compreender um objeto social em profundidade, utilizou-se a abordagem etnossociológica, onde a *Narrativa de vida* (narrativa de práticas em situação) é utilizada para adentrar a um determinado *mundo social*, extrair informações, descrições, pistas que possam ajudar a compreender seu funcionamento e dinâmica interna (Bertaux, 2020, p.49).

Relativamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que compõem a 'Agenda 2030' e foram desenhados com o objetivo de "assegurar os direitos humanos, acabar com a pobreza, lutar contra a desigualdade e a injustiça", este trabalho se correlaciona ao ODS 1 que é erradicar a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares, ao ODS 5 que é alcançar a igualdade de gênero e ao ODS 10 que é reduzir as desigualdades.

Este trabalho está estruturado em duas partes.

A primeira parte traz o enquadramento teórico, contendo dois capítulos. O primeiro capítulo aborda os conceitos de pobreza e sua multidimensionalidade, bem como os marcos históricos na luta em prol da dignidade humana. É ainda nesse capítulo que abordamos a relação entre pobreza e situação de vulnerabilidade social, rupturas e dependências e a pobreza no feminino. O segundo capítulo aborda conceitos de identidade (individual e coletiva), traz a discussão acerca das diversas crises das Identidades. Neste capítulo também é abordado os conceitos de formas identitárias, trajetórias sociais, rupturas e estratégias de inclusão, bem como reconstrução identitária e requalificação sócio-identitária.

A segunda parte traz o enquadramento metodológico, contendo dois capítulos. O primeiro capítulo aborda o objeto, objetivos e finalidade do estudo. O segundo capítulo apresenta a metodologia, o método, os instrumentos de recolha

e análise das informações empíricas. Por fim, o terceiro capítulo é onde são apresentadas as informações recolhidas e as consequentes análises do estudo.

Em termos de **pertinência científica**, procurou-se trazer luz para às subjetividades existentes no contexto da pobreza, sendo esta algo multidimensional. Em termos de **pertinência social**, buscou-se visibilizar a situação das mulheres em vulnerabilidade social sabendo que, para poder intervir de maneira específica é preciso reconhecer particularidades e diferenças. Em termos de **pertinência política**, buscou-se contribuir para o debate da necessidade da construção de políticas públicas que considerem questões subjetivas da pobreza, que sejam específicas para a *pobreza no feminino* e facilitadoras de promoção social, para além dos assistencialismos.

Este estudo pretendeu ainda contribuir para ampliar o conhecimento social de questões subjetivas relativas à pobreza, nomeadamente a pobreza no feminino. aspecto inovador neste trabalho reside na operacionalização de uma abordagem procedente de narrativas de vida com foco no estudo etnossociológico e na indicação de intervenção social multisetorial (sociologia, serviço social, psicologia, antropologia).

Aprofundar os estudos e as análises relativamente a esses temas, bem como privilegiar novas dimensões de análise e investigação como formas de obter novos diagnósticos e informações necessárias ao bom desenho, implementação e avaliação de novas políticas de combate à pobreza e à exclusão, é de grande valia e urgência.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1. MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Entendendo que a pobreza contém uma forte componente estrutural, muitas vezes sendo transmitida entre gerações e persistindo ao longo da vida dos indivíduos e das sociedades, mas também exercendo grande influência de categorização social dos que ingressaram há pouco tempo em situação de pobreza como sendo *vulneráveis*, neste capítulo abordaremos a correlação entre pobreza e vulnerabilidade, procurando entender esse fenômeno dentro do universo feminino.

1.1. A Pobreza e sua Multidimensionalidade

Definir a pobreza é algo tão desafiador quanto a sua resolução ou até mesmo a mitigação desta condição e/ou modo de vida, pois é restringir, algo multidimensional e multifacetado, ao que o seu significado consegue abranger. A análise do conceito de pobreza desafia várias abordagens. De forma estruturante, optou-se por sua contextualização histórica para uma abordagem mais subjetiva.

O conceito de pobreza não se manteve inalterado com o passar do tempo, pois as suas configurações e significados também dependem da sociedade em que se insere. No passado, encontrava-se, fundamentalmente, relacionado ao rendimento monetário e às "necessidades de sobrevivência", sentido fisiológico, (Boothe e Rowntree, 1901, *apud* Costa, 1984) mas com a continuidade dos estudos, Rowntree (1936) o conceito de subsistência física foi ultrapassado por se considerar "necessidades acrescentadas que abrangiam aspectos de natureza social e cultural" (Rowntree, 1936, *apud* Costa, 1984). Fundamentado pela noção das necessidades elementares, a começar pela subsistência, o conceito de pobreza é caracterizado como absoluto e por outro lado, possível de ser traduzido em referências de base científica, caracterizado e medido, tornando-se um conceito objetivo.

O relatório do Banco Mundial ao qualificar a pobreza como "uma condição de vida de tal modo caracterizada por subnutrição (saúde), analfabetismo (educação) e doença que fica abaixo de qualquer definição razoável de decência humana", introduz características da componente subjetiva associadas às

expressões 'definição razoável' e 'decência humana' (World Bank, 1980 *apud* Costa,1984, p.280). A componente subjetiva da definição de pobreza relaciona-se com os critérios de valor e de comportamentos associados e é relativa quando comparada a outras situações contextualmente referenciadas na sociedade em análise (Scott, 1981, *apud* Costa,1984). Investigar a pobreza é estudar uma das formas de manifestação da desigualdade social e de maneira mais extrema, da exclusão social.

A força do estatuto social (dimensões materiais, culturais e relacionais), abarca a extensão das relações que um indivíduo tem a permissão de estabelecer, tanto com indivíduos do mesmo estatuto, como de estatutos diferentes. Se ser pobre é uma condição social que molda o modo de ser e estar no mundo, sendo que “esse estatuto recobre uma variedade de posições, disposições e trajetórias, que correspondem a diversas maneiras de ser, de pensar e de se sentir como pobre” (Capucha, 1994, p.95), por que as políticas públicas abrangem o *estar pobre* - ligado à dimensão física, material, objetiva, monetária - e não ampliam o seu alcance ao *ser pobre* – ligado à dimensão identitária, imaterial, subjetiva? A dimensão subjetiva da pobreza, que não aparece nas estatísticas, é invisibilizada, pois aos olhos dos índices, não existe.

Tratando-se da Europa, no final do século XIX, o problema da pobreza começou a ser evidenciado à medida que iam sendo gerados os problemas com os processos de industrialização e urbanização (Capucha, 1994). No entanto, quase dois séculos depois, a pobreza insiste em ser um problema amplamente discutido e, na mesma proporção, desafiador.

Dentro de uma multidimensionalidade, a pobreza envolve mais do que a falta de recursos e de rendimentos que garantam meios de subsistência. Envolve, ainda, a falta de condições de habitação, de saúde, de educação, de emprego, manifestando-se através da fome, do acesso a serviços básicos, passando pela discriminação e até exclusão social por privar o acesso a tais direitos fundamentais.

A dimensão subjetiva da pobreza é realçada por Costa (1984) como sendo o modo como cada pessoa avalia o grau (suficiente ou não) de satisfação relativamente às suas necessidades.

O conceito subjetivo da pobreza serve não só para se averiguar de que lado da linha divisória da pobreza cada um considera estar, mas também para se analisar a percepção que as pessoas – os cidadãos em geral – têm da existência (ou inexistência) da pobreza na sociedade em que

vivem, e o modo como qualificam o grau de severidade da pobreza existente (Costa, 1984, p.287-288).

O estudo *A pobreza em Portugal: Trajetos e Quotidianos* revela que o pobre não se considera tão pobre porque acredita que há pessoas ainda mais pobres, ou em situação mais dramática do que a que ele vive. (Diogo, 2021). Baseado nesse estudo, Eugénio Fonseca, presidente da Confederação Portuguesa do Voluntariado, ressalta:

Isto pode ter uma relação com algo que no nosso país (Portugal) é dramático, que é a estigmatização do pobre e nós temos visto isso na aplicação de algumas medidas, nomeadamente em uma que até se limita a minorar a agressividade da pobreza, e não erradicar a pobreza, que é o RSI [...] a estigmatização que se fez à volta de uma medida que é uma medida muito primária. E, portanto, há uma narrativa que tem que mudar à volta da pobreza para que essa situação de conformismo, de resignação [...] que muitas vezes está ligada a uma certa vergonha que se tem de se apresentarem como tal (como pobres) (FFMSPT, 2021).

Conforme exposto, existem vários pontos de vista sobre a problemática, nas quais as perspectivas básicas abordam a pobreza do ponto de vista da subsistência e da desigualdade. Entretanto destacamos a perspectiva da *externalidade*, quando a pobreza extrapola para além de quem a vive, conforme pontua Rein, tornando-se um problema social com consequências para com o resto da comunidade (Rein, 1977 *apud* Costa, 1984).

1.2. Marcos históricos na luta em prol da dignidade humana

Com o objetivo de unir todas as nações do mundo em prol da paz e do desenvolvimento e tendo como princípios básicos *a justiça, a dignidade humana e o bem-estar de todos*, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 1945. Em 1948, em uma das suas Assembleias Gerais, a mesma organização proclama a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, pensada e elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo. Trata-se de um dos primeiros grandes movimentos com objetivo de estabelecer, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos.

A pobreza, muitas vezes identificada como sendo um problema económico, apresenta-se no artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos como

sendo, acima de tudo, “um problema de violação de direitos fundamentais e humanos”:

Todas as pessoas têm o direito a um nível adequado para si e para a sua família, incluindo a alimentação, vestuário, habitação e cuidados médicos e os serviços sociais de que necessitem, bem como o direito à segurança económica em caso de ocorrência de desemprego, doença, incapacidade, viuvez, velhice ou outra qualquer falta de condições de subsistência devido a circunstâncias que estejam fora do seu controlo (Pereirinha, 2019, p.6).

Remontando o dia 17 de outubro de 1987, no qual mais de cem mil pessoas reuniram-se em Paris para relembrar as vítimas da pobreza, da violência e da fome, o dia em 17 de outubro de 1992 foi instituído pela ONU o **Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza**.

Em um momento histórico que ocorreu em 1995 em Copenhague e reuniu diversos líderes mundiais, a Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social e na presença de mais de 14.000 pessoas, promulgou a Declaração de Copenhague sobre o Desenvolvimento Social, representando um novo esforço para colocar as pessoas no centro do desenvolvimento, orientando, desde então, ações multilaterais com o objetivo de promover o desenvolvimento social. O ‘Programa de Ação’ vinculado a essa declaração firmou 10 compromissos, incluindo a *erradicação da pobreza, redução da desigualdade e promoção e integração social*. A Declaração enfatizou a erradicação da pobreza como um imperativo ético, social, político e econômico.

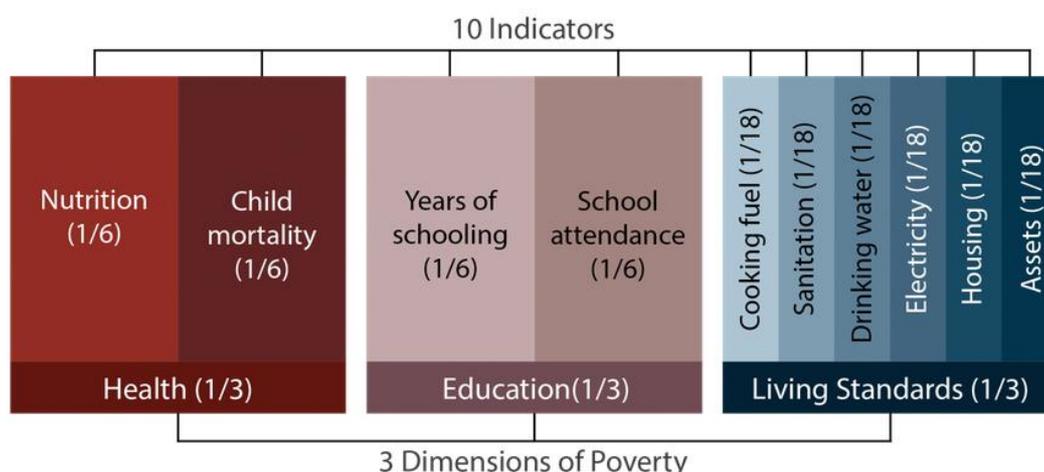
Em 2000 foi proclamada a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, composta por um preâmbulo e cinquenta e quatro artigos divididos em sete títulos, entre eles: Dignidade, Igualdade, Solidariedade e Cidadania, constituindo, nesse momento, apenas um compromisso político. Em 2007 a carta recebeu algumas adaptações para que adquirisse o mesmo valor que os Tratados e passou a ter seu cumprimento obrigatório nas Instituições, Órgãos e Agências dos Estados-Membros quando aplicam o *direito da União Europeia*. Em Portugal, entrou em vigor em 1 de dezembro de 2009 com o Tratado de Lisboa, passando então a ter força de lei.

Por entender a pobreza como um problema multidimensional, em 2010 a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), juntamente com a Universidade de Oxford, por

meio da Oxford Poverty and Human Development Initiative (OPHI), elaboraram o Índice de Pobreza Multidimensional Global (IPMG). Esse indicador internacional de *pobreza multidimensional aguda*, considera várias privações que os sujeitos sociais experimentam em seu cotidiano, e tem como referência três dimensões: saúde, educação e padrão de vida. De acordo com relatório de 2021, produzido nesse estudo, foram apresentados os indicadores relativos a 109 países, onde encontram-se 5,9 bilhões de pessoas, três quartos da população mundial, sendo que dentre estas, 1,3 bilhões (21,7%) são identificadas como sendo ‘pobres multidimensionais’ segundo esse índice. O índice mostra ainda ‘como a pessoa é considerada pobre’, em termos das privações sobrepostas que enfrenta (UNDP, 2022).

Figura 1

Índice de Pobreza Multidimensional Global (IPMG)



© Oxford Poverty and Human Development Initiative (OPHI)

Fonte: Índice de Pobreza Multidimensional Global: Dimensões e Indicadores (UNDP, 2022)⁴

Mesmo alargando para além da forma tradicional de medir a pobreza, que é por meio do nível de rendimento, o IPMG ainda está distante de conseguir abarcar as múltiplas dimensões que a pobreza alcança, principalmente no que tange à sua subjetividade. Esse índice, mesmo sendo um importante passo na direção da

⁴ Acedido em: <https://hdr.undp.org/content/2022-global-multidimensional-poverty-index-mpi#/indicies/MPI>

medição multidimensional da pobreza, continua abrangendo questões estruturais, materiais, mas, no entanto, deixando de fora questões subjetivas justamente por não serem mensuradas em pesquisas oficiais de medição da pobreza e por meio das quais esse índice se baseia para gerar o indicador internacional de pobreza multidimensional aguda.

Com o compromisso de combater injustiças e desigualdades, bem como erradicar a pobreza e outros males da sociedade, no início do 2º milênio (2000) e após meses de conversações, 189 países, por meio da ONU, firmaram a promessa, que se concretizou nos 8 Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), acompanhados por 60 indicadores e 21 metas para monitorização, a serem alcançados até 2015. Em setembro de 2010 esse compromisso foi reavaliado e renovado.

Na direção de assegurar uma forte dinâmica de conjugação de esforços e uma multiplicidade de atores, incluindo Organizações não-governamentais, o Setor Empresarial privado, a Academia e o Estado, em 2015, a ONU consolidou o documento 'Agenda 2030', composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), dentre os quais estão: assegurar os direitos humanos, acabar com a pobreza, lutar contra a desigualdade e a injustiça. Nomeadamente ligados à pobreza e questões de género, o ODS 1 é erradicar a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares, o ODS 5 é alcançar a igualdade de género, o ODS é reduzir as desigualdades.

Revisitando os esforços de muitos países para explicitar por meio de declarações, tratados, acordos internacionais a luta para assegurar direito a um nível de vida suficiente, fica a reflexão do porquê o problema da pobreza ainda persiste e coexiste com problemas como a desigualdade e exclusão social?

1.3. Quem são os pobres em Portugal?

Portugal tem vindo a ser considerado como um país de desenvolvimento intermédio, situando-se equidistante entre os mais ricos e os tidos como do "Terceiro Mundo". Com desiguais dinamismos económicos e demográficos que vão desenhando diferenças nas vulnerabilidades e dependências, bem como nos fluxos migratórios, tanto internos quanto internacionais (Capucha, 1994).

Como resultado do crescente envolvimento dos cidadãos para lidar com essa situação, muitas instituições de diversificado ponto de vista social, formação jurídica, amplitude e até mesmo área de intervenção, foram sendo estabelecidas. Em Portugal, parte dessas instituições estão ligadas à Igreja quer por afiliação ideológica quer por inserção organizacional, e possuem historicamente a tendência para realização de atividades do tipo assistencial e caritativa (Capucha, 1994). Observa-se um movimento para tratar as consequências relativas às desigualdades, no entanto, não se nota um forte movimento para mexer nas velhas estruturas que causam vulnerabilidades e dependências.

Existem fatores estruturais como a dificuldade de acesso à habitação, emprego, saúde, educação e até a discriminação, que desempenham um importante papel na perpetuação da pobreza. Porém, a diversidade de fatores que podem conduzir à situação de pobreza não são simplesmente relacionados a experiências individuais de condições relativas a desemprego, nível educacional, divórcio, luto ou violência doméstica. Fatores institucionais, como serviços desarticulados e sistemas de benefícios inadequadamente estruturados podem fazer com que muitos indivíduos e famílias encontrem-se a viver na pobreza ou no seu limiar. Há ainda fatores individuais não demonstrados nas estatísticas que podem estar a perpetuar situações de pobreza, quer por excesso de resiliência, quer por constante resignação.

Aprofundar os estudos e as análises relativamente a esse tema, bem como privilegiar novas dimensões de análise e investigação como formas de obter novos diagnósticos e informações necessárias ao bom desenho, implementação e avaliação de novas políticas de combate à pobreza e à exclusão, é de grande valia e urgência. Com esse intuito foi fundada em 1990 a Rede Europeia Anti-Pobreza, ligando Organizações Europeias nacionais, regionais e locais que lutam contra a pobreza. Atuante em 31 países, iniciou sua atuação em Portugal no ano de 1991, obtendo em 1995 o estatuto de Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD).

Para se aproximar da realidade e colaborar ativamente para a erradicação da pobreza e da exclusão social em Portugal, foi criado em 2018 o Observatório Nacional para a Erradicação da Pobreza. Com a missão de observar permanentemente o fenómeno da pobreza e de exclusão social na sociedade portuguesa, atende não só às suas diversas manifestações e efeitos nas diferentes

esferas da vida social, mas também aos processos relacionados a esses fenómenos, sem deixar de examinar criticamente as estratégias de luta pela sua erradicação e respectivos impactos.

Tendo ainda em vista a erradicação da pobreza, Portugal desenvolveu uma Estratégia Nacional de Combate à Pobreza (ENCP) para, no período entre 2021 e 2030, servir de instrumento de articulação transversal e integrada de políticas públicas, em estreita articulação com o Pilar Europeu dos Direitos Sociais e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030. Seus objetivos e conteúdos assentam numa visão da pobreza como um fenómeno que exige uma atuação integrada das diferentes áreas setoriais no domínio da intervenção pública, tratando-se de uma estratégia *ponta pé de saída*, mas não *ponto de chegada* sendo que sua capacidade transformadora está dependente da vontade local na concretização das políticas públicas.

O estudo *A pobreza em Portugal: trajetos e quotidianos*, realizado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos e que teve como principal objetivo responder à questão “quem são e como vivem os pobres em Portugal?”, apresentou dados referentes a 2017, onde 2,4 milhões de indivíduos (23,3 % da população) se encontravam em ‘situação de pobreza ou exclusão social’. Esse estudo encontrou a resignação enquanto sentimento dominante que perpassou o discurso das pessoas dos quatro perfis entrevistados: Reformados; Precários; Desempregados e Trabalhadores. (Diogo, 2021).

De acordo com Eugénio Fonseca, presidente da Confederação Portuguesa do Voluntariado:

Estamos num país (Portugal) que, apesar das fragilidades económicas assumiu, politicamente, que a pobreza era uma violação dos direitos humanos. Isso traz encargos em termos das responsabilidades políticas, muito sérios. E nunca se fez do combate a esse flagelo um desígnio nacional... Os próprios que precisam ter acesso a essas medidas de proteção social estão perante um emaranhado de medidas, uma diversidade tal, que muitas vezes tem dificuldade em chegar lá, a juntar uma burocracia, às vezes totalmente despropositada relativamente aos próprios benefícios de proteção social que têm. E essa burocracia muitas vezes até impede as pessoas de terem a vontade de lhes aceder. E depois um problema que parece um problema nacional que é a desarticulação entre os diversos atores que deveriam intervir no combate, a começar logo por aqueles que têm responsabilidade na criação das políticas públicas... e o estudo “A pobreza em Portugal: Trajectos e Quotidianos” refere isso com muita clareza ‘que estamos perante um problema uno, mas diverso’, complexo, onde tem que intervir vários setores, não é um problema apenas da segurança social, é um problema da educação, do trabalho, da habitação, da justiça, da saúde, da coesão territorial e portanto nós

sabemos quão difícil é a articulação entre esses diferentes setores da governação. Eu tenho defendido que a gestão deste problema devia estar localizada, por exemplo, na presidência do conselho de ministros, para que essa articulação fosse mais fácil, porque em termos de eficácia, nota-se como a proporção dos meios relativamente à eficácia é diminuta e depois a eficiência faz muitas vezes atirar dinheiro para cima dos problemas sem ter depois as consequências benéficas que esses investimentos são feitos (FFMSPT, 2021).

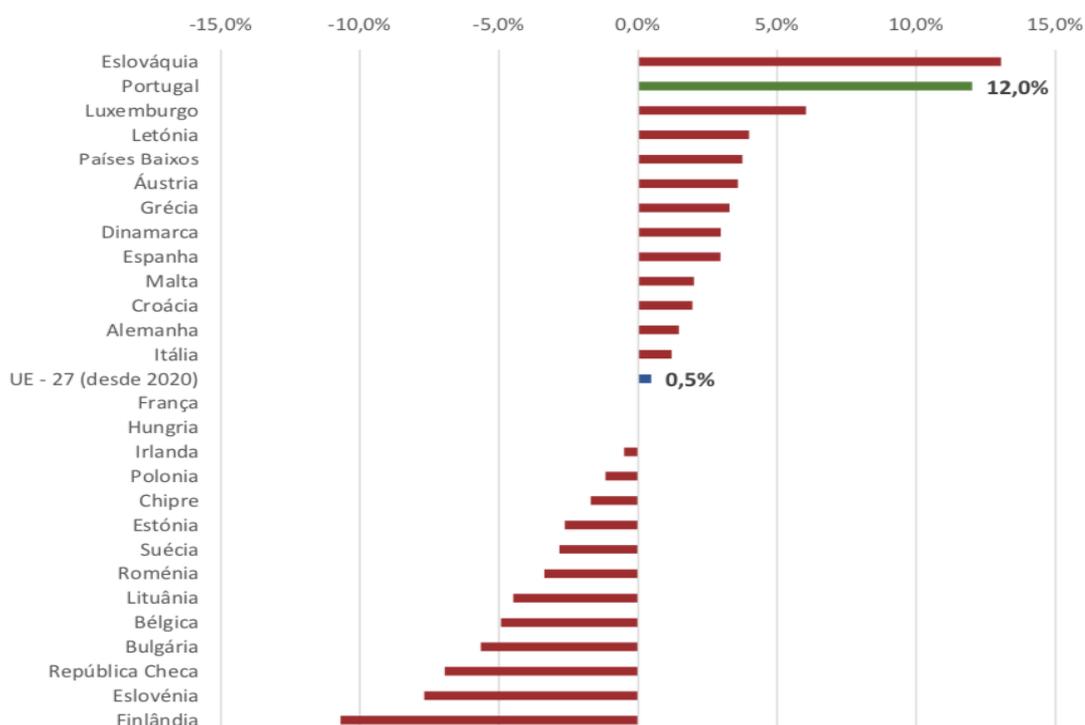
No que tange aos dados do risco de pobreza e de exclusão social relativos a Portugal, analisados no relatório *Pobreza e Exclusão Social em Portugal 2022*, elaborado pelo Observatório nacional luta contra a pobreza, onde se conjugam três indicadores: risco de pobreza, intensidade laboral e privação material e social, ficou demonstrado em 2021 um aumento de 12%, face ao inquérito de 2020, relativamente ao risco de pobreza ou exclusão social, o que corresponde a mais de 256 mil pessoas. Foi o maior aumento anual do *risco de pobreza ou exclusão social* verificado em Portugal desde 2005. Ao olhar para os níveis de desigualdade através do coeficiente de Gini⁵ verifica-se que aumentou de 31.3% para 33%, fazendo Portugal subir para a 5ª posição entre os 27 países da UE com maior nível de desigualdade (EAPN, 2022).

As estatísticas oficiais representadas por números percentuais como a *taxa de risco de pobreza* permitem uma primeira aproximação ao problema da pobreza em Portugal, uma vez que ajudam a conhecer quantos e quem são os indivíduos em situação de pobreza e podem até ser um bom ponto de partida para fundamentar algumas políticas públicas que visam combater a pobreza, mas dizem-nos pouco sobre a sua diversidade e multidimensionalidade.

⁵ Coeficiente de Gini do rendimento monetário líquido por adulto equivalente (%) é um indicador de desigualdade na distribuição do rendimento que visa sintetizar num único valor a assimetria dessa distribuição. Acedido em: https://www.ine.pt/bddXplorer/htdocs/minfo.jsp?var_cd=0004212&lingua=PT

Gráfico 1

Varição anual da taxa de risco de pobreza⁶ ou exclusão social (2020/2021)



Fonte: EAPN (2022) *Relatório Pobreza e exclusão social em Portugal*, inquéritos 2020/2021

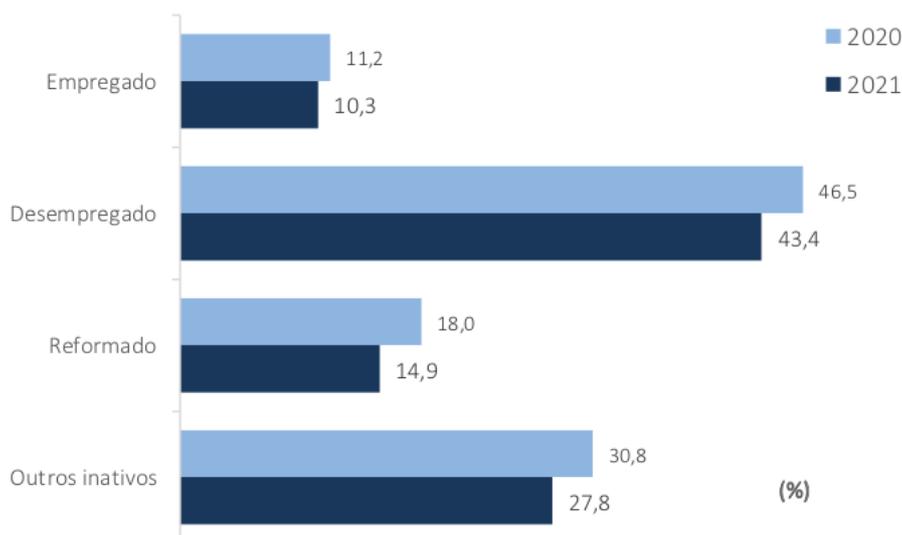
No entanto, acabar com situações de pobreza não significa criminalizar as pessoas ou julgar a sua situação, significa investir em soluções tão multidimensionais quanto o próprio problema, não apenas em medidas emergenciais e temporárias, que por décadas apenas têm gerenciado o problema sem o erradicar.

Traduzindo essa perpetuação da pobreza em números, considerando o Inquérito relativo às Condições de Vida e Rendimento realizado em Portugal no ano de 2022, observa-se que o risco de pobreza diminuiu para a população empregada, de 11,2% em 2020 para 10,3% em 2021, e para a população desempregada, de 46,5% em 2020 para 43,4% em 2021, conforme observa-se na tabela abaixo:

⁶ A taxa de risco de pobreza representa a percentagem de pessoas que têm rendimentos considerados baixos face à restante população, ou seja, que ficam abaixo do valor fixado para o limiar de risco de pobreza.

Gráfico 2

Taxa de risco de pobreza segundo a condição perante o trabalho, Portugal, 2020-2021⁷



Fonte: INE, Inquérito às Condições de Vida e Rendimento 2021-2022.

A desigualdade diminuiu em 2021, demonstrada pelo Coeficiente de Gini, que registou um valor de 32,0%, menos 1,0 p.p. do que em 2020 (33,0%), conforme observa-se na tabela abaixo:

Tabela 1

Indicadores de desigualdade do rendimento, Portugal, 2016-2020⁸

	unidade	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Coeficiente de Gini	%	33,5	32,1	31,9	31,2	33,0	32,0
S80/S20	n.º	5,7	5,2	5,2	5,0	5,7	5,1
S90/S10	n.º	10,0	8,7	8,6	8,1	9,8	8,5

Fonte: INE, Inquérito às Condições de Vida e Rendimento 2017-2022.

Conforme observado no gráfico abaixo, a taxa de risco de pobreza em Portugal se mantém muito dependente das transferências relativas a pensões e

⁷ Acedido em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=541059446&DESTAQUESmodo=2

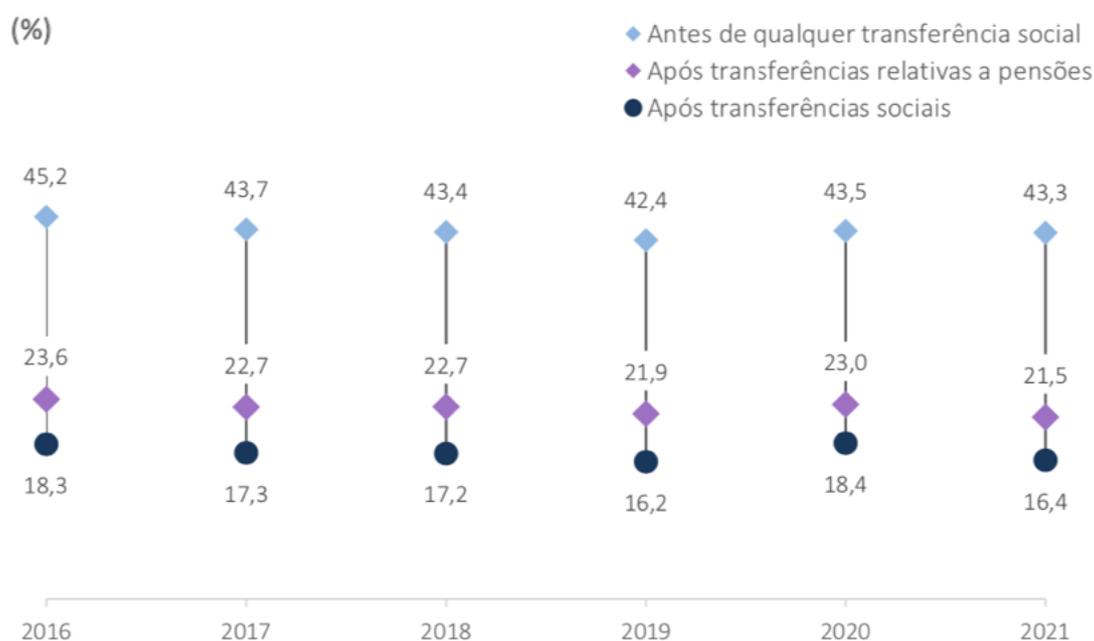
⁸ Acedido em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=541059446&DESTAQUESmodo=2

aos apoios sociais para se manterem por volta de 16,4%, resultado que, ainda assim, é considerado alto. Sem as transferências dos apoios sociais o percentual da taxa de risco de pobreza sobe para 21,5% e se ainda desconsiderarmos qualquer transferência social, incluindo as pensões, o percentual atinge os 43,3%. O gráfico ainda mostra que ao longo dos anos, considerando o período que vai de 2016 a 2021, não houve grande variação quanto à minimização desse percentual, apesar da criação e da implantação de estratégias nacionais de combate à pobreza, feitas para direcionarem novas políticas públicas. Seria porque essas políticas continuam a ser *mais do mesmo*? Seria porque falta a participação de diferentes órgãos, com diferentes visões acerca do mesmo problema? Seria pela não participação das pessoas que passam pela situação?

Gráfico 3

Taxa de risco de pobreza considerando as transferências sociais, Portugal, 2016-2021



Fonte: INE (2023), Inquérito às Condições de Vida e Rendimento 2017-2022

Como se nota, não é recente a preocupação das nações relativamente à violação dos direitos fundamentais e humanos, incluindo a preocupação com relação à pobreza e sua erradicação, desigualdade e injustiças sociais. O

movimento para tratar o problema multidimensional da Pobreza já vem sendo analisado e combatido há muito tempo, de maneira Global, por meio de Declarações, Cartas, Tratados, Programas etc. No entanto, por mais que sejam disponibilizados materiais muito bem elaborados, ainda não se consegue tratar, de maneira micro e objetiva, a complexidade que o problema da pobreza traz consigo.

1.4. Das rupturas às dependências

Entre fragilidades, assistências e dependências, o estado de pobreza - falta de bens materiais - leva o sujeito a um estatuto social específico, identificando-se como inferior e desvalorizado, marcando com isso, profundamente a sua identidade. “O pobre foi sempre portador de uma condição humilhante” (Paugam, 2003).

Paugam (2003) busca acentuar a ideia de processo e dissipar o mal-entendido existente em algumas terminologias, talvez por perceber o poder que há na perpetuação de certas narrativas. “Des-objetifica” as pessoas que procuram as assistências ao se referir à *fragilidade existente na desclassificação social e nas dificuldades de (re)inserção profissional* ao invés de simplesmente nomeá-los como *frágeis*. Aponta que as repetidas buscas por assistências criam um ciclo que agrava as dependências, caracterizando rupturas nos laços sociais, que quanto mais marginais, mais se tornam sinônimo de dessocialização.

A pobreza esteve sempre muito relacionada a grupos marginalizados, a famílias multi-problemáticas, grupos conhecidos principalmente pelos trabalhadores dos serviços sociais ou por voluntários que se envolviam com essas causas. O discurso remetia para a incapacidade de inserção social para uma inadaptação individual, que colocava no sujeito a incompetência relativa a essa “não inserção”. Na ânsia de medir quantitativamente a pobreza, investigadores sociais, das ciências humanas e particularmente sociólogos, tentaram definir traços comuns que pudessem ligar a identidade dos sujeitos ao estado de pobreza. Isso fez com que critérios absolutos relativos a necessidades de subsistência biológica como alimentação, alojamento, vestuário, definissem as técnicas propostas para medir o fenômeno. No entanto, as necessidades variam à medida que o modelo de existência vai evoluindo com a história.

De acordo com Isabel Guerra, perita em políticas sociais, a pobreza é o resultado de uma relação entre as necessidades sentidas e as oportunidades de as satisfazer.

A lógica da nossa ação e da nossa construção de futuro, pobres e não pobres, é sempre esta relação entre necessidades e oportunidades. Do meu ponto de vista, as políticas públicas deveriam dar novas oportunidades e não necessariamente ... ter essa concepção material da pobreza onde ela se resolve com mais um subsídio... quando nós somos capazes de ler as necessidades e gerar as oportunidades, valeria a pena verificar se isso funciona como saída do ciclo vicioso da pobreza (FFMSPT, 2021).

1.5. Relação entre pobreza e situação de vulnerabilidade social

Tradicionalmente a pobreza é ligada a uma forte componente estrutural, isto é, transmitida entre gerações ou muito persistente ao longo da vida dos indivíduos; os que ingressaram há pouco tempo em situação de pobreza são categorizados socialmente como sendo *vulneráveis*, indivíduos que estão pouco acima do limiar do que é considerado *pobreza*, mas qualquer incidente os pode fazer adentrar e permanecer na linha da pobreza.

Desigualdade e pobreza são duas faces da mesma moeda, mesmo que muitas teorias não apontem que existe relação de causalidade entre esses dois fenómenos. Talvez um possível entrave para a eficácia das políticas públicas no combate à pobreza e às desigualdades comece no não reconhecimento da correlação entre esses dois fenómenos.

A transferência de recursos para as famílias mais pobres com o objetivo de erradicar a pobreza é uma solução emergencial que já demonstrou não ter o poder de modificar situações enraizadas de pobreza e vulnerabilidade. Criar políticas públicas que considerem as questões das desigualdades implica, também, mexer em privilégios.

Porém, a forma como se olha para esses dois fenómenos afeta a forma como se desenvolvem e se implementam as políticas públicas, bem como quais obstáculos terão que ser enfrentados. É inegável que a carência de recursos económicos no fenómeno da pobreza é determinante, mas existem outros fatores que não são detectados pelos instrumentos, conseqüentemente não aparecem nos discursos e não são cuidados pelas políticas públicas. Se continuarmos não questionando os indicadores desses instrumentos, continuaremos sabendo apenas

o que esses indicadores dizem e desconhecendo o que eles escondem, não sabendo o impacto de determinadas políticas que não são abrangidas no espectro de medição desses índices.

De acordo com o estudo *A pobreza em Portugal: Trajectos e Quotidianos* todos os perfis apresentaram um grande conformismo relativamente à situação pela qual passam, não possuindo expectativas quanto às mudanças (Diogo, 2021).

Esses dados demonstram, portanto, que o conformismo está na incapacidade de poder alterar, quer a lógica como estão na vida (sendo pobres), quer a lógica das políticas sociais.

1.6. Pobreza no feminino

A pobreza tem uma dimensão de género que implica a necessidade de indicadores específicos para poderem medir-se as diferenças, inclusive numa perspectiva da sua evolução temporal e dos efeitos das políticas públicas (Pereirinha, 2008).

Introduzida por Diana Pierce em 1978, a noção da *feminização da pobreza*, chamou a atenção para a realidade da pobreza no feminino que se traduz por um agravamento da situação das mulheres em termos de pobreza, por uma crescente participação na actividade económica, realidade esta que sublinhou a importância da perspectiva do género nos estudos sobre a pobreza (Pereirinha, 2008).

Os estudos realizados a respeito da pobreza começaram por centrar-se na observação do agregado familiar e, assim, desconsideraram a perspectiva de género, limitando o alcance analítico das investigações, não evidenciando situações de pobreza oculta de alguns membros da família (Pereirinha, 2008). Esta tendência tem vindo a ser contrariada de modo a evidenciar a desigualdade do empobrecimento no seio da família evidenciando, como ensinaram os renomados economistas Manuela Silva e Bruto da Costa que, numa família pobre, a mulher é o elemento mais pobre do agregado.

A desigualdade em causa é visível nas seguintes questões:

- i) A mulher tradicionalmente, e com maior relevo para as culturas patriarcais, detêm menor poder;

- ii) Os rendimentos económicos não são, por vezes, equivalentes entre mulheres e homens, havendo diferentes formas de obtenção e gestão de recursos financeiros;
- iii) A inexistência de indicadores específicos de privação por género, desconsiderando que tradicional e culturalmente as mulheres detêm um papel mais gregário que os homens, chamando para si as carências da casa;
- iv) As diferentes fases do ciclo vital familiar onde se observa o agravamento, para as mulheres, da situação de pobreza nos períodos de transição, nomeadamente na fase da reforma ou na ocorrência de divórcio ou separação.
- v) A monoparentalidade é percentualmente mais vista entre as mulheres com a *representante da família* sendo do género feminino.

Entre os grupos que se encontram em maior risco de pobreza ou exclusão social, cabe ressaltar que 23.5% são mulheres, comparativamente a 21.2% dos homens, conforme detalhado na tabela abaixo:

Tabela 2

Taxa de Risco de Pobreza ou Exclusão Social – Género

Taxa de risco de pobreza ou exclusão social (EU-2030)				
Grupo Sociodemográfico	EU-SILC 2021	EU-SILC 2020	EU-SILC 2021	Variação anual (2021-2020)
	Portugal		UE27	Portugal
Total %	22,4	20,0	21,7	12,0%
Tota N° (milhares)	2 312,0	2 056,0	95 435	12,5%
Género				
H	21,2	18,9	20,7	12,2%
M	23,5	20,9	22,7	12,4%

Fonte: EAPN (2022)

Os encargos com a família (crianças e idosos) e os trabalhos domésticos, ambos mais comumente direcionados e assumidos pelas mulheres, fazem com que as trajetórias de pobreza entre elas sejam ainda mais longas pois as levam a reduzirem o tempo destinado aos trabalhos remunerados ou até mesmo a

renunciarem a eles. Há ainda a ausência ou a insuficiência de apoios para minimizar o tempo despendido pelas mulheres com esses trabalhos que são muitas vezes *invisíveis* e não remunerados (Pereirinha, 2008).

Reconhecendo a existência da relação entre “mulheres e pobreza” e a consequente necessidade de definir ‘objetivos e planos de intervenção específicos’ a Organização das Nações Unidas organizou quatro conferências mundiais sobre mulheres que ocorreram na Cidade do México em 1975, Copenhague em 1980, Nairobi em 1985 e Pequim em 1995.

A conferência de Pequim, baseando-se nas três conferências anteriores, consolidou cinco décadas de avanços jurídicos destinados a garantir a igualdade entre mulheres e homens nas leis e na prática, adotando uma Declaração e uma Plataforma de Ação de Pequim (PAP). Serviu como um ponto de virada significativo para a agenda global para a igualdade de gênero, definindo um conjunto de objetivos e ações estratégicas para a conquista da igualdade de gênero considerando as 12 áreas seguintes:

- Mulheres e pobreza
- Educação e treinamento de mulheres
- Mulheres e saúde
- Violência contra a mulher
- Mulheres e conflitos armados
- Mulheres e a economia
- Mulheres no poder e tomada de decisão
- Mecanismo institucional para o avanço das mulheres
- Direitos Humanos das Mulheres
- Mulheres e a mídia
- Mulheres e o meio ambiente
- A menina-criança

Essa declaração é, ainda hoje, um dos principais quadros de referência para a promoção da igualdade de gênero e as suas disposições são dialogantes com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a Agenda 2030 das Nações Unidas, especialmente com o ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

CAPÍTULO 2. DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL E RECONSTRUÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA

Entendendo a existência de uma plural concepção acerca de identidade, neste capítulo abordaremos a correlação entre identidade individual e social, passando pela dinâmica das formas identitárias, procurando entender esse fenômeno dentro da reconstrução sócio-identitária.

2.1. Identidade

“A identidade, produto da representação subjetiva, tem efeitos materiais e sociais profundos” (Kaufmann, 2005, p.140).

Duas grandes correntes filosóficas que influenciaram os estudos sociais relativos à identidade foram a corrente essencialista (ou substancialista), que repousa sobre a crença da essência enquanto algo que permanece imutável e original mesmo ao longo do tempo e a corrente nominalista (ou existencialista - perspectiva defendida nesta dissertação). Esta aborda a identidade como sendo o resultado de uma identificação contingente que varia historicamente e depende do seu contexto de definição. Nessa linha de pensamento, a identidade é paradoxalmente o resultado duma operação linguística de singularidade (aquilo que é único) e pertença comum (aquilo que é partilhado).

Desde sua obra “A Socialização”, Claude Dubar (Dubar, 1997, *apud* Dubar, 2006) aponta o perigo da visão essencialista que desconsidera a pluralidade existente na concepção de identidade. Porém, no intuito de buscar resolver o paradoxo também existente no pensamento nominalista, da relação dos processos de identificação entre ‘o que é único’ e ‘o que é partilhado’, Dubar (2006) baseia a noção de ‘formas identitárias’ na dupla face de identificação reivindicada por si (identidade para si) e de identificação atribuída pelos outros (identidade para os outros), ambas contendo eixos biográficos e eixos relacionais.

Não há uma teoria unificada sobre identidade, nem mesmo entre os sociólogos. Os paradigmas e modelos analíticos da sociologia clássica, por meio do seu determinismo, desvalorizam a subjetividade, enquadrando a identidade como sendo algo construído apenas no contexto social, sinônimo de uma pertença objetiva a uma categoria que determina nos fatos sociais, as maneiras de fazer,

sentir e pensar dos indivíduos, sendo estes, considerados seres sociais (Durkheim, 1962, *apud* Dubar, 2006).

Dubar percebe a importância das determinações sociais, mas sinaliza que a diversidade dos indivíduos e de suas trajetórias concretas requerem constante atualização e recontextualização dessas determinantes.

No entanto, a posição determinista da sociologia clássica de uma identidade social (identidade para o outro) passou a ser questionada por sociólogos como Dubet e Touraine, que consideravam que a subjetividade não podia ser posta de lado na análise dos acontecimentos sociais e defendiam uma *identidade para si* (Dubet, 1995 e Touraine, 1992, *apud* Dubar, 2006).

Recorrendo a Kaufmann relativamente ao conceito de identidade nas ciências sociais, existem dois sentidos distintos: um nomeado por ele de processo identitário individual, que diz respeito às diversas formas pelas quais cada indivíduo conta a sua história, utilizando produções de linguagem biográfica como uma forma de (re)fazer a sua trajetória e justificar sua posição atual e outro nomeado por ele de quadros sociais de identificação (quadros de socialização), que diz respeito às categorias para identificar um indivíduo num dado espaço social, sendo essa, a identificação do seu papel social (Kaufmann, 1994, *apud* Dubar, 1998). Já para Goffman, a identidade pessoal se resume a “um espelho de identidade social” (Goffman, 1975, *apud* Dubar, 2006).

Baseado no quadro teórico de três grandes sociólogos: Durkheim, Parsons e Elias, Dubet afirma que a sociedade existe como um sistema integrado que “produz indivíduos que interiorizam os seus valores e realizam as suas variadas funções” (Dubet, 1996, p.21).

Nesse percurso teórico, iniciando por Durkheim, o ator é percebido pela interiorização da sociedade e “os fatos sociais são exteriores ao indivíduo e são dotados de um poder de coerção”, coerção esta não necessariamente percebida pelos indivíduos por ser sentida como liberdade e vivida como vocação ou até mesmo como uma escolha (Durkheim, 1895, *apud* Dubet, 1996, pp. 22-23).

Para Parsons, o sistema social é definido como um sistema de ações no qual a unidade de ação é um conjunto formado por um ator que visa fins numa situação. Enquanto uma teoria do sistema social, Parsons concebe a teoria geral da ação contendo quatro dimensões de ação que, de acordo com ele, exigem que os atores interiorizem o sistema: 1) a ação está orientada para valores; 2) a ação

supõe uma capacidade de adaptação; 3) a ação refere-se a normas que asseguram a integração social e 4) a ação implica motivações (energia) (Parsons, 1937, *apud* Dubet, 1996, pp. 31-34).

De acordo com Elias, a sociedade é composta por indivíduos, que ascendem de acordo com a evolução social, que resulta na evolução da civilização. Ele recusa o pensamento dualista que opõe indivíduo e sociedade e considera que o *Eu* sem o *Nós* é patológico é a própria destruição do social. Nesse pensamento, o princípio da ação de todo indivíduo encontra-se no controlo dos seus interesses e sentimentos que ocorre com a interiorização das regras sociais (Elias, 1939, *apud* Dubet, 1996, pp. 37-40).

Nessa mesma corrente de pensamento, considerando o ator moderno como sendo mais individualista do que o da tradição sociológica, Durkheim apresenta-nos a sociologia da ação como sendo uma sociologia que estuda e se esforça em prol da socialização dos indivíduos, com a preocupação de evitar, principalmente, a anomia. De acordo com essa teoria, o ator vai se identificando progressivamente com o sistema à medida que vai interiorizando normas e valores (Dubet, 1996, pp. 26-31).

Conforme exposto, existem nuances na pluralidade da concepção de identidade, cabendo aprofundar o estudo do conceito relativamente às identidades individual e coletiva na busca de entender no que se diferem, no que se complementam e no que se anulam. A seguir, trataremos de realizar esse aprofundamento a fim de ampliar tal compreensão relacionada à identidade.

2.1.1. Identidade individual e identidade coletiva

O Ego autónomo do indivíduo, a consciência de si como indivíduo próprio, resulta da própria evolução da civilização, que impõe aos atores uma forte interiorização do contrato social, da moral, dos deveres e da obrigação de ser livre que caracterizam a modernidade (Dubet, 1996, p.37).

Entre 'o que sou ou gostaria de ser' e 'como sou definido ou o que dizem que sou', o pensamento comum continua separando o indivíduo dos seus contextos e interdependências (Elias, 1991a *apud* Kaufmann, 2005). Será possível fazer a distinção entre identidade individual e identidade coletiva sem as considerar opostas ou de natureza radicalmente diferentes?

Para Dubet, a obrigação que os indivíduos têm de serem livres é destruidora e pode ser superada por meio da crescente identificação do ator com o sistema, uma vez que o indivíduo só é por ser consagrado pela sociedade. Nesse jogo de identificação do ator com o sistema e buscando combater as ilusões do pensamento privado, Durkheim nos apresenta a sociologia do conhecimento por acreditar que é função da educação moderna “fabricar indivíduos como sujeitos sociais e morais” (Dubet, 1996, p.26-28).

No entanto, tendo direito a uma identidade particular, Douglas afirma que o indivíduo tem sua reflexividade influenciada por definições, encadeamentos cognitivos e sistemas de significação já estabelecidos (1999, *apud* Kaufmann, 2005).

Ser si mesmo, seria uma experiência possível?

De acordo com Elias (1991a, *apud* Dubar, 1998) “a pessoa não existe de fato fora de seus quadros sociais”, uma vez que sua trajetória social, objetiva e caracterizada pelas instituições, é que determina sua identificação subjetiva.

Considerando-se que as identidades coletivas se assentam em socializações onde ocorrem configurações dinâmicas utilizadas de forma fragmentada pelos indivíduos, produzindo fluidamente a sua identidade (Singly, 2003, *apud* Kaufmann, 2005), pode-se afirmar que tanto as identidades individuais quanto as identidades coletivas são transformadas consoante diferentes momentos, situações, relações, sistemas de valores e pessoas particulares.

Há, então, equivalência entre essas duas identidades?

Segundo Kaufmann, não, “uma vez que o processo identificatório parte, no essencial, e cada vez mais, dos indivíduos-sujeitos, que têm necessidade de reivindicar pertenças diversas para alimentar os conteúdos significativos da sua existência.” No entanto, Kaufmann afirma que a identificação coletiva começa nos microalargamentos de si mesmo, no seio do universo íntimo (Kaufmann, 2005, p.106).

Existe, no entanto, uma diferenciação sutil entre a identidade pelos papéis, que incita à improvisação e torna-se cada vez mais reflexiva e a identidade coletiva, com sua simplificação e encerramento do sentido, oferecendo um sistema global de significações, pronto a viver, encerrando a necessidade da reflexividade do indivíduo (Kaufmann, 2005).

É nesse sentido que a identidade coletiva pode tornar maior e mais nítida a fronteira entre o *nós* e os *outros*, fortemente marcada por questões políticas, religiosas ou culturais fixas e que estejam afastadas da reflexividade.

No entanto, é na modernidade que as identidades coletivas criam uma esfera de identificação e traçam uma fronteira intransponível entre *nós* e *eles*, sendo assim, separatistas ao fundarem o princípio de *minoría* e *particularidade* (Gauchet, 1998, *apud* Kaufmann, 2004).

Quando a identificação coletiva prima sobre a identificação pessoal, ou até mesmo a dissolve, interfere diretamente no reconhecimento da possibilidade de existência de autonomia da identidade pessoal. De acordo com Kaufman (2005) para que exista uma revigorante identificação coletiva, esta precisa ser vivida como um alargamento do ser individual.

Por outro lado, à medida que a sociedade vai sendo centrada nos indivíduos, mais a identidade é colocada em primeiro plano, e mais o indivíduo é forçado a buscar o sentido da sua vida *por si só*. Paradoxalmente, quanto mais alarga o seu perímetro de identificação coletiva, mais sente-se ele próprio (Kaufmann, 2005).

A linha tênue que liga identidades individuais às identidades coletivas, aumentando os recursos identitários, é a mesma linha que prende os indivíduos nas teias coletivas, os impossibilitando de reencontrar e até mesmo gerenciar a sua autonomia individual. A seguir, trataremos de identificar algumas dinâmicas históricas relativas às formas identitárias.

2.2. Dinâmicas históricas das formas identitárias

Os três grandes processos históricos estudados de forma aprofundada por Dubar e passíveis de interferir em profundidade nos processos de identificação são (Dubar, 2006, p.20):

- i) O *processo de civilização* teorizado por Norbert Elias (1987), baseado na centralização política e na complexidade social, formula que “não há identidade do Eu sem identidade do Nós”, buscando tornar inseparáveis indivíduo e sociedade, mas esbarra nas armadilhas do evolucionismo por afirmar que só se pode encontrar identidades dos *Eu* totalmente presas na

identidade dos *Nós*, desprovido os indivíduos de qualquer 'consciência individual';

ii) O *processo de racionalização* teorizado por Max Weber , diz respeito a dois grandes tipos de relações sociais, ou socializações: as relações comunitárias e as relações societárias (Marianne Weber, 1921, *apud* Dubar, 2006);

iii) E o *processo de libertação* defendido por Marx e Engels (1845 e 1948), da dominação de uma classe sobre a outra, como sendo um processo revolucionário de transição das sociedades comunitárias pré-capitalistas para as sociedades comunistas pós-capitalistas.

Com a preocupação de definir as identidades a partir de uma abordagem sociológica, Dubar chancelou a teoria das formas identitárias revisitando as dinâmicas históricas e o processo de construção das identidades. Segundo ele, as formas identitárias são combinadas de forma diferente de acordo com os contextos históricos, culturais e as épocas nas quais são estudadas, configurando diversas identificações de si e dos outros (Dubar, 2006, p.11).

No entanto, Dubar ressalta que, para avançar na elucidação da dinâmica social, o caminho é correlacionar análises que permitam reconstruir trajetórias objetivas dos movimentos de mobilidade apreendidos em nível macro e análises compreensivas das trajetórias subjetivas, demonstradas nas formas dos discursos biográficos apreendidos em nível micro (Dubar, 1998, p.8). A seguir, faremos a correlação entre as trajetórias sociais e as formas identitárias.

2.2.1. Trajetórias sociais e formas identitárias

No que tange a análise das trajetórias sociais, parte-se da noção de identidades sociais entendendo-as ao mesmo tempo como processos biográficos, construídos subjetivamente por meio dos relatos de histórias pessoais, onde são atualizadas as visões de si e do mundo e como processos institucionais, construídos objetivamente nos campos onde se dão as práticas sociais, como uma sequência de posições (Dubar, 1998).

A sociedade, antes organizada como uma *comunidade*, na qual a socialização é a reprodução de papéis comunitários que respeitam as tradições, parte a ser uma sociedade do tipo *societária*, centralizada em torno de Instituições

e do Estado moderno, passando pela aprendizagem de novos papéis societários na busca de reconhecimento social.

Dentro desses dois tipos de organização, comunitária e societária, as quatro formas identitárias: *cultural*, *reflexiva*, *estatutária* e *narrativa* foram a maneira de Dubar (2006) nomear transações biográficas e relacionais, tanto para si quanto para outrem. Segundo Dubar, essas quatro formas de identificação são combinadas e geridas cotidianamente na vida, constituem maneiras de identificar os indivíduos e são inseparáveis das relações sociais.

Como veremos no quadro a seguir, existe uma dinâmica identitária, várias maneiras de construir identificações de si e dos outros, que podem impactar a construção subjetiva dos indivíduos.

Quadro 1

Formas Identitárias e suas Dinâmicas

Tipo	Comunitária		Societária	
	Pertença a um grupo local e à sua cultura, pertença a um movimento escolhido por convicção		Interações no seio de um sistema instituído e hierarquizado	
Forma	Cultural	Reflexiva	Estatutária	Narrativa
	Biográfica para outrem	Relacional para si	Relacional para outrem	Biográfica para si
Base	Respeito coletivo	Reflexão/Instrospecção	Competição individualizada de reconhecimento social	Ação no mundo

Fonte: Dubar, 2006.

As formas identitárias são ferramentas de análise de formas provisórias de compreensão que o sociólogo constrói para “dar conta da maneira segundo a qual os membros dão conta de suas práticas” (Garfinkel, 1967, *apud*, Dubar, 1998, p.8).

Compondo um complexo processo sócio-histórico, que combina significados biográficos e formas relacionais, modificações de formas simbólicas (concepção de si e explicação do mundo) e transformações nas relações sociais, surge uma nova concepção de Eu “dotado de profundidades íntimas”, tratando-se do triunfo progressivo do interno sobre o externo, do profundo sobre a superfície (Taylor, 1998, *apud* Dubar, 2006).

No entanto, ao segregar contradições estruturais, bem como conflitos sociais, a modernidade, nas dimensões social, económica e política, entra em crise

e expande essa crise para o contexto das identidades pessoais. Por essas crises se correlacionarem e incidirem diretamente sobre as relações entre o individual e o social, desestabilizando dispositivos de integração social, pode-se afirmar que as crises identitárias afetam todos os aspectos da vida social e todas as esferas da existência pessoal (Dubar, 2006).

Seria esse o estopim para as cíclicas crises identitárias? No próximo tópico abordaremos questões relacionadas às crises identitárias e seus desdobramentos.

2.3. Crise das Identidades

Entre os múltiplos significados da palavra crise, destacamos como sendo “fase difícil vivida por um grupo ou um indivíduo” onde também se remete à ideia da existência de uma “ruptura de equilíbrio entre diversos componentes” (Dubar, 2006, p.14).

A abordagem sociológica das crises identitárias é complementar às abordagens da psicologia e da psicanálise e busca compreender se essas crises resultam em choques biográficos e se esses possuem ligação com processos sociais que implicam, ao mesmo tempo, dificuldades materiais, sentimento de injustiça, questionamento do modelo identitário e das crenças.

Considerando-se a existência de uma série de crises, parte-se da complexidade nas manifestações das várias rupturas nos equilíbrios económicos (crise económica), que desencadeiam fraturas nas relações e nos vínculos sociais (crise social). Aprofundando, chegamos à crise antropológica, tipo de crise que “afeta, ao mesmo tempo, os comportamentos económicos, as relações sociais e as subjetividades sociais” (Commaille, 1997, p. 105-144, *apud* Dubar, 2006, p.15).

A ruptura no equilíbrio entre as dimensões económica e social provoca desestabilização das referências, dos sistemas simbólicos, da subjetividade e das formas de individualidade. Com base nisso, Dubar (2006) correlaciona duas crises: a das relações sociais e as existenciais da subjetividade.

Como mecanismo de separação da objetividade cultural e social e da subjetividade individual, separação esta existente na experiência da modernidade, ocorre o declínio da representação do indivíduo (sociologia clássica) e o individualismo é alimentado por um indivíduo alienado e indiferente (Simmel, 1988, *apud* Dubet, 1996, pp.74-75).

As crises de identidade transitam entre razões objetivas, rupturas relativas aos quadros sociais, e razões subjetivas, de valores e crenças que em algum momento foram postos em causa, podendo até desembocar no aparecimento de pequenas ou grandes depressões e frustrações.

Como alternativa de resposta a esta crise entre o objetivismo (da lógica do sistema) e o subjetivismo (do ponto de vista do ator), Bourdieu apresenta a noção de habitus, um conjunto de códigos e de disposições adquiridas de maneira precoce que o indivíduo põe em prática. O único sujeito possível é o objetivado pela construção da sua própria história, mediante a travessia de diversos habitus (Bourdieu, 1980, *apud* Dubet, 1996, p.76-78).

Muitas vezes as crises que ocorrem de maneira consecutiva, e por vezes reativas, trazidas pelo imprevisto, cortam o curso normal da vida por meio de rupturas materiais, relacionais e mudanças da subjetividade individual, gerando crises identitárias por perturbar a imagem, a definição e a estima de si. Toda mudança é geradora, em potencial, de crises!

Em um excesso de interiorização, numa busca de autenticidade que desemboca no nada, à medida que o individualismo triunfa sobre o indivíduo, o ator separa-se do sistema (Dubet, 1996, p.70).

Como uma gangorra que balança entre duas extremidades, as crises vão acontecendo. Crises de identidade estatutária, rupturas causadas por insucessos sociais e crises de identidade pessoal, de um indivíduo que sofre com o imperativo de ter que *ser si próprio*, ter que *se realizar*, *se ultrapassar*.

Ao longo desse intercalar de crises, os indivíduos acabam sofrendo, por vezes, de uma pressão normativa do *Culte de la Performance* (Ehrenberg, 1998, *apud* Dubar, 2006).

Para além das crises e das rupturas, Kaufmann (2005) afirma que o indivíduo está sempre em situação e em mutação permanente por meio de tomadas de papéis diversos, o que possibilita que retrabalhe continuamente o seu *repertório de identidades*.

Trabalhar continuamente o *repertório de identidades* na direção de reconstruir identidade exige movimento. A seguir, abordaremos alguns pontos relativamente aos movimentos de reconstrução identitária e requalificação sócio-identitária.

2.4. Reconstrução identitária e Requalificação sócio-identitária

No espaço existente entre a crise do antigo eu e a construção do novo eu, nesse intermédio entre a antiga identificação e a nova que está latente, existe um vazio repleto de possibilidades que pode ser ultrapassado se a relação entre a antiga e a nova identidade forem clarificadas (Dubar, 2006).

No movimento gerado pela crise identitária, segundo Dubar (2006), passa-se, com frequência, por um *fechar-se sobre si próprio* onde se chega a uma das camadas mais profundas e antigas na história pessoal que é a dos laços familiares, que são as raízes, a história mais antiga, mais primordial de cada indivíduo.

A ultrapassagem da crise, que com frequência desemboca na transformação de si, foi analisada sociologicamente por Anselm Strauss (Strauss, 1990, *apud* Dubar, 2006, p.147), que a chamou de ‘conversão identitária’ e por Peter Berger e Thomas Luckmann, que a chamaram de ‘*alternation*’ (Berger e Luckmann, 1996, *apud* Dubar, 2006, p.148). Segundo esses autores, é preciso assegurar uma estrutura que permita que o indivíduo em crise, que é também um indivíduo social, possa gerir a transição e encontrar novas referências, novos saberes, novas crenças, gerando uma nova definição de si, dos outros e do mundo.

A Escola de Chicago traz um ponto de vista relacional a respeito dos processos identitários, procurando integrar a subjetividade dos relatos de vida e a determinação das categorizações institucionais. Consideram que os documentos pessoais e particularmente os materiais biográficos são “dados sociológicos importantes e suscetíveis de interferir nos processos sociais mais estruturantes” (Dubar, 1998, p.3). Entretanto, defendem uma política econômica neoliberal, com intervenção mínima do Estado na economia, não havendo intenção real de utilizar tais dados sociológicos na direção de alguma mudança social.

Kaufmann (2005) aponta que a modernidade, por meio da *reciclagem do comunitário pelo identitário*, não retoma, de fato, as tradições culturais e acaba produzindo uma identificação coletiva que pode implicar e dominar as identidades individuais, numa tentativa de apagamento da autonomia pessoal.

Paugam correlaciona a construção da identidade num conjunto de laços sociais que possam assegurar ao indivíduo o seu reconhecimento pelo olhar dos outros. Propõe quatro tipos de vínculos sociais que indicam a forma de proteção desse reconhecimento: o vínculo de filiação, o de participação eletiva, o vínculo de

participação orgânica entre os atores da vida profissional e o vínculo de cidadania. (Paugam, 2008, *apud* Ladouceur, 2008)⁹.

No entanto, múltiplas rupturas, sociais e familiares, resultam em fortes rupturas nos vínculos, laços que ligam as pessoas, desencadeando múltiplos estigmas que acabam gerando profundas modificações na personalidade e nas representações dos indivíduos. Um ciclo vicioso retroalimentado pela autopercepção e pela percepção social (Paugam, 2003).

Como num jogo individual de cruzamento de pertencas, a estratégia identitária vai gerando mudanças na estrutura do eu, sendo constantemente reconstruída de acordo com várias circunstâncias e alianças.

Enxergar a reconstrução identitária e a requalificação sócio-identitária como um processo, amplia a possibilidade que o indivíduo tem de interferir nessa reconstrução e, de maneira mais alargada, nessa requalificação? A seguir, veremos se os momentos marcantes podem interferir nesse processo.

2.4.1. Momentos marcantes

Qualquer mudança de configuração identitária é perpassada por diversas crises que vão sendo reconhecidas como *momentos marcantes*, os acontecimentos mais importantes da história pessoal, os momentos cruciais da existência, as mudanças de estatuto (Dubar, 2006, p.148).

Essencialmente, continuamos a situar na mesma história, sendo a ruptura uma questão de “mudança de cenário” (Kaufmann, 2005, p.137).

Toscano (2008) defende que os *momentos marcantes*, que também podem ser considerados *momentos significativos*, decorrem de rupturas sócio-espácio-relacionais e acarretam instabilidade, podendo acarretar processos de desqualificação ou requalificação sócio-identitária.

⁹ Texto original: *La construction d'une identité est un enjeu essentiel dans les sociétés modernes. Elle repose sur l'inscription dans un ensemble de liens sociaux qui assurent à l'individu la reconnaissance d'autrui. L'auteur propose une typologie de quatre types de liens sociaux principaux (le lien de filiation, celui de participation électorale, le lien de participation organique entre acteurs de la vie professionnelle, et le lien de citoyenneté) indiquant la forme de protection de reconnaissance associée.*

Segundo Kaufmann (2005), existe, entre continuidade e ruptura, um *dégradé* infinito nas situações intermédias, que se desenrolam num entrelaçamento das mais complexas e variadas modalidades.

Nessa construção de trajetória de vida, ao longo da duração biográfica, as alternativas identitárias se entrecruzam, provocando novos arranjos, trazendo luz às possíveis barreiras, que veremos a seguir, buscando desmistificar a existência de uma *suposta história única*.

2.4.2. Barreiras de exclusão e estratégias de inclusão

“Na maior parte dos casos, o *excluído* é de fato um *desfiliado* cuja trajetória é feita de uma série de rupturas em relação a estados de equilíbrio anteriores mais ou menos estáveis, ou instáveis” (Castel, 2004, p.24 *apud* Maciel, 2019, p.97).

O processo identitário vem sendo construído ao longo dos tempos ora pautado no coletivo, ora no indivíduo. No entanto, Kaufmann ressalta que “a lógica da identidade não é a da socialização; ela é incomparavelmente mais livre e móvel. Pequenos recursos concretos, colhidos ao acaso, podem produzir grandes efeitos identitários” (Kaufmann, 2005, p.112).

O modo de construção social dos indivíduos passou por uma reversão histórica e culminou na revolução da identidade, no entanto, encontra-se ainda em um espaço intermédio entre o regime comunitário e o regime identitário do indivíduo, fazendo com que essa procura identitária ainda busque a maior parte dos recursos na identificação coletiva (Kaufman, 2005, pp.114-117).

Entre as identidades coletivas (sociais), sinônimo de categorias de pertença, que tem grande influência na construção das identidades individuais, Dubar (2006) nos apresenta a identidade sexuada (suas pluralidades, configurações e dinâmicas que incluem e ultrapassam a família), a identidade profissional (seus conflitos, tendências e incertezas) e as identidades simbólicas (convicções, valores, crenças) escolhas religiosas e políticas.

Conferindo socialmente o sentido da vida, devolvendo uma ordem significativa e estruturante à sociedade, a religião se reapresenta sob forma de convicção pessoal (Hervieux-Léger, 1999, *apud* Kaufmann, 2005). Mas esse retorno do religioso é impulsionado pela revolução identitária que oscila entre

fornecer ética a indivíduos desorientados ou construir identidades coletivas totalitárias, belicosas e fundamentalistas.

Muitos procuram as instituições religiosas como resposta às modernas angústias da procura identitária, no entanto, tais instituições vêm aproveitando essas angústias e o fato da busca por uma emancipação da existência individual ser um pesado tributo a ser pago pelo indivíduo, e se transformando em *empresas de fornecimento de sentido* (Kaufmann, 2005).

Todas as formas de identificação citadas, quando de uma ruptura, desestabilizam, desestruturam, desvalorizam, mas a que tem o poder de provocar uma crise identitária das mais terríveis é identidade profissional por provocar processos sociais e psíquicos de marginalização e exclusão em todas as esferas de existência, incluindo a da cidadania.

O processo de construção da identidade profissional é um processo complexo, socialmente construído e operatoricamente inacabado [...] A identidade profissional fundamenta-se, igualmente, no reconhecimento e na visibilidade social que permite a apropriação identitária dentro do mesmo grupo profissional, bem como nos outros grupos profissionais que dele se distinguem (Santos, 2011, p. 69).

Sendo a identidade profissional (ou categoria socioprofissional), parte central da identidade individual, uma vez que, além de marginalizar o indivíduo, podem interferir na imagem (de si para si e para os outros) e vem carregadas de emoção, seria a grande responsável pela desfiliação ou reinserção dos indivíduos?

As dinâmicas com as quais essas identidades vão influenciando a construção das identidades individuais ao longo das trajetórias de vida, escancaram crises identitárias à medida que interferem nos laços sociais, gerando rupturas e desencadeando processos de desfiliação social, bem como a perda de sentidos por meio da dissipação da ordem simbólica.

Tidos como componentes principais de todo processo identitário, a imagem e a emoção são instrumentos eficazes dos efeitos identitários, sejam do ponto de vista do modelo de representação ou de socialização (Kaufmann, 2005, p.123).

Ao olhar dos sociólogos clássicos, a autonomia possível de ser vivida pelos indivíduos não chega a ser libertária justamente por resultar da integração social e do trabalho de socialização, sendo que esse indivíduo é tão mais autónomo à medida que mais interiorizar o social (Dubet, 1996, p.41).

O Estado moderno, possuindo força e legitimidade para promover o sujeito a indivíduo, possibilitou a socialização por meio da divisão do trabalho social, garantindo, com isso, a coordenação do Sistema. Dubet aponta que o processo de individualização, segundo Elias, resulta do processo de civilização, da divisão do trabalho, no entanto, de acordo com a evolução teórica de Durkheim, no individualismo que também está ligado à divisão do trabalho, o ator ultrapassa a concepção de *estar integrado ao sistema para integrar o sistema* até nas suas formas de conhecimento (Dubet, 1996, p.30-39).

É a partir dessa participação mais ativa na vida social que o indivíduo, interiorizando as regras sociais e tornando-as suas, encontra o princípio da sua ação, desenvolvendo um sentimento individual de possuir uma vida íntima e privada a ser conduzida por si próprio (Dubet, 1996, p.37).

Por outro lado, o individualismo moderno com suas exigências de produção, acumulação e reconhecimento, manipulado pelo desejo de reconhecimento imediato e fútil, destrói o indivíduo, autor da sua própria vida, tornando-o vazio e sem autonomia, justamente por não interiorizar os valores essenciais da sociedade (Dubet, 1996, p.70).

O pensamento de Paugam (2003) continua atual relativamente à fragilidade gerada pelo sentimento de inferioridade social, quando por vezes interiorizada por meio de angústias de insucessos e/ou constrangimentos causados pelo recurso aos serviços de ação social ou por vezes negociada como uma situação temporária que requer dinamismo para ser transpassada.

Entre as fragilidades e as dependências, surgem as assistências (o próprio nome carrega o significado da 'ajuda'), sendo essas consideradas como sendo *intervenções sociais do tipo contratual*. Quando diferidas, mesmo com uma forte dependência, existe um certo distanciamento entre indivíduo *assistido* e o serviço social; quando instaladas, o indivíduo que recebe a assistência já interiorizou a lógica do estatuto ao qual já sente pertencer e quando reivindicadas, a dependência às assistências já está instalada de uma maneira forte chegando a se sentirem *merecedores de mais assistências*.

Mesmo não havendo uma única linha teórica na sociologia acerca da identidade, é inegável que existe uma pluralidade identitária, sejam elas reconhecidas, atribuídas ou percebidas.

O sentimento de pertença e de desfiliação está atrelado aos dinâmicos processos de construção e qualificação identitárias que ocorrem dentro de uma sociedade complexa e multifacetada. No entanto, as crises e rupturas que inevitavelmente ocorrem justamente por conta do dinamismo dos processos sociais, podem ser vistas como âncoras ou como alavancas nas reconstruções e requalificações identitárias.

No entanto, para podermos reconhecer nos indivíduos a existência de alguma capacidade de iniciativa ou de escolha, inevitavelmente foi necessário conceder-lhes certa distância em relação ao sistema social, sem com isso, as isolarmos no microcosmo das suas individualidades.

O papel das políticas sociais deveria ser reduzir fragilidades e não criar dependências por meio das assistências. Inevitavelmente isso requer empoderar indivíduos, conseqüentemente empoderando a sociedade.

PARTE II - ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

CAPÍTULO 3. OBJETO, OBJETIVOS E FINALIDADES DO ESTUDO

O presente estudo integra uma abordagem compreensiva com finalidade de explorar o universo identitário de mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Definiu como objeto a análise multidimensional da pobreza, na sua expressão de desqualificação social, a *situação de vulnerabilidade social* e delimitou como especificidade a questão do gênero feminino. O impulso inicial para a realização deste trabalho foi entender o que, nas narrativas de vida de mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade social, podem ser consideradas forças que as movem ou que as prendem, primeiramente enquanto indivíduos e depois enquanto sujeitos sociais.

A questão de partida consubstanciou-se na seguinte inquirição: De que modo as narrativas de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social influenciam as suas reconstruções sócio-identitárias? Esta questão genérica desdobrou-se noutra interrogação pertinente para a pesquisa e sua categorização: Tais discursos narrativos em torno dos momentos de ruptura social e das estratégias implementadas para inclusão, potencializam ou não o protagonismo das narradoras?

Assim, o presente estudo teve como **objetivo geral** compreender a influência dos discursos das mulheres em situação de vulnerabilidade social, evidenciados por meio das suas narrativas de vida, nas suas (re)construções sócio-identitárias. Deste modo, possuiu como finalidade realizar uma análise comparativa de 3 narrativas de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social, localizadas na cidade de Coimbra. A dimensão comparativa centrou-se no processo construtivo das suas narrativas de vida, na orientação de suas ações, desenhos de percursos de vida e (re)construção sócio-identitária.

Os **objetivos específicos** que decorreram do argumento central possuíram uma dupla ação:

- (1) Verificar, nas narrativas de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social, quais os momentos de ruptura e as estratégias implementadas a favor da sua inclusão social;

(2) Identificar se o sentido produzido pelas narrativas de vida potencializa ou despotencializa o protagonismo das mulheres em situação de vulnerabilidade social.

É uma perspectiva de investigação centralizada na voz das mulheres auscultadas enquanto narradoras e atoras significativas do seu projeto de vida, como forma de acessar e confrontar com a realidade a partir dos sujeitos que vivem o problema e com isso, ouvir e compreender a partir do seu ponto de vista.

4.1. Metodologia e Método

“A expressão ‘métodos qualitativos’ não tem um sentido preciso em ciências sociais. No melhor dos casos, designa uma variedade de técnicas interpretativas que têm por fim descrever, descodificar, traduzir certos fenómenos sociais que se produzem mais ou menos naturalmente. Estas técnicas dão mais atenção ao significado destes fenómenos do que à sua frequência” (Deslauriers, 1997, p.294, *apud* Guerra, 2014, p.11).

A **metodologia** subjacente foi a **qualitativa**, tendo como instrumento de recolha de informação a entrevista narrativa com a extração de dados quer compreensivos e subjetivos, quer de natureza padronizável de caráter mais descritivo.

Do ponto de vista do paradigma de investigação, a **abordagem metodológica** utilizada possuiu uma vertente **compreensiva** por “mergulhar em universos sistêmicos e complexos onde as variáveis (as dinâmicas) identificadas são, simultaneamente causas e efeitos, dada a interdependência complexa entre os fenômenos sociais” (Guerra, 2014, p.16).

Contar histórias trazendo ensinamento e traçando linhas do futuro não é algo novo para a sociedade. As fábulas, as mitologias, já o faziam. A forma narrativa devolveu à identidade o seu cariz aberto e dinâmico (Kaufmann, 2004).

A narrativa de vida foi trabalhada considerando a sua tríplice dimensionalidade: como sendo um fenómeno; como sendo um método de investigação e como sendo um processo de ressignificação do vivido. Nessa última, utilizou-se como guia principal de análise, a linha da vida considerando a articulação da perspectiva tridimensional do tempo de vida narrado: passado, presente e futuro. Deu-se maior ênfase ao futuro e como se desdobra a sua construção.

Possuiu, por parte da investigadora, uma vertente etnossociológica¹⁰, combinando a recolha de narrativas de vida junto de *mulheres em situação de vulnerabilidade social*¹¹, com a observação dos seus quotidianos dentro da abordagem etnográfica, contendo um esforço de compreensão e interpretação

¹⁰ Numa combinação de abordagem de terreno etnográfica e concepção sociológica das questões examinadas (Bertaux, 2020)

¹¹ Mulheres em situação de vulnerabilidade social, aqui representam o que na perspectiva etnossociológica entende-se por categoria de situação social (Bertaux, 2020)

orientado às lógicas específicas a determinados *mundos sociais*, processos e dinâmicas de funcionamento e/ou transformação que ocorrem no terreno em termos sociológicos (Bertaux, 2020). De acordo com Ricoeur, a operação narrativa desenvolve um conceito verdadeiramente original de identidade dinâmica (Ricoeur, 1990, *apud* Kaufman, 2004, p.131), um deslizamento que evacua a ideia de fixidez em proveito duma lógica de encadeamento. É em torno da narrativa, de narrar a sua história de vida, que o indivíduo constrói um fio organizador que dá sentido ao que ele viveu.

4.2. Construção do instrumento de recolha de narrativas

“A identidade é a história de si mesmo, que cada um se conta”
(Kaufmann, 2004, p.131).

A recolha das informações empíricas foi realizada por técnicas diretas/interativas utilizando-se para isso, como instrumento de recolha de narrativas, uma entrevista narrativa semiestruturada (Guião-Lembrete, Apêndice B) para acesso a percursos de vida e momentos marcantes que foi gravada, transcrita (Apêndices de D a F) e, posteriormente analisada através da análise de conteúdo.

A informação recolhida de acordo com a natureza da investigação, integra a recolha de dados de carácter sensível das participantes. Como forma de assegurar a confidencialidade e o anonimato, os resultados estão sendo apresentados por pseudónimos escolhidos pelas próprias no momento das entrevistas e como forma de assegurar a proteção e a privacidade das mesmas. Foi ainda respeitado o princípio da pesquisa responsável, pelo que os assuntos considerados, pelas mesmas, como delicados, não foram aprofundados.

Considerando a **perspectiva etnossociológica**¹² sobre *categorias de situação social* o recorte utilizado para a amostra foi o de 3 *mulheres em vulnerabilidade social* na faixa etária entre 40 e 70 anos, sendo que tal vivência está ocorrendo, ou ocorreu, há mais de 1 ano, e as referidas mulheres se encontravam localizadas na cidade de Coimbra, Portugal.

Segundo Becker, para resolver a questão da veracidade de uma narrativa de vida, basta recolher um pequeno número razoavelmente variado de pessoas

¹² Nessa perspectiva busca-se compreender o funcionamento de um segmento da realidade sócio-histórica, partindo-se das experiências de vividas em um determinado mundo social.

que vivem no mesmo pedaço do mosaico societal (Becker, 1982, *apud* Bertaux, 2020) assim, o que cada pessoa testemunha na sua narrativa, através da sua experiência, pode ser interligado, consolidado e confirmado.

A decisão sobre o número de entrevistas levou em consideração o estatuto exploratório e analítico da mesma, a disponibilidade e dificuldade de acesso ao campo, bem como os recursos e tempo disponíveis para esta investigação. Considerou-se também a disponibilidade das entrevistadas e suas capacidades de verbalização, fator de extrema importância dentro de um estudo narrativo.

Para cada uma das mulheres participantes verificou-se o interesse e a necessidade de apoios psicológicos e/ou sociais existentes na Universidade de Coimbra e no Município de Coimbra, sendo oferecidos como forma de agradecimento pelas suas participações.

4.3. A construção das dimensões de análise

“Estudar o social é compreendê-lo (o que não se torna possível sem o reviver) O objeto social não é uma realidade exterior – é uma construção subjectivamente vivida” (Léssard-Herbert, 1994, p.48, *apud* Guerra, 2014, p.15).

Dado que não se pretendia selecionar uma **amostra** representativa que permitisse definir ‘regularidades estatísticas’, mas sim o de recolher o máximo de elementos potencialmente **interpretativos** que permitissem identificar a vertente mobilizadora das narrativas de vida, procurou-se, dentro dos critérios acima apresentados, realizar **o estudo de casos**, analisando **por contraste-aprofundamento** as narrativas de vida de mulheres em situação de vulnerabilidade e risco de exclusão social. Baseou-se a análise aprofundada das entrevistas no processo simplificado de análise de conteúdo proposto por Isabel Guerra (2014), considerando-se, enquanto operações, descrever os fenômenos, correlacioná-los para descobrir suas variações ou associações e finalmente, descobrir relações de causalidade nas dinâmicas sociais em estudo.

Por tratar-se de fenômenos complexos e multidimensionais, fez-se necessária a elaboração de um quadro conceitual contendo os grandes eixos norteadores que serviram de ‘linha na pista’, com a qual ligamos as questões do guião com as narrativas de vida recolhidas e cruzamos com a questão de investigação e os objetivos pretendidos. Baseadas na proposta de análise de

entrevistas aprofundadas e histórias de vida, processo simplificado de análise de conteúdo de Isabel Guerra (2014), foram construídas as seguintes dimensões de análise.

Quadro 2

Dimensões de Análise (Ver Apêndice C)

EIXOS NORTEADORES			Perguntas (Guião)	Informação Pretendida (Indicadores a serem encontrados nas narrativas)	Objetivo Específico 1	Objetivo Específico 2
Conceito	Dimensão	Subdimensão				
1. Mulheres em situação de vulnerabilidade social	1.1. Pobreza e sua Multidimensionalidade	1.1.1. Momentos de ruptura social	. Restrições (financeiras, materiais, outras?) . Como, Por que, Desde quando chegou à situação atual?	i) Ruptura por restrição financeira (salário, subsídio, outros) ii) Ruptura por restrição material (casa, alojamento, mobiliário, vestuário, outros) iii) Ruptura por restrição relacional / emocional (família, amigos, outros) iv) Ruptura por restrição psicológica v) Ruptura por restrição de saúde	X	
		1.1.2. Percepção de auto-fragilidades	. Quais as principais dificuldades que enfrenta devido estar assim?	i) Fragilidades ligadas às assistências ii) Fragilidades ligadas às dependências		X
	1.2. A pobreza no feminino	1.2.1 A condição feminina na vulnerabilidade	. Acha que essa vivência seria diferente se fosse homem? . Quais as principais desigualdades, nessa situação, sendo mulher?	i) Vulnerabilidade sentida por ser mulher ii) Vulnerabilidade sentida por alguma outra condição (doenças)		X
2. Reconstrução Sócio-Identitária	2.1. Identidade	2.1.1. Identidade Individual	. O seu contexto de vida? . Como é a vida na situação atual? . Como é viver assim?	i) Identificação (individual) com a vida atual - continuidade	X	
		2.1.2. Identidade Coletiva	. Como se classifica na sociedade? . O que significa a classificação que apresentou? . Desde quando se considera assim?	i) Identificação (coletiva) com a vida atual - continuidade	X	
	2.2. Requalificação Sócio-Identitária	2.2.1. Momentos marcantes	. Quais os momentos marcantes da sua vida? . Como descreveria sua trajetória de vida?	i) Momentos marcantes que geraram ruptura ii) Momentos marcantes que geraram turning points		X
		2.2.2. Barreiras de exclusão	. Sentiu dificuldade de acesso a algo?	i) Dificuldade de reinserção no mercado de trabalho ii) Dificuldade de acesso a dispositivos institucionais (subsídios...) iii) Sentimento de resignação com a vida atual iii) Sentimento de inelutabilidade / desistência		X
		2.2.3. Estratégias de inclusão	. Possui estratégias para voltar a se incluir (socialmente)? . Quais seus sonhos, projetos para o futuro?	i) Sentimento de resiliência com a vida atual - reflexividade, sonhos, projetos (futuro) ii) Sentimento de antifragilidade - requalificação	X	

Fonte: Sistematização da autora.

Para aprofundar a análise acerca da relação entre vulnerabilidade e dependência, utilizou-se o quadro abaixo, adaptado de Paugam (2003):

Quadro 3

Características da “carreira” psicológica das assistidas

Experiências vividas	Motivação para o trabalho	Dependência relativamente aos serviços de ação social	Relações com os trabalhadores sociais
Assistência Instalada	Fraca	Forte	Apropriação Sedução Cooperação
Assistência Reivindicada	Nenhuma	Muito Forte	Reivindicação
Assistência Diferida	Forte	Bastante Forte	Distanciação

Fonte: Paugam, 2003

CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS RECOLHIDAS

Atenção para o equilíbrio da relação entre a análise das grandes forças sistêmicas que historicamente formatam a nossa sociedade e a análise da estratégia de atores que, em cada circunstância concreta, tem nas suas mãos o fermento da mudança (Guerra, 2014, p.14).

Considerando o universo multidimensional onde se encontra a pobreza que é quase exclusivamente medida, analisada e tratada de maneira quantitativa, percebeu-se a importância da investigação qualitativa na medida que esta nos permitiu acessar e confrontar com a realidade a partir dos sujeitos que vivem o problema e com isso, ouvir o que os números não dizem. As narrativas de vida foram a maneira de solicitar que essas mulheres partilhassem as suas experiências vividas enquanto mulheres que se encontram em vulnerabilidade social, que consideramos, de acordo com Bertaux (2020), como sendo uma *categoria de situação social*.

Foi assim que se procedeu no percurso deste trabalho, ouvindo mulheres em situação de vulnerabilidade social para compreender e responder às questões: De que modo os discursos apresentados nas narrativas de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social influenciam nas suas reconstruções sócio-identitárias? E, desdobrando noutra interrogação pertinente para a nossa pesquisa e sua categorização: Tais narrativas de vida, em torno dos momentos de ruptura social e das estratégias implementadas para inclusão, potencializam ou não o protagonismo das narradoras?

Apesar da intensidade que abarca ouvir histórias de vida, sabendo que as mesmas trazem informações valiosas, o desafio foi buscar informações objetivas dentro do universo subjetivo na qual é construída a narrativa de uma vida. Considerando que o processo narrativo dos acontecimentos vividos ganha forma alimentando-se das cargas emocionais colocadas por cada indivíduo, procurou-se salvaguardar uma certa distância crítica para poder interpretar o que foi dito, com foco nos objetivos propostos para este trabalho.

Para acessar o campo, contou-se com o apoio da Associação Minha Gente, que serviu de importante ponte e possibilitou que se iniciasse uma futura relação entre entrevistadora e entrevistadas, contendo o essencial elemento da confiança.

A abordagem se deu tendo-se enquanto “guia principal” a linha de vida da narrativa de vida e contou com um Guião-Lembrete (Apêndice B) estruturado em grandes tópicos. Foi uma abordagem predominantemente temperada com genuíno interesse pela história de vida das entrevistadas. Com isso, notou-se que, o fato de se sentirem ouvidas a partir do lugar de protagonistas e, embora o assunto acabasse chegando nos apoios sociais disponibilizados pelo Estado, as mulheres que aceitaram participar da pesquisa demonstraram sentirem-se confortáveis para expressarem, inclusive, o que não as agradava nos serviços com os quais contam nesse momento de vulnerabilidade, bem como sentiram liberdade em compartilhar algumas de suas questões mais íntimas.

Primeiramente contactou-se as entrevistadas por telefone, por onde já foi explicitado o objetivo principal do contato, bem como uma apresentação prévia da entrevistadora. As entrevistas se deram no dia, hora e local agendados em comum acordo com cada uma das entrevistadas, considerando-se evitar qualquer tipo de interferência externa que pudesse afetar a realização e a gravação da entrevista como barulho, aproximação de pessoas, calor etc. Antes da gravação houve um tempo de conversa que foi importante para criar aproximação a ponto de permitir conexão entre entrevistadora e cada uma das entrevistadas. Cada entrevista teve um tempo médio de 1 hora e 30 minutos de gravação. As gravações das entrevistas foram integralmente transcritas (Apêndices de D a F).

As mulheres entrevistadas mostraram-se esclarecidas, com capacidade crítica e acesso a meios digitais para poderem buscar os seus direitos, no entanto, mesmo assim, por vezes chegam a um espaço enevado, de onde não conseguem transpassar ou até mesmo onde lhes é tirada a pouca energia que possuem (os processos as fazem ter que ‘ir e vir’), e que é fundamental para cuidarem de suas doenças e poderem ter qualidade de vida.

Enquanto investigação social, buscou-se as recorrências nos discursos, nas particularidades individuais, para embasar o coletivo, no encontro do que lhes era comum (Bertaux, 2020).

"Uma multiplicidade de eventos microssociais contingentes, tal como [...] uma doença crônica, [...] pode modificar o curso de uma existência. Como manter

o rumo, contra ventos contrários? Como aproveitar ao máximo uma corrente a favor?" (Bertaux, 2020, p.39).

A amostra situou-se no estudo de casos, procurando analisar em profundidade, com a utilização de narrativas de vida, utilizando ainda a perspectiva etnossociológica de *categorias de situação social*. Possuiu enquanto recorte, 3 mulheres em vulnerabilidade social, apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 4

Detalhamento da amostra

Data da entrevista	Pseudônimo Entrevistada	Data de nascimento (Idade)	Cidade nascimento / Cidade onde vive	Formação	Estado civil	Filhos (idades)
12/06/2023	Lila	09/10/1961 (62 anos)	Porto / Coimbra	Economista	divorciada	1 (35 anos)
19/06/2023	Felismina	11/06/1970 (53 anos)	Coimbra / Coimbra	12º ano	solteira	0
03/07/2023	Isabel	04/10/1967 (56 anos)	Coimbra / Coimbra	8º ano	divorciada	3 (33 anos com atraso cognitivo, epilepsia, síndrome de asper, 30 anos, 22 anos)

Fonte: Entrevistas realizadas

5.1. Análise Compreensiva Descritiva e Correlacional¹³

Considerando o **1º objetivo específico** “Verificar, nas narrativas de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social, quais os momentos de ruptura social e as estratégias implementadas a favor da sua inclusão social” e no sentido de deixar fluir a narrativa da entrevista, o respeito estrito ao guião sofreu uma diluição que dificultou uma compreensão muito clara do momento de ruptura inicial.

¹³ Baseada na proposta de análise de entrevistas aprofundadas e histórias de vida: processo simplificado de análise de conteúdo de Isabel Guerra (2014)

Metodologicamente, optou-se por pontuar como o 1º momento de maior vulnerabilidade, o momento em que a entrevistada se cadastrou nos sistemas de proteção social para aceder a programas de apoio social.

O trabalho passou também por correlacionar e cruzar os testemunhos das experiências vividas, e sobrepô-los, com o intuito de buscar suas semelhanças e diferenças.

Quadro 5

Apoios sociais acedidos

Entrevistada (codinome)	Data de nascimento (idade)	Desde quando está cadastrada no Serviço Social (para receber apoio)	Apoios Sociais que recebe	Apoios Sociais que recebe
Lila	09/10/1961 (62 anos)	desde 07/2022	RSI Apoio extra (trimestral) Apoios às medicações (retirado) Alimentação (Associação Minha Gente)	200 € 90 € 60 € -> 0 € alimentação básica
Felismina	11/06/1970 (53 anos)	desde 2016	PSI (prestação social de inclusão) (62%, vitalício) RSI (reduzido) Alimentação (Associação Minha Gente) Alimentação (Cruz Vermelha)	488 € 46 € -> 19 € alimentação básica 50 € (durante 6 meses)
Isabel	04/10/1967 (56 anos)	desde 2010	cuidadora informal (da mãe)	105 € (valor vem acrescido à reforma da mãe como ajuda a terceiros)

Fonte: Entrevistas realizadas

Abaixo, seguem os recortes, identificados nas narrativas, dos momentos de crise, vulnerabilidades, rupturas e as estratégias implementadas a favor da sua inclusão social:

5.1.1. Momentos de crise, vulnerabilidades, rupturas

Entrevistada 1: Lila

- Causadas por brigas com o pai:

Sempre fui boa aluna. Estudei em colégio. Posso dizer que nasci em berço de ouro. Mas a partir dos meus 13 anos em que menstruei, tudo mudou na minha casa. Meu pai era uma pessoa com traumas de guerra [...] queria sempre um filho homem, não queria meninas. 'Davam muito trabalho, era muito perigoso'. Era uma pessoa sempre muito preocupada em sujar o nome (dele). Meu pai não se preocupava de eu ficar (não é) malvista, mas era sujar o nome dele. E então a partir dos 13 anos isto foi uma desgraça pra mim. Eu era perseguida por meu pai [...] Batia-me.. Tenho muitos,

muitos traumas da adolescência, e recalcamientos mesmo [...] Meu pai chegava a me meter a cabeça, o cabelo já tinha sido lavado, domingo de manhã, por exemplo, e eu não queria comer a sopa e meu pai metia-me a cabeça dentro da sopa. Depois, sempre com o dedo dele na minha face esquerda, isto, revivendo isto, eu fico um bocadinho melancólica. Mas agora já se me ponho melhor, enfiava-me o dedo pela face adentro e batia-me muito. Não sei. Não sei o que que ele achava sempre. Não me deixava sair e eu entendo que depois entendi, que o medo dele de eu namorar e coisas assim, seria com medo que eu engravidasse. Ele não sabia lidar com isso.

Isso foi a partir dos 13 até os 18 [...] Eu estava nesta terra onde eu estava a dar aulas... não obedeci (não casou com a pessoa que o pai havia arranjado) e meu pai pôs-me fora de casa. 'Não entras cá mais'.

O meu pai por exemplo, lembrava-se de telefonar a hora que queria, já havia telemóveis... Olha minha menina, tô te a ligar só pra te dizer umas verdades [...] Eu disse: olha papá, tu não tens verdades nenhuma pra me dizer. Se eu também teria que dizer, também tinhas que ouvir umas verdades, portanto, vamos acabar com isto. Desligas tu ou desligo eu, porque eu não quero ser malcriada. Desligou-me o telefone...até hoje! Eu tive cá há dois anos, e saber ao cartório se eram vivos ou se não eram vivos.

- Causadas pelo que seria 'futuro marido', que o pai arranjou:

O marido que o meu pai me queria arranjar [...] tinha mais 10 anos do que eu, mas era um advogado, mas não exercia porque era um ricoço que tinha garrafa na discoteca. Ora, pra mim e pra maior parte das pessoas, quem tem garrafa é cliente assíduo [...] Ele ia ter comigo, uma casa praí com 20 e tal quartos, uma coisa enorme. Houve uma noite ele deixou-me sozinha. Eu não sou medrosa, nunca fui medrosa de tá sozinha, gosto. Mas foi sei lá pra onde. Chegava bêbado, e aquilo não era pra mim, e eu perguntava ao meu pai: É isto que queres que seja meu marido? Uma pessoa que me deixa sozinha num casarão? Não quer saber se eu tomo o pequeno almoço ou se eu não tomo. Dias seguidos.

- Causadas por dois casamentos e duas separações:

Não (chegou a ir fazer a inseminação). Meu pai não deixou. Tinha que casar [...] Casei, mas divorciei. Aquilo foi um contrato que nós fizemos. Eu quero engravidar. Aí ele disse: eu também quero ter um filho [...] para que não quero que desconfiem que eu sou gay... Então eu disse: então vou me casar só pra ter um filho e depois divorcio-me. Pronto. Confusão outra vez. Deixou de falar outra vez.

Depois de alguns anos é que casei com o tal brasileiro, depois de muitos anos, aos 40 e tal. fui pra lá (Brasil) [...] mas também, outro do gênero (gay) [...] No dia do casamento (quase) anulamos o casamento [...] Heranças [...] Ele pensava que era tudo dele também... ele não queria anular. Então ainda fui dar uma chance [...] Ainda estivemos aqui (Portugal) algum tempo (2 anos) e depois fui pra lá (Brasil) [...] (5 anos) [...] Mas não deu. Agora eu estou divorciada dele porque meti as papeladas aqui pra me divorciar, sozinha [...] Era só interesse [...] porque

ele realmente não me queria aturar [...] Eu gastei rios de dinheiro. Depois veio um irmão, veio uma irmã. Só com ele ia todos os sábados [...] eu gastei 10 mil euros, assim, rapidinho, rapidinho. Todos os sábados era roupa de marca e tudo [...] E depois, a dada altura, enquanto eu não tinha percebido, e pra ter a certeza. Por que você só olha pros homens e não olha pras mulheres [...] E depois pra, pronto, à noite não comparecer [...] Queixava-se sempre que lhe doía um testículo, pequenito, tinha feito uma hérnia, tinha sido operado, estava com dores [...] Ele no fundo era um gigolô. Porque ele parou de trabalhar aqui (Portugal) [...] ele ia comigo, eu pagava pra ele estar comigo para irmos sair, portanto, ele era um gigolô. Ele era um rapaz bonito, alto, era um rapaz bonito [...] Eu trabalhava. Eu meti-me lá numa bomba de gasolina. (foi dona de um posto de gasolina no Brasil) E depois ainda deu, mas quando vi que aquilo já estava assim a descambar um bocado, eu já não aguentava mais estar lá. A roubarem, sempre a roubarem, sempre a roubarem dinheiro, pedirem dinheiro pra isso, praquilo, pra tudo [...] Cansei. Chegou um ponto, estou aqui eu feito a parva a fazer o que?

- Causadas por dificuldades financeiras:

Nasci (em berço de ouro) [...] nisso (dinheiro) não havia problemas. Nunca houve. Isso felizmente nunca houve [...] nem nunca, nem nada... Eu é que compliquei toda a minha vida. Também fui roubada. Na altura do COVID, o que eu estava a fazer era, portanto. A minha vida até corria bem até a altura do COVID. Quando foi o COVID eu tinha uma mini-empresa ligada à economia, eu fazia os orçamentos financeiros pra criação do próprio emprego. Mas depois do COVID, sabem como é que é, ficou tudo parado, e depois voltar já foi complicado.

- Que causou a necessidade de recorrer à assistência social:

Ainda me fui aguentando. Tinha umas reservas. Mas depois um 'amigo' meu ... foi meu colega de faculdade [...] era Hacker. Aqueles que entram nos computadores e nos telemóveis. Eu tinha 14 mil euros e fiquei a zero. A zero. É verdade. Então tive que recorrer a isto (assistência social).

Entrevistada 2: Felismina

- Causadas pela morte do pai:

Aos 4 anos eu perdi o meu pai... Entretanto ele morreu... Lembro-me do dia que ele morreu. Lembro-me de estar, a minha mãe estava grávida [...] na cama e eu estava também na cama lá, e chegaram lá as velhitas, velhotas (risos) da aldeia, com o capus, com chaile pra cabeça ,negro, e agarrarem-me ao colo aos gritos. E eu quando vi aquela, quando ouvi aquela revolução toda lá em casa, rebolava na cama, até, eu caí da cama abaixo, porque aquilo eram tantos gritos e eu assustava. Pronto! Eu não imagino. Pronto. Eu lembro-me deste espetáculo, mas não me lembro. Não sei explicar... ele (pai) nunca mais vinha. E a minha mãe, nós, fomos à terra próxima, aí a 3 km, e a minha mãe foi telefonar. Ele disse que foi fazer uma viagem longa e não sabe a quando vem, pronto! E depois, ele andava de taxi [...] o carro capotou e ele morreu logo aos pedaços. Ficou lá. Tiveram que mandar apanhar o corpo assim aos, pro lençol e o senhor que ia casar foi ao hospital. E foi nessa altura que chegou a notícia, depois, porque não queriam dizer logo à minha mãe.

- Causadas por problemas na escola e com outras crianças:

Comecei, fui pra escola. Não queria estudar. Chorava muito, sempre muito ranhosa [...] depois chumbei (pausa) chumbei na segunda classe, ou na primeira, depois chumbei na terc., sempre foi assim, umas coisas esquisitas [...] Mas a cachopada. Hoje falam de *bullying*. Se eles soubessem o que era o *bullying* antigamente [...] não sei como é que as pessoas sobreviviam, porque não sobreviviam. Porque eu passava, eu [...] (risos) ia pra baixo dos tuneis da estrada porque senão matavam-me, eu levava pancada a torto e a direito, dos batolões [...] eles pisavam-me, eles faziam-me 30 pombalinhas. Eram pontapés, era tudo, era trossa, faziam tudo, então eu vinha, por baixo da estrada havia aqueles tuneis por onde passava água, e era ali que eu me escondia [...] lá entre 8 e 9 (anos de idade) [...] desde a primeira classe até assim aos 10 anos, 11. Pronto. Aí sim, aí é que era *bullying*, porque ninguém, porque o mundo, não havia telecomunicações, não havia nada, era outra forma de (suspiro) e as pessoas não, antigamente, como quem diz, fazes e tens que aturar e mais nada [...] Não havia a proteção que há hoje.

- Causadas por questões de identidade (pessoal e coletiva):

Eu dei catequese e sempre me impeliu isto de ser religiosa [...] eu sentia-me bem. Entretanto, depois começou os namoricos. Inda comecei a estar com um moço que andava na faculdade naquela altura, e quem andava na faculdade eram ricos e aquelas coisas todas, e a família diz que não gostava de mim porque queria lá uma prima porque ela andava na faculdade como ele [...] era aos 20 e poucos (anos).

Mas não, sabe, aquelas coisas que só porque os outros namoravam, também era giro estar com um rapaz [...] apareceu mais um, que ele bebia muito [...] e eu não queria estar com ele. Eu só me apetecia rezar.

Eu senti-me, houve uma altura que eu senti, na minha vida foi muito difícil. Porque senti-me sozinha. Senti-me uma jovem que queria caminhar a nível. E ninguém acreditava em mim, e isso foi difícil. Foi doloroso.

Notei sempre que as pessoas não confiavam muito no meu trabalho [...] Porque eu chorava muito [...] e então depois diziam que era tudo psicológico, tudo doença da cabeça. E antigamente a doença da cabeça era uma pessoa que não tinha noção das coisas e era desorientada [...] eu senti que tinha este estigma, que as pessoas me punham assim, que eu chorava, e era melingrinhas. (diziam) E isto (ela) não vale nada, isto quer, é só médicos, punham-me aquela parte assim, depois não me davam confiança nenhuma. Então eu refugiava-me na capela.

Eu queria mudar, eu queria ser eu mas eu não sabia como é que eu havia de, por onde é que eu havia de ir [...] Senti que ninguém acreditava em mim. Que eu era um mondongo... Uma coisa assim sem jeito nenhum, tudo embrulhado. Assim. Uma coisa que não tem nexos. Não tem por onde abrir, e começar por uma ponta (estava assim, mostrando algo emaranhado).

- Causadas por ruptura social (da comunidade religiosa onde fazia parte):

Vesti hábito e tudo como está ali (mostrou foto na parede). Mas aquelas irmãs eram só pra trabalho (no convento para onde foi), e eram muito falsas e eu não gostei daquilo. Aquilo era só trabalho [...] E era discriminação sobre umas e outras [...] Achei que não era, vim me embora [...] (Esse momento que volta de novo pra casa da mãe, com 40 anos) [...] eu regredi aqueles 3 anos como, não tenho palavras. Eu deixei, aquilo (a comunidade religiosa onde estive) é tão parado. Eu nunca mais mexi em dinheiro. Eu não sabia contar dinheiro. Eu comecei a trabalhar e as pessoas diziam: Então, mas estas a fazer o que? Eu não, o meu cérebro parou completamente. Eu fiquei um bicho autêntico. Imagina como era a comunidade? (não mexiam) Nem com dinheiro, eu não mexia com nada. Só trabalhava. Era uma escrava a trabalhar. E como eu via que não estava bem, achei que havia de mudar. Mas eu lá, numa terra longe, não tinha ninguém que me desse a mão. Porque havia lá um sacerdote que nos ia lá confessar uma vez por mês, que me queria me ajudar, mas a madre nunca deixou [...] E eu disse à madre: é agora que eu me vou embora. Tanto é que eu me vim embora à 1 da manhã. Foram (pessoas da família) me buscar à 1 da manhã porque eu já não aguentava mais. Porque não quero estar aqui nem mais um minuto.

Entrevistada 3: Isabel

- Causadas por idas do pai para outro país (outro continente):

Eu tinha acabado de nascer há muito pouco tempo e meu pai, ele era pedreiro e então, naquela altura, há 55 anos atrás, havia concursos em Angola para polícia, pra GNR e para guarda Florestal, mas eram feitos lá. Então ele embarcou, foi. Os concursos eram lá feitos e depois eram selecionados quem é que ia para onde numa dessas 3 áreas. Então meu pai ficou na PSP que é a Polícia de Segurança Pública [...] E eu era ainda muito pequenina, aprendi a andar no barco (foi bem pequena para lá, mas não lembrou a idade). Porque meu pai foi e não sabia para onde ia. Se ele ficasse na guarda florestal, ia para as matas e era muito perigoso ainda na altura [...] Ninguém (da família foi junto). Ele foi sozinho com outros candidatos [...] Nós não fomos. Ficamos cá. Porque ele não sabia para onde ia. Porque se ele fosse escolhido para a guarda florestal, era muito perigoso ter a família lá junto dele no meio das matas. Porque haviam aqueles grupos, como hoje ainda há, que atacam, e que matam e enfim. E então ele foi selecionado para a PSP e quando ele teve uma convocação, mandou nos chamar pra junto dele.

Vimos pra cá (Portugal), ainda não tinha seis anos. Foi antes do 25 de abril porque ao fim de 5 anos ele tinha direito a um ano de licença sem vencimento, cá. Era chamada metrópole. Portugal era chamada a metrópole. Nós viemos todos, os quatro (pai, mãe, ela e um irmão), e o meu pai voltou (para Angola) novamente sozinho... Fez cá um ano e voltou novamente sozinho porque ele não sabia onde é que ia ser colocado. A mesma situação [...] (ele) disse: quando eu souber pra onde vou, vocês vão ter comigo. Já não fomos. Porque ele embarcou em fevereiro, em março começou se ouvir logo uma independência e não sei que, que se deu no 25 de abril. Independência de Angola que foi um grande desastre, que foi tudo muito à toa, mas nós já não regressamos. Ficamos cá [...] Ele foi mas não esteve lá (Angola) muito tempo.

- Causadas por “chumbar” na escola:

Desisti de estudar, tinha uns 14 anos [...] Eu terminei o sexto, fiz um ano do sétimo, chumbei e já não quis [...] voltei dois anos depois, comecei novamente no sétimo porque não o tinha acabado. Tive que o fazer. Fiz o oitavo no Dona Maria... Ainda comecei no nono mas deixei-o. Por isso não conta [...] Eu tenho um problema que só recentemente há 5 anos atrás eu soube que tinha. Os meus filhos todos tem. É dislexia. Para mim era uma inquietação. Tudo que era português, eu costumo dizer. E então o inglês nem se fala. Não consigo mesmo falar. Porque eu digo muitas vezes: que nem português, quando estou enervada, nem português em condições eu falo praticamente. Foi, era, era, eu chateava-me porque não eram as contas, não era as ciências, não era a matemática, não era a física. Era mesmo a parte de gramática, do português, pra mim era uma inquietação. Então ler e dar erros era uma desgraça. Pronto. E a dislexia fazia eu não ter interesse em, e perder o interesse em. Assim, não consigo acabar porque tem que escrever. Tudo o que é pra escrever, pra mim, é uma desgraça [...] Não me despertava o interesse de estudar. Não me despertava absolutamente o interesse de estudar [...] (quando parou de estudar) [...] Estive a trabalhar. Eu trabalhei numas estufas de hortícolas [...] Os dois anos que não estudei meu pai me pôs de castigo (a trabalhar). Andei a guardar ovelhas. Meu pai tinha um rebanho de ovelhas.

- Causadas por ser mandada embora de trabalho (temporário) após ter filho:

Era um hipermercado. Foi o primeiro que apareceu. Estive lá a trabalhar. Quando casei já lá estava a trabalhar. Mas, entretanto, nasceu meu filho. Como ainda não tinha feito os dois anos, e antigamente eles levavam, e agora fazem a mesma coisa. Até os 3 anos, e depois andavam ali e se punham as pessoas efetivas, se não punham. Eu ainda não tinha feito os dois anos que estava lá, quando foi para ter o meu filho, pronto, acabou o contrato e eles mandaram-me embora.

- Causadas por ter que cuidar de filho que nasceu com problemas:

Entretanto nasceu o meu filho mais velho que nasceu com uns montes de problemas. E eu estive bastante tempo sem trabalhar por causa dos problemas do Zé. Que era constantemente internamentos, idas às urgências. O Zé nasceu com uma fenda lábio-palatina completa.

- Causadas pela morte do irmão mais novo:

Daniel foi padrinho do Diogo (filho mais novo dela). E eu estou a falar era, e foi porque o Daniel deixou-nos aos 27 anos. O Daniel ingressou muito pequenino no colégio militar e depois seguiu a academia militar e ele (suspiro) tinha 27 anos quando fez a primeira missão dele que foi a penúltima missão que fizeram em Timor. Depois da independência de Timor, nossa, tanto a parte militar como a parte da GNR estiveram em Timor para ajudar em treinamentos e outras situações porque ainda havia alguns focos de guerrilhas, para que a independência de Timor corresse tudo bem e o Daniel foi na penúltima missão bravo. Foi, mas já não veio, infelizmente. (pausou fala um instante). Também foi uma altura muito difícil, com a morte dele.

- Causadas pelo divórcio:

Porque quando eu me separei (2001), não sabia que eu estava grávida do Diogo. Diogo já nasceu, já eu estava divorciada [...] não quis registrar (o mais novo), disse que não era filho dele.

- Causadas por não poder trabalhar:

Trabalhava numa firma de limpeza. Depois disso quando eu comecei com os problemas de saúde, tive que deixar porque tinha muitas dores nos pulsos. Muitas dores em tudo que era articulações, pra mim era um [...] Foi há quatro anos atrás. Até uns 3,4 anos atrás que eu deixei mesmo por completo de trabalhar. Mas continuo a trabalhar e muito [...] Meu pai tinha terrenos [...] E então tomo conta das terras (tem plantação).

5.1.2. Estratégias implementadas a favor da sua inclusão social:

Entrevistada 1: Lila

Mesmo discordando do pai, quanto ao tipo de curso que faria na universidade, aceitou fazer o que o pai escolheu (economia) como uma forma de se afastar fisicamente do contato com o pai (fez o curso em Coimbra e a família morava no Porto) e começou a ter uma certa independência física e financeira (pois foi morar longe da família e começou a trabalhar).

Meu pai pensava antiquado. Não queria que eu trabalhasse. Fiz o concurso pra hospedeira de bordo. Ele me disse que isso era pras raparigas à fórmula do Brasil. Ser enfermeira também gostava, porque eu gosto dessa área da medicina, também era a mesma coisa. Quer dizer: meu pai obrigou-me a tirar o curso que ele quis e não o que eu gostava. E eu não queria de maneira nenhuma tirar economia, eu queria psicologia, queria fazer outras coisas e tive que fazer aquilo que ele quis. E assim foi [...] Depois eu vim aqui pra Coimbra e depois, entretanto, comecei a trabalhar, a dar aulas e depois o meu pai não mandava mais em mim. Disse mesmo: Não me apareças mais aqui em casa. Porque o teu problema é seres inteligente demais. E eu perguntei: O que queres dizer com isso? É que não te consigo dobrar. Isso não são coisas que se diga a uma filha. Mas isso é uma milésima parte das coisas que eu teria pra contar. Senão acho que o telemóvel gastava a bateria toda (risadas). Mas são as coisas mais marcantes.

Eu estava nesta terra onde eu estava a dar aulas. Portanto já ganhava pra mim. Já ganhava pra mim e também já não precisava de nada do dinheiro do meu pai.

Falei com a minha vó e ela me disse: Olha filha, se tu queres ter a tua liberdade e ter a tua vida [...] porque o teu pai sempre foi livre desde os 15 anos quando teu avô faleceu. Mas sabes como é, os tempos, homem tudo pode, mulher é apontada. Portanto segue a tua vida. E eu casei, depois,

foi tipo um contrato. Casei só porque queria fazer uma inseminação artificial, em Espanha. Cá não era permitido.

Entrevistada 2: Felismina

Mesmo sentindo que não possuía apoio algum para caminhar na vida, quando começa a mudar sua forma de expressar o que sente, e agarrada a fé que possui na oração, começa a impulsionar a sua própria mudança.

Um dia senti-me mal, e estava assim deitada na minha cama (ainda estou a ver hoje) e disse-me: Não! Tem que ser eu! Porque, ou é agora ou é nunca. E foi aí que eu dei um click! Que a minha vida mudou completamente [...] eu devia ter uns 20 (anos) [...] E naquele dia houve um click. A partir de hoje vou ser só eu... Porque. Nós temos que ser nós, porque não pode ser mais ninguém a decidir nem a fazer... eu disse logo. Eu levantei-me. Mas eu levantei-me logo da cama assim e disse: tem que ser eu! Vou ser eu. Vou tomar menos medicação e vou conseguir. E foi, comecei. A sentir mais, a sentir os horizontes a alargar. Parece que mais luz para conseguir a começar a ver as coisas. Não sei explicar. Sei que a nossa força de vontade é que faz com que sejamos pessoas, seres humanos capazes, da vida. Porque é mesmo assim. Porque, quando a gente, se a gente, se dissermos: “coitadinhos de nós”, na doença “ah ela é assim, coitadinha”. Não! Eu estava cansada daquelas murmúrias que eu ouvia, da falta de confiança em mim. Eu estava saturada... Ninguém faz nada se não confiar em si próprio. Pronto. Depois agarrei-me muito à oração. Agarrei.

E tive que ir eu, descavando em mim própria pra conseguir alguma coisa. Tanto que eu hoje, quando decido alguma coisa, eu só sinto quando algo em mim que interpela: é isto! Não vou muito pela confiança das outras pessoas. Eu tenho que sentir, que realmente, e sinto que devo fazer quando eu me sinto em paz, comigo. É a forma que eu achei mais concreta de caminhar.

Porque eu vi-me tão desiludida, em quem é que se vai confiar? Em quem que eu vou confiar se não vejo ninguém que eu possa confiar? A minha vida já não tem lógica. Tanto que eu vim da casa delas, e vim direto pra vir pro Rio Mondego. Eu vinha com vontade, desiludida de tudo do que estava a passar. Porque não sentia, não sentia que era aquilo que Deus me pedia viver, percebe? A gente devia tratar a diversidade e o padre [...] me disse: vamos fazer lá uma formação. Queres? E eu marquei e fui. Que era primeiro conhecer a mim mesma [...] E aquilo mudou a minha vida.

Entrevistada 3: Isabel

Mesmo com três filhos pequenos, divorciada, contando com o apoio dos pais, muda de país na busca de melhores condições financeiras para dar aos filhos.

De março de 2008 a janeiro de 2010... estive na Holanda (trabalhando) [...] (filhos ficaram com a mãe) [...] na Holanda não é permitido crianças em casas comunitárias. E eu ia pra uma casa comunitária. Pra uma casa que era do patrão, onde havia outras pessoas [...] O que eles chamam casas comunitárias são várias pessoas, são algumas pessoas que não

pertencem à mesma família. Isso é considerada uma casa comunitária. (foi lá para) [...] tentar arranjar uma vida um bocadinho melhor. Agora, hoje, eu digo assim: Prontos, há um propósito pra tudo [...] Ganhava-se muito bem. Ganhava-se muito bem. Ganhava-se lá mais, eu ganhava lá mais em 15 dias do que cá é atualmente o ordenado mínimo nacional [...] ao contrário do que muita gente disse, eu não abandonei os meus filhos. Eu deixei os meus filhos entregues aos meus pais. Quando eles ficaram sem a proteção, não é? (voltou) Porque o meu pai tinha ido embora de casa, a minha mãe, tinha lhe dado um AVC.

5.2. Análise Interpretativa

Considerando o **2º objetivo específico** “Identificar se o sentido produzido pelas narrativas de vida potencializa ou despotencializa o protagonismo das mulheres em situação de vulnerabilidade social”, direcionou-se a análise relativamente para os eixos de condição de doença e da construção de futuro.

Apesar da preocupação do enquadramento teórico relativamente às *categorias de situação social*, não se chegou a atingir o **estado de saturação**¹⁴ para consolidação de um modelo, no entanto, notou-se enquanto variável comum a todas as entrevistadas: as três possuem *doenças crônicas* (detalhadas no quadro abaixo), o que pode, de certo modo, ampliar as situações de vulnerabilidade em que se encontram ou até mesmo vir a perpetuar essa situação, transformando-a em condição. Com o intuito de descobrir relações de causalidade das dinâmicas sociais estudadas, buscou-se interpretar essa variável comum encontrada.

¹⁴ “para atingir esse ponto dito de saturação do modelo, a experiência mostra que é necessário recolher e analisar várias dezenas de entrevistas narrativas” (Glaser e Strauss, 1967; Bertaux, 1981 *apud* Bertaux, 2020, p.55)

5.2.1. Influência das condições de doença

Quadro 6

Condições de doença

Entrevistada (codinome)	Data de nascimento (Idade)	Condição de Doença	Desde quando
Lila	09/10/1961 (62 anos)	Esclerose múltipla, Ansiedade, Anemia crônica, Hipotireoidismo	2013 2001 1992 2017
Felismina	11/06/1970 (53 anos)	Colostomia total mecânica direta (hélio paralítico) Tumor 7cm (entre o reto e a bexiga) Sonda vesical (urina) Esclerodermia ou esclerose sistêmica (ainda em estudo) Distúrbio do sono	2015 2015 2015 2016 2018
Isabel	04/10/1967 (56 anos)	Sarcoidose Tuberculose latente - Filho: com atraso cognitivo, fenda lábio-palatina completa, epilepsia, síndrome de asper - Mãe: teve AVC que paralisou 1 dos lados e síndrome de Parkinson	2017 (desde nascimento) 2010

Fonte: Entrevistas realizadas

Abaixo, seguem os recortes, identificados nas narrativas de vida, a respeito das condições de doença e a influência nas suas vidas.

Entrevistada 1: Lila

Foi há 10 anos (oficialmente). Aliás, segundo o médico diz, eu tinha 20 e tals anos, e já de vez em quando eu ficava sem andar. Mas nunca foi descoberto... E realmente eu tinha episódios de ficam sem andar. Afetou-me bastante a parte cognitiva. Tem dias que não consigo conversar com ninguém. Por isso é que lhe disse. Tem dias que não consigo dizer nem metade daquilo que estou a lhe dizer agora. Nem sei como é que me lembro. Tem dias que não consigo falar. Às vezes perco a fala mesmo... Arranjei um trabalho, ainda ganhava 1000 e tals euros a tratar de uma idosa que tinha tido um AVC... Tive que parar (de trabalhar) ...”

Isto (a esclerose não permite nem que trabalhe) já está lá na segurança social escrito. Não permite [...] porque não tenho força. Não tenho já aquela força que tinha. Todos os dias eu parto louça ou deixo cair qualquer coisa, porque minhas próprias mãos já não têm aquela força.

Entrevistada 2: Felismina

Eu queria ir ao médico e elas (freiras de um dos Conventos onde ficou durante um tempo) diziam: - Ah não, o senhor é a cura. Não precisamos de ir ao médico. Um dia faltou-me lá o período, durante 7 meses, um ano, e eu disse à frente do Padre: – Eu vou-me embora. Vocês não me levam ao hospital. É assim, falta-me o período e eu não to pra aguentar isto. Ou bem me levam ao hospital ou então eu vou. Um dia, a irmã, como não queria que ficasse dela avante, pediu-me pra marcar uma consulta pra médica psiquiátrica e vieram cá comigo E depois a médica disse: Não, não! A Felismina sabe o que quer [...] Não sei (o que tenho) [...] Estão a me parar os órgãos. Não tenho intestino. Já tirei o intestino. Tenho o hélio parálítico. A bexiga tá parada [...]A sonda, porque os rins também estão a parar os dois. Quer dizer, isso é uma doença degenerativa, que não sabem o que é, a nível muscular [...] Mas os sintomas que eu tinha, assim de mal estar, e às vezes assim muito irritada e não sei que, tem a ver com hoje já! O médico neurologista disse-me que já era a forma que estava a se manifestar antes de ter estas coisas.

E daí uma hora fui lá e deixei de obrar. Parecia uma tampa que estava por baixo. (deixou de defecar) [...] eu não aguentava. É um sofrimento horrível. E então o médico, já o médico de família lá de Condeixa, o que ele achava que eu tinha era tudo de cabeça, psicológico, percebe? E nunca deram, desde criança, nunca, pra eles era tudo nervos. Era tudo doença mental. Era tudo. A sociedade de hoje fez sempre, eu tenho sofrido muito e eu hoje estou assim devido à falta da parte médica. Porque a parte médica é qualquer coisa pra dormir, medicação e toca a andar.

Até hoje ainda não está descoberto [...] isto é um processo muito complexo. Porque eu ia ao hospital, ao centro de saúde e o médico dizia: Isso é tudo dos nervos! E ninguém ligou a situação nenhuma. E por isso é que cheguei à situação que estou hoje. Qualquer coisa da saúde, já dizem que é nervos, que é doença, é, é, é depressões e essas porcarias. E depois as pessoas chegam ao que estão, como estão hoje. E a situação que estou hoje é uma diligência grave de saúde a nível de médico [...] isto foi guerra entre médicos. Ao fim, ao cabo, a partir de 2010 foi guerra entre médicos.

Porque se eu tivesse saúde, eu não queria estar assim. Ninguém imagina o sofrimento que é, eu com esta idade estar assim há 13 anos. Em casa sem fazer nada.

Entrevistada 3: Isabel

O percurso de vida de [...] 2010 pra cá, faço umas horitas, tive 5 anos numa firma de limpeza, mas derivado os meus problemas de saúde também tive que sair. Porque tenho, tinha muitas dores nas articulações, nas mãos. Eu sei que tenho uma sarcoidose (doença autoimune) não

declarada [...] ainda não se instalou, e ainda bem, num local. Porque a sarcoidose ela faz pequenos, como vou dizer? É uma espécie de ferida. Ela destrói os tecidos, os tecidos moles. E o local onde ela se instala com mais frequência é nos pulmões. Porque quando ela se instala nos pulmões, então, aí acabou-se... Conheço algumas pessoas que tem oxigênio, vivem com oxigênio atrás, por causa disso. Faz pequenas úlceras nos tecidos moles. Pode atacar os pulmões. Onde ela ataca mais frequentemente é os pulmões [...] já está diagnosticado [...] eu já há cinco anos que estou em estudo. Tá declarada, tá declarada por causa da SACE. A SACE é uma análise. Porque de vez em quando eu tenho a SACE muito alta [...] é o nome de uma análise que eles fazem. Tenho o nome mas eu não. Tem um nome específico que eu não sei. Quando ela está muito alta, então, prontos! [...] O estudo começou há 5 anos. Há 3 anos é que eles me disseram: Isso é uma sarcoidose derivada das feridas da SACE [...] já fiz uma biopsia hepática e não dá nada. Fiz uma ressonância às vias biliares e também não dá nada. Porque eu faço, eu faço picos de hepatites. As transaminases sobem de vez em quando elas sobem mais do que qualquer normal [...] Meu fígado é muito malandro. Eu faço muitas intoxicações medicamentosas. Porque o meu fígado não aguenta alguns medicamentos. Por exemplo: eu tenho uma tuberculose latente, e pela convenção europeia da saúde nós somos obrigados a fazer 3 meses de prevenção, 3 meses de tratamento de prevenção. Porque é assim: É mais fácil apanharem tuberculose do que eu. Mas o meu bacilo também pode acordar de um momento pro outro.

5.2.2. Construção de futuro

Para podermos reconhecer nos indivíduos a existência de alguma capacidade de iniciativa ou de escolha, inevitavelmente foi necessário conceder-lhes certa distância em relação ao sistema social, sem com isso, os isolarmos no microcosmo das suas individualidades.

Abaixo, seguem os recortes, identificados nas narrativas de vida, que podem caracterizar o que as move rumo ao futuro:

Entrevistada 1: Lila

Não possui sonhos ligados diretamente a ela, somente ao filho e à neta.

Meu futuro acho que vou acabar por aqui, vou ficar aqui. A média de vida são de 65 anos. É a reforma. Pra mim é um dia de cada vez agora. Não tenho amigas. São todas falsas. Uma amiga que recebia em minha casa constantemente só vinha comer. Almoçava, jantava e pronto! Às vezes saíamos um bocadito, mas era sempre no meu carro.

Eu acho que sonhos, sonhos, sonhos em relação a mim mesma já tive muitos, que não realizei, mas agora já não tenho. Agora só queria que realmente Deus me ajudasse a que conseguisse ver a minha netinha crescer mais um pouco. É só isso. Porque eu também quando começar a sentir estorvo, não estou aqui a fazer nada.

Entrevistada 2: Felismina

Possui sonhos ligados a apoiar jovens, considerando que ela, enquanto jovem, não se sentiu apoiada. No entanto, “se Deus quiser e a ajudar a sair da condição de doente”.

Tenho (sonhos) [...] Mas, se Deus quiser, é assim, eu tenho um sonho e então é algo de muito. Eu quando vim pra Coimbra, algo que me despertou, destes jovens perdidos, porque eu também fui jovem, e tive um passado muito difícil, tive que ser eu, tive que ser eu a dizer: “Não! Basta! Tenho que ser eu a caminhar. Ninguém caminha por mim. Tenho que ser eu a decidir”. E tive que ter forças interiormente. E estes jovens, como me deu aquele click pra dizer: Não pode ser, tenho que mudar eu! Esses jovens não tiveram. Não tiveram alguém que lhe desse as mãos quando eles quisessem caminhar. Não tiveram a força suficiente. Eu tive a fé, tive a força Dele em mim que me fortaleceu. Mas estes jovens, uns tem religião, outros não tem, outros não creem em nada e não tiveram a mão suficiente que os ajudassem a ser felizes na vida. Porque felizes não é o curso, não é isso. É olhar pra si mesmo, e amar-se a si mesmo e ser feliz. Saborear o que eu sou. As dificuldades, as tristezas. Mas (pausa) as coisas boas e as coisas más. E, e estes jovens interpelaram-me. E então este desejo de ser esta transparência, esta transparência lúcida de levar estes jovens, uma mão, um conforto e dizer: eu estou aqui. Tens aqui alguém em quem confiar e quem quer ajudar a ser feliz... (o sonho) É trabalhar com jovens de rua, perdidos, pra que eles chegassem a ser felizes verdadeiramente [...] era o meu sonho. E eu sozinha não consigo porque só Deus pode concretizar isso. E eu estou doente, mas eu acredito que se Ele o quiser, Ele consegue. Por isso, estou nas mãos de Deus. Ele que faça o que Ele quiser. Ele que me deu as capacidades, se Ele achar que é isso. Pra que nós conseguíssemos chegar a essa alma, eu não sei. Um dia de cada vez. É esse grande sonho.

Entrevistada 3: Isabel

Não possui sonhos, somente pequenos projetos. Prefere viver um dia de cada vez.

Não tenho (sonhos). Não tenho. É assim, não tenho. Não tenho há 12 anos. Porque. Por este motivo. O Daniel (irmão mais novo) ia casar, foi ao Timor buscar dinheiro pra entrada do apartamento dele e iriam casar no fim daquele ano. Eram um casal novo, com mil e um projetos. Tinha acabado de comprar uma carrinha que era. Comprou uma carrinha que era já pra ficar pra família que ele iria constituir. O Daniel partiu (morreu) e não tenho (sonhos, projetos). Vivo um dia de cada vez. Tento ter um objetivo, tentar alcançar aquele objetivo. Se conseguir, consigo, se não conseguir. Não estou praí virada. É um dia de cada vez.

5.2.3. Forma identitária partilhada: carreira de assistidas

Ao classificar e designar os indivíduos como ‘os assistidos’ “a política social reforça a identidade negativa dos beneficiários, desencoraja os seus esforços, impele-os a instalar-se na ‘carreira’ de assistidos”. Posição retroalimentada por políticas públicas que se apresentam como frágeis laços de proteção social que servem para manter essas pessoas socializadas (Schnapper *in* Paugam 2003, p.10)

Analisando-se os eventuais traços comuns entre as entrevistadas, capazes de definir uma *forma de identidade partilhada*, de acordo com a tipologia de Paugam (2003), as entrevistadas possuem características que as colocam na *carreira de assistidas*. Tal é visível nas fragilidades que descrevem nas entrevistas, relacionadas com a doença. Uma **doença conformada** que as coloca numa situação de dependência face aos serviços de proteção social.

Lila (entrevistada 1), mesmo com pouco tempo de ligação com os serviços e as Instituições de apoios (1 ano), identifica-se progressivamente com o estatuto de assistida, enquanto experiência vivida de *assistência instalada* procura por mais apoios a que tenha “direito”, por vezes cooperando, por vezes seduzindo na relação com os assistentes sociais, mas já demonstrando alguns momentos de conflito com os mesmos. Declara em vários momentos que sua doença não permite que continue trabalhando, demonstrando fraca motivação para o trabalho.

Felismina (entrevistada 2) é a que possui questões de doença mais agravadas e com isso, nenhuma motivação (nem condição) para o trabalho. Com o tempo adquiriu progressivamente justificações que a fizeram se identificar cada vez mais com o estatuto de assistida, chegando à experiência vivida de *assistência reivindicada*, que inclusive direciona a sua relação de “reivindicar” mais e mais junto aos trabalhadores sociais.

Isabel (entrevistada 3), apesar da doença (que ainda se encontra latente, com sintomas surgindo ainda de maneira sutil) está em movimento, motivada a sempre buscar algo com o que trabalhar (forte motivação para o trabalho) para ter uma certa independência financeira. Não possui acompanhamento social regular (distanciação da relação com os assistentes sociais), enquanto experiência vivida de *assistência diferida*, acede aos apoios, mas não se percebe dependente deles. Esta característica de “não se sentir dependente aos serviços de ação social” não condiz com a característica de dependência “Bastante Forte” da tabela baseada nas análises de Paugam.

Quadro 7

Características da “carreira” psicológica das Assistidas x Entrevistadas

Experiências vividas	Motivação para o trabalho	Dependência relativamente aos serviços de ação social	Relações com os trabalhadores sociais
Assistência Instalada	Fraca	Forte	Apropriação Sedução Cooperação
Assistência Reivindicada	Nenhuma	Muito Forte	Reivindicação
Assistência Diferida	Forte	Bastante Forte	Distanciação

Nota: Quadro adaptado das características da “carreira” psicológica das assistidas (Paugam, 2003), e correlacionado com informações obtidas nas entrevistas realizadas.

Abaixo, seguem os recortes, identificados nas narrativas de vida, que podem caracterizar “características de carreira psicológica” enquanto assistidas:

Entrevistada 1: Lila

Eles (assistentes sociais) também não perguntam quase nada da nossa vida, não fazem perguntas nenhuma, é uma folhita de um lado e doutro, nome, morada... É porque é assim. Uma pessoa inscreve-se pelo computador, dá o número do contribuinte, dá conta bancária. Tem que dar a permissão deles terem acesso à conta bancária. E a partir daí, sabem tudo. Com o NIF, sabem tudo [...]

Já passei por várias (assistentes sociais), mas como esta que agora “quero, posso e mando”, logo por azar é uma antipática.

“Só que agora tem a ver com Ela vai ver se vou precisar de subsídio ou não. Todos os subsídios que são do governo, tem caído todos. E aquele que eu comecei vai fazer um ano em julho, tem vindo sempre certinho. Agora, a partir de julho eu não sei o que vai dar na cabeça daquela maluca [...] Só me disse que o dinheiro que a Segurança Social agora distribui é pouco.

Nunca tive de apoio nenhum pra tratar de mim. Nunca, nunca, nunca. Nem que me visitassem. Eu vejo tanta gente com apoios disto, aquilo. (apoio específico) é negado. É negado. Tudo tem sido negado.

Estou há dois anos à espera (da reforma por doença). Agora a ‘nova assistente social’ disse que queria os papéis outra vez que é pra ver se. Estou só à espera [...]deu 80% de incapacidade. E agora falta-me ir à junta médica da Segurança Social que estou há 2 anos à espera. E então esta nova assistente social diz que quer os relatórios dos médicos que é pra ver se [...] (consegue remeter à junta médica da Segurança Social)

A Segurança Social tem bastante dinheiro, mas agora mudou para as autarquias. E a Segurança Social distribuiu as verbas pelas autarquias. E, portanto, é um bocadinho para cada. E as autarquias como tem várias coisas pra fazer, vai fazendo cortes e vai dando. E agora são as câmaras que gerem o dinheiro. E foi de mal pra pior [...] a assistente social, portanto eu dependo da que me deem, é outra assistente social pra outra coisa. Disse-me logo: - Não, eu não vou pagar os seus medicamentos. Nem pensar. Até disse assim: Se o teu filho paga tudo, porque a senhora precisa receber da segurança social? Precisa de dinheiro pra que? Até foi uma bruta e ainda por cima e é ela que vou ter que aturar [...] por acaso não é nada simpática. Tenho falado com tantas assistentes sociais, mesmo da junta de freguesia, da câmara.

Entrevistada 2: Felismina

De muito esforço e de muito lutar (tem algum apoio do Estado). Porque o Estado sempre não pode. A parte social nunca pode. E no fim de eu chegar, e só no fim de eu questionar e não sei que, e depois já. É interessante... (consegui algum apoio do Estado) em 2018. Porque eu lutei muito. Porque nunca tínhamos direito a nada. Em 2018 pedi a reforma de invalidez e eles disseram que eu tinha muito [...] pra trabalhar até hoje [...] Aí não deram (a reforma por invalidez) Não deram. Tenho 28 anos de casa, de segurança social do trabalho (não deram a reforma). Não. Mas não tenho (suspiro). Tenho incapacidade. Deram-me incapacidade. Uma pensão de, não é uma pensão. É um coiso de incapacidade, um apoio. E tenho 19 euros do rendimento mínimo (por mês) [...] porque tenho incapacidade (o rendimento), cortaram-me tudo. Agora tenho aqueles 90 euros do Estado de 3 em 3 meses.

Também há aquelas pessoas que querem os subsídios, não sei que, para não trabalhar. Para estar, tipo, à borla, não é? Como se costuma dizer. Mas não é a minha situação. Porque se eu tivesse saúde [...] Se a sociedade hoje me está a dar, só tem a obrigação. Porque não contribuiu para eu poder servir a sociedade (pausa) com o meu trabalho.

Entrevistada 3: Isabel

Eu infelizmente tenho tido azar, mas é mesmo assim. Assim como com as assistentes sociais. Também tenho tido um azar [...] Cheguei. Cheguei. Cheguei (na assistência social) [...] E é assim: A minha mãe, não é uma fortuna, mas quem faz as leis acha que sim. Que é uma fortuna que ela ganha. Que é uma fortuna que ela ganha. Porque ela ganha acima do ordenado mínimo nacional. Mesmo a reforma dela é acima do ordenado mínimo nacional. E então as senhoras da assistência social faziam umas contas. Não sei que contas é que usam pra fazer que ainda me sobrava 100 euros. Que elas fazem as contas e aquilo dava 100 euros a cada um na altura. Era eu, os meus 3 filhos e ela, éramos 5. E ainda 'me sobravam 100 euros' (pelas contas das assistentes sociais) [...] Eram 500 euros. Eram 100 euros pra cada pessoa. 100 euros dá pra cada pessoa. Mas atenção: 100 euros da pra cada pessoa, mediante certas situações (se não há problemas de saúde na família), não é? [...] Bastava o meu filho mais velho, tinha problemas de saúde.

Considerando o objetivo geral, que se desmembrou nos dois objetivos específicos acima detalhados, não haveria outra maneira de chegar às pistas nas quais se chegou, sem que houvesse os momentos da ida ao campo. As pistas subjetivas que emergiram ao longo das entrevistas foram: resiliência, falta de motivação para transpassar a situação e construir algum futuro melhor do que o atual presente; e as pistas objetivas foram: dependência das assistências e doenças que dificultam que trabalhem.

Se considerarmos que **“a identidade individual constrói-se sob um modo narrativo”** (Ricoeur, 1999, *apud* Kaufmann, 2005, p.124), arrisca-se afirmar que a alteração no modo narrativo pode interferir na construção da identidade individual.

Encerro esta análise com frases ditas pelas entrevistadas, que sugerem alteração no modo narrativo:

(ser feliz) É olhar pra si mesmo, e amar-se a si mesmo e ser feliz. Saborear o que eu sou. As dificuldades, as tristezas. Mas (pausa) as coisas boas e as coisas más [...] este desejo de ser esta transparência, esta transparência lúcida. (Felismina, entrevistada em 19/06/2023)

A vida é um ciclo. Ou é uma roda. A gente anda sempre à volta. A gente nunca sabe quando é que amanhã não vai precisar outra vez. Ela vai rodando, não é? Às vezes pode passar ali ao lado e mais e coisa, a coisa ultrapassa e nunca sabe quando é que a gente volta lá sempre no mesmo ponto. Porque hoje estamos bem. (Isabel, entrevistada em 03/07/2023)

REFLEXÕES FINAIS

“A narrativa é o instrumento pelo qual o indivíduo procura reforçar o seu destino. Entre a experiência vivida e a narrativa, é frequentemente bastante difícil dizer qual é a mais motriz, a que domina” (Kaufmann, 2005).

Ao longo da pesquisa teórica, deparou-se com a informação de que as questões de identidade, a análise das relações subjetivas e as categorias de identificação estão vindo a ser, de maneira mais central, mais trabalhadas nas áreas científicas das ciências sócias e humanidades. Nestas áreas, outra questão que continua sendo muito discutida e estudada é a da ‘crise do vínculo social’ por conta de que algumas categorias estão com recursos e níveis de vida a degradar-se com o passar do tempo. Por vezes com discursos generalistas sobre ‘a nova pobreza’ e ‘exclusão’, sublinham-se as transformações e rupturas das relações sociais, bem como a natureza dessas rupturas.

O trabalho conduziu-nos ao entendimento da existência de uma pluralidade de modos de vida, de definições, de combinações identitárias, que são responsáveis pela complexidade ligada a uma parte do tema escolhido, as ‘reconstruções sócio-identitárias’.

Aprofundando os estudos a respeito das narrativas de vida e da reconstrução identitária, um passo anterior ao da reconstrução sócio-identitária, notou-se que na busca por *ter uma vida bem sucedida*, influenciados pela preocupação principal de construir uma família, uma carreira (emprego), por vezes com convicções fixas em relação à religião, à política, os indivíduos vão afastando-se de si, de sua identidade individual, emaranhando-se no sistema e perdendo o sentido de suas vidas.

A perspectiva aqui apresentada nasceu da observação de aspectos subjetivos, porém, foi orientada para uma realidade objetiva, por meio de um olhar etnossociológico direcionado a uma determinada categoria de situação social, no caso deste trabalho *mulheres em vulnerabilidade social*, com o objetivo último de propor um modelo do que está a acontecer e estender para terrenos semelhantes ao aqui estudado.

Relativamente às informações obtidas na pesquisa de campo, nos deparamos com mulheres fragilizadas pelas muitas rupturas pelas quais passaram, mencionadas na análise das entrevistas, porém, as doenças que possuem apresentaram-se como responsáveis por suas fortes fragilidades justamente por as manterem dependentes de apoios sociais formais e de algumas ajudas, mas que não são suficientes para as tirar da categoria de situação social na qual se encontram.

Vários momentos de ruptura foram detectados ao longo das entrevistas narrativas, nos quais, destacamos:

- Todas relataram relação difícil com a figura parental paterna da qual não se conseguem libertar: atitudes agressivas e austeras do pai de Lila, morte precoce do pai de Felismina, separação e abandono do pai de Isabel;
- Todas possuem vínculos afetivos difusos com a figura masculina: Lila, quando se libertou do controle do pai, teve relacionamentos amorosos nos quais demonstrou ser explorada financeiramente e com homens nos quais não confiava; Felismina recorreu à “segurança” do celibato tornando-se freira, apesar de ter tido um primeiro namorado, pelo qual se sentiu preterida por não estar no mesmo *nível* da família dele – não cursando uma faculdade; Isabel passou por uma separação tendo que cuidar dos três filhos, ouvir do ex marido sobre a dúvida da paternidade do mais novo e ter ajuda financeira, do ex parceiro, irrisória se comparada ao custo de vida, principalmente por ter gastos extras com o filho mais velho, que possui muitos problemas de saúde;
- Além destas relações, enquanto seres identitários, houve pouca referência aos aspetos mais subjetivos, nomeadamente às suas relações com os outros que as rodeiam, ou com outros interesses. O que se notou é que vivem presas num ciclo que se retroalimenta entre as doenças e as dependências, onde as doenças validam as suas necessidades de suporte externo;
- Todas possuem uma relação de desconfiança com os serviços de apoio social, nomeadamente com as assistentes sociais.

Ao revisitar a questão de partida para entender “de que modo as narrativas de vida das mulheres em situação de vulnerabilidade social influenciam as suas

reconstruções sócio-identitárias”, arrisca-se dizer que o modo de influência das narrativas é muito particular a cada indivíduo, mesmo passando por histórias similares.

Detectou-se, nas entrevistas, algumas poucas estratégias implementadas em prol de suas inclusões sociais, no entanto, não conseguimos afirmar se existe poder potencializador ou despotencializador no sentido produzido pelas suas narrativas de vida. Surgiram apenas algumas pistas relativamente aos seus protagonismos ao longo de suas narrativas de vida vivida, nos quais, destacamos:

- Todas, ao longo de suas vidas, buscaram ter capacidade financeira para decidirem por suas vidas;
- Todas demonstraram ter criado um vínculo com uma Associação que as apoia em algumas necessidades, chegando a fazer parte de algumas ações dessa Associação como voluntárias, demonstrando que, apesar de tudo pelo que passam, ainda querem ajudar a quem mais do que elas, possa precisar.

Considerar que há algo que determina e estanca a identidade individual de um sujeito é fadá-lo aos estatutos, principalmente no caso de estatutos carregados de estigmatizações negativas, como é o caso do estatuto dos *assistidos*.

Ser influenciado permanentemente, imerso em um universo de significações variadas, não anula a existência de uma parcela autônoma do indivíduo, podendo esse continuamente a trabalhar e retrabalhar o seu repertório identificatório.

Mesmo que as necessidades tidas como *básicas* passem por suprir necessidades do corpo, as mulheres entrevistadas, que se encontram doentes, demonstraram grande sentimento de vulnerabilidade, fazendo com que não consigam enxergar um futuro nem muito distante, nem muito promissor.

Faz-se urgente ampliar o olhar relativamente à **construção de políticas públicas sociais considerando a complexidade dos indivíduos enquanto sujeitos biopsicossociais**.

Mais do que respostas, trago novas perguntas: O que pode vir a ser proteger socialmente e ainda assim fortalecer a autonomia do indivíduo, suprimindo suas necessidades para além dos serviços de apoio social? Os apoios sociais podem se transformar em degraus para novos níveis?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arendt, H. (2001/1958). *A Condição Humana*. Relógio D'Água Editores. [Título original: *The Human Condition*]. Trad.: Roberto Raposo.

Bertaux, D. (2020/1997). *As Narrativas de Vida* (1ª ed.). Editora Mundos Sociais. [Título original: *Le Récit de vie*]. Trad.: Liliana Azevedo.

Capucha, L. et al.(1994); *Exclusão social: factores e tipos de pobreza em Portugal*. Celta Editora.

Coutinho, C. P. (2018). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª ed.). Edições Almedina.

Diogo, F. (ed.) et al. (2021). *A pobreza em Portugal: trajetos e quotidianos*. Ed. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Dubar, C. (2006). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Ed Afrontamento. Título original: [*La crise des identités: l'interprétation d'une mutation*]. Trad.: Catarina Matos.

Dubet, F. (1996/1946). *Sociologia da experiência*. Ed. Instituto Piaget. [Título original: *Sociologie de l'expérience*]. Trad.: Fernando Tomaz.

Guerra, I. C. (2007). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção: O Planeamento em Ciências Sociais* (2ª ed.). Principia Editora.

Guerra, I. C. (2014). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo - Sentidos e formas de uso* (1ª ed.). Principia Editora.

Paugam, S. (2003). *A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. (3ª ed.). Porto Editora. (prefácio de Dominique Schnapper). [Título original: *La Disqualification Sociale: essai sur la nouvelle pauvreté*]. Tradução: Renata Dias de Carvalho.

Pereirinha, J. A. et al. (ed) (2008) *Género e pobreza: impacto e determinante da pobreza no feminino*. Ed. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Quivy, R. & Campenhoudt, Luc Van. (2008/1995). *Manual de investigação em ciências sociais*. (5ª ed.). Gradiva Publicações. [Título original: *Manuel de recherche em sciences sociales*]. Trad.: João Minhoto Marques.

Santos, C. C. (2011). *Profissões e identidades profissionais*. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Sousa, L. X. M.et al (2007); *Famílias pobres: desafios à intervenção social*. (1ª ed.). Climepsi Editores.

Referências Eletrônicas

Capucha, L. M. A. (2004) *Desafios da pobreza*. [Tese de Doutoramento em Sociologia. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa]. <https://www.researchgate.net/publication/304042048>

Costa, A. B. da (1984, Abril-Junho). Conceito de pobreza. *In Estudos de Economia*. IV(3). pp. 275-296. <http://hdl.handle.net/10400.5/9738>

Cutter, S. L. (2011). A ciência da vulnerabilidade: modelos, métodos e indicadores. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. (93), 59-69. DOI: 10.4000/rccs.165 Trad.: Victor Ferreira.

Diário da República de Portugal. *Estratégia Nacional de Combate à Pobreza*. Acessado em: 30 de junho de 2023, em: <https://dre.pt/dre/detalhe/resolucao-conselho-ministros/184-2021-176714553>

Diogo, F. (coord). (2021). *Faces da pobreza em Portugal*. Ed. Fundação Francisco Manuel dos Santos. <https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-07/faces-da-pobreza-em-portugal.pdf>

Dubar, C. (1998). Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação & Sociedade* 19(62). <https://doi.org/10.1590/S0101-73301998000100002>

EAPN (2022) Rede Europeia Anti-Pobreza - Portugal Observatório nacional luta contra a pobreza. *Pobreza e Exclusão Social em Portugal*. Acessado em: 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.eapn.pt/centro-de-documentacao/documentos/pobreza-e-exclusao-social-em-portugal-relatorio-2022/>

EAPN - Rede Europeia Anti-Pobreza - Portugal. *Observatório Nacional da Luta Contra a Pobreza*. Acessado em: 27 de maio de 2023. Disponível em: <https://on.eapn.pt/>

European Union - Representation in Portugal (European Commission), Marques, C., *Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia – Em linguagem simplificada*. Acessado em: 13 de abril de 2023. Disponível em: <https://data.europa.eu/doi/10.2775/87663>

FFMSPT (2021, 13 de abril), Fonseca, E. (de 42min54s até 43min59s e de 36min18s até 39min13s). *Retrato da Pobreza em Portugal* [Vídeo]. YouTube. Fundação Francisco Manuel dos Santos. https://youtu.be/QycbFtAR_wM.

FFMSPT (2021, 13 de abril), Guerra, I. (de 40min33s até 42min49s). *Retrato da Pobreza em Portugal* [Vídeo]. YouTube. Fundação Francisco Manuel dos Santos. https://youtu.be/QycbFtAR_wM

INE (2023). Instituto Nacional de Estatística. *Resumo Rendimento e Condições de Vida* Acessado em: 20 de janeiro de 2023. Disponível em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=541059446&DESTAQUESmodo=2

_____ **Coeficiente de Gini do rendimento monetário líquido por adulto equivalente (%)**. Acessado em: 27 de maio de 2023. Disponível em: https://www.ine.pt/bddXplorer/htdocs/minfo.jsp?var_cd=0004212&lingua=PT

Kaufmann, Jean-Claude (2005/1948). *A invenção de si. Uma teoria da identidade*. (1ª ed.) Ed. Instituto Piaget. [Título original: L'Invention de Soi]. Trad.: Joana Chaves.

Ladouceur, B. (2008). *Serge Paugam, Le lien social*. Publicado em 28 de agosto de 2008. Consultado em 15 de maio de 2023, em: DOI: <https://doi.org/10.4000/lectures.653>

Maciel, F. (2019, Janeiro-Junho). Exclusão ou desfiliação social? Robert Castel e uma sociologia política para a periferia do capitalismo. In *Revista Crítica de Sociologia e Política*, 12(1), pp. 94-108. <https://www.revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/153>

Menna, B. A. M. H. (2009). O método autobiográfico como produtor de sentidos: a investigação de si. *Actualidades Pedagógicas*. 1(54), pp.13-28. <https://ciencia.lasalle.edu.co/ap/vol1/iss54/1/>

Organização das Nações Unidas. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Acessado em: 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

_____ *Declaração de Copenhague sobre o Desenvolvimento Social*. Acessado em: 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.un.org/en/conferences/social-development/copenhagen1995>.

_____ *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Acessado em: 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://research.un.org/en/docs/humanrights>

_____ *Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza*. Acessado em: 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.un.org/en/observances/day-for-eradicating-poverty>

_____ *História das Organizações das Nações Unidas*. Acessado em: 30 de dezembro de 2022, em: <https://unric.org/pt/historia-da-onu/>

Paugam, S. (2019). Desigualdades e laços sociais: por uma renovação da teoria do vínculo. 208- 232 (Serra, P. M., entrevistador & Bicudo, M. de C., tradutor). *Plural*, 26(1). DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159915>

Pereirinha, J. A. & Pereira, E. (2019). *Défice social e pobreza relativa: uma análise da adequação do bem-estar e da segurança económica em Portugal*. Instituto Superior de Economia e Gestão – GHES Documento de Trabalho/Working Paper nº 65-2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/19159>

Plataforma Portuguesa para o Direito das Mulheres. *Plataforma de Ação de Pequim*. Acessado em: 27 de maio de 2023, em: <https://plataformamulheres.org.pt/projectos/platacaopequim/>

Santos, C. (2015). Habitação Social, Vulnerabilidade Social e Serviço Social. *Revista Libertas*. 15 (1). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18313>

Secretariat-General (European Commission). *Pilar Europeu dos Direitos Sociais em 20 princípios*, Acessado em: 13 de abril de 2023. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/ce37482a-d0ca-11e7-a7df-01aa75ed71a1/language-pt/format-PDF/source-62666461>

Toscano, M. de F. (2008) *Sociologia das Identidades, Ofício de Revelação: Exemplares Formas de Vida: Testemunhos de Mulheres Em Luta Pela Requalificação Social*. [Tese de Doutoramento em Sociologia. ISCTE-IUL]. <http://hdl.handle.net/10071/2833>.

Toscano, M. de F. (2015). *Como se sai da pobreza? — Os processos de requalificação sócio-identitária (prsi) de portuguesas no país basco, pela análise sociológica da oralidade*. In Diogo, F. (Org.). *Pobreza e Exclusão Social em Portugal. Contextos, Transformações e Estudos*. Ed. Húmus. pp. 197-212. <http://hdl.handle.net/10400.3/4191>

UNDP (2022) United Nations Development Programme & Oxford Poverty and Human Development Initiative. *Global Multidimensional Poverty Index / 2022: Unpacking deprivation bundles to reduce multidimensional poverty*. Publicado em 17 de outubro de 2022. Acessado em 15 de maio de 2023. Disponível em: <https://hdr.undp.org/content/2022-global-multidimensional-poverty-index-mpi#/indicies/MPI>

UN Women and United Nations Department of Economic and Social Affairs, Statistics Division (2022). *Progress on the Sustainable Development Goals: The gender snapshot 2022*. <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2022/09/progress-on-the-sustainable-development-goals-the-gender-snapshot-2022>

APÊNDICES

APÊNDICE A

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM RECOLHA DE DADOS

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira proceder de acordo com a forma sugerida como comprovativo de autorização.

Título: Recolha de dados para elaboração de trabalho de investigação teórico-empírico-analítico.

Enquadramento: Encontro-me a recolher dados para elaborar trabalho de investigação teórico-analítico, no âmbito do Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, das Faculdades de Economia e de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Clara Cruz Santos e coorientação da Doutora Maria de Fátima Toscano.

Explicação do trabalho: A colaboração neste trabalho implica a resposta a várias questões que têm como **objetivo principal obter informações sobre a sua trajetória de vida**, seus principais desafios, oportunidades e estratégias que permitiram a construção da sua vida atual e tem por objetivo geral, a partir desses dados, fazer uma análise da sua trajetória de vida. Estima-se que a resposta às perguntas lhe ocupe cerca de 1 hora.

Condições: A participação neste trabalho é de caráter voluntário, pelo que pode decidir pela não participação. A recolha dessa informação ocorrerá através da realização de entrevista semiestruturada, a ser realizada de maneira presencial, da qual autoriza a publicação das respostas no trabalho final.

Confidencialidade: Garanto a confidencialidade dos dados recolhidos, cuja utilização é, exclusivamente, para os fins académicos referidos.

Agradeço a sua disponibilidade.

Fabiana Santos Gomes (Mestranda)
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

*Declaro ter lido e compreendido este documento. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar nesta entrevista sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, **aceito participar e permito a utilização dos dados** que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para este fim e na garantia de confidencialidade que me é dada pela aluna. **A devolução deste consentimento com o preenchimento e assinatura, servirá de prova de autorização.***

Data: ____ / ____ /2023

Nome: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B

GUIÃO LEMBRETE DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Recolha de dados para efeitos de investigação académica

Instrumento de recolha: Entrevista Semiestruturada

Entrevistadora: Fabiana Santos Gomes

Orientadora: Professora Doutora Clara Cruz Santos

Co-Orientadora: Doutora Maria de Fátima Toscano

Enquadramento: O presente estudo é realizado no âmbito da dissertação para a obtenção do grau de mestre em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação e da Faculdade de Economia, ambas unidades orgânicas da Universidade de Coimbra. A recolha de informação necessária para a investigação será feita através de entrevistas semi-estruturadas, sendo as entrevistas gravadas e transcritas posteriormente.

Introdução: Estabelecimento de uma relação de confiança com a entrevistada

- Apresentação do tema e contexto da pesquisa
- Obtenção do consentimento informado
- Apresentação da importância da pesquisa

Dados de identificação da Entrevistada:

1. Nome
2. Data e local de nascimento
3. Data e local da entrevista
4. Como é que a senhora se identifica quanto à sua origem, traços de rosto, cabelo e cor da pele?
5. Escolaridade (escola pública/privada; grau; percurso: contínuo, descontínuo; sucesso, insucesso...)
6. Formação (informal/formal; área)

1. Perfil sociodemográfico:

- 1.1. Locais onde morou
- 1.2. Local onde mora
- 1.3. Ocupação / (profissão)
- 1.4. Situação familiar (pais, irmãos, filhos...)
- 1.5. Profissão/escolaridade dos pais (família)
- 1.6. Como era a situação económica da sua família?

A condução se dará tendo como “**Guia principal**” uma linha da vida considerando as narrativas autobiográficas nos tempos passado, presente e futuro.

Narrativas de Vida – PASSADO

Como viveu (as condições importantes para a pesquisa) / pensou-justificações-razões / sentiu no passado

Como lembra - pensa / sente, no presente, o seu passado

Narrativas de Vida – PRESENTE (Como pensa e sente/o seu presente?)

Narrativas de Vida – FUTURO (Como sente/projeta-deseja-imagina, o seu futuro?)

Perguntas-Base de intervenção:

- Por que?
- De que maneira?
- Em que sentido?
- Como entendia? Como entende?
- Como sentia? Como sente?
- O que pensou? O que pensa?

Questões a serem feitas ao longo do passado/presente/futuro:

Identidade

- Quais os momentos mais marcantes na sua vida?
- Como descreveria sua trajetória de vida?
 - Os seus primeiros anos de vida?
 - A sua família/rede de apoio de origem?
 - O seu contexto de vida?
- Facilidades e Dificuldades
 - Como geriram/aproveitaram as facilidades?
 - Como lidaram com as dificuldades?
- Sentiu dificuldades de acesso a algo?
 - (Barreiras que produziram a sua maneira actual de viver)
- Preciou de Assistências? (Institucionais).

- Quantas vezes?
- Aos Momentos Marcantes que referiu, quais foram os que lhe permitiram melhorar/superar...? e quais os que mais marcantes de dificuldades?

Pobreza

- Situação financeira?
- Restrições materiais?
- Outras restrições?
- Como se classifica na sociedade, na escala social?
(Autopercepção da condição de pobreza)
- O que significa ser ... para a senhora?
- E desde quando se considera...
- Como chegou à situação actual? (1ª vez?)
- Por que chegou à situação actual?
- Desde quando está na situação actual?
- Quais são as principais dificuldades que enfrenta devido a ser...?
- Como é a vida na situação actual?
- Como é viver assim?
- Possui estratégias para voltar a se incluir (socialmente)?

Pobreza no feminino

- E acha que essa vivência (as várias que refira) seria diferente se fosse homem?
- Quais são as principais desigualdades enfrentadas, nessa situação, sendo mulher?

- Processo de Construção de Vida

Imaginário; Sonhos; Projectos; Utopias; Reflexividades

Encerramento

A entrevista é dada como terminada e a entrevistadora agradece o contributo da entrevistada, salientando a sua importância para a elaboração da dissertação e para o conhecimento sobre a temática abordada.

Caso necessário, oferece-se apoio ou direccionamento para serviços de apoio disponíveis.

APÊNDICE C

QUADRO 2 - DIMENSÕES DE ANÁLISE

EIXOS NORTEADORES				Perguntas (Guão)		Informação Pretendida (Indicadores a serem encontrados nas narrativas)		Objetivo Específico 1	Objetivo Específico 2
Conceito	Dimensão	Subdimensão	Perguntas (Guão)	Informação Pretendida (Indicadores a serem encontrados nas narrativas)		Objetivo Específico 1	Objetivo Específico 2		
1. Mulheres em situação de vulnerabilidade social	1.1. Pobreza e sua Multidimensionalidade	1.1.1. Momentos de ruptura social	. Quais as principais dificuldades que enfrenta devido, estar assim?	i) Ruptura por restrição financeira (salário, subsídio, outros)	X	X			
			. Acha que essa vivência seria diferente se fosse homem?	ii) Ruptura por restrição material (casa, alojamento, mobiliário, vestuário, outros)					
	1.2. A pobreza no feminino	1.2.1. A condição feminina na vulnerabilidade	1.1.2. Percepção de auto-fragilidades	. Quais as principais desigualdades, nessa situação, sendo mulher?	iii) Ruptura por restrição emocional (família, amigos, outros)	X	X		
				. O seu contexto de vida? . Como é a vida na situação atual?	iv) Ruptura por restrição psicológica				
	2.1. Identidade	2.1.1. Identidade Individual	2.1.2. Identidade Coletiva	. Como é viver assim?	v) Ruptura por restrição de saúde	X	X		
				. Como se classifica na sociedade?	i) Identificação (individual) com a vida atual - continuidade				
2. Reconstrução Socio-identitária	2.2. Requalificação Socio-identitária	2.2.1. Momentos marcantes	. O que significa a classificação que apresentou?	ii) Identificação (coletiva) com a vida atual - continuidade	X	X			
			. Desde quando se considera assim?	iii) Sentimento de resignação com a vida atual					
			. Quais os momentos marcantes da sua vida? . Como descreveria sua trajetória de vida?	iv) Sentimento de inelutabilidade / desistência					
		2.2.2. Barreiras de exclusão	. Possui estratégias para voltar a se incluir (socialmente)?	i) Dificuldade de reinserção no mercado de trabalho	X	X			
			. Quais seus sonhos, projetos para o futuro?	ii) Dificuldade de acesso a dispositivos institucionais (subsídios...)					
		2.2.3. Estratégias de inclusão		iii) Sentimento de resignação com a vida atual					
				iv) Sentimento de inelutabilidade / desistência					
				i) Sentimento de resiliência com a vida atual - reflexividade, sonhos, projetos (futuro)					
				ii) Sentimento de antifragilidade - requalificação					

Nota: Sistematização da autora. Baseada na proposta de análise de entrevistas aprofundadas e histórias de vida, processo simplificado de análise de conteúdo de Isabel Guerra (2014).

APÊNDICE D

Transcrição Entrevista 1

Entrevistada: Lila

Data da entrevista: 12/06/2023

Local da entrevista: Sala da casa da entrevistada

Duração da entrevista: 1h23min

Data de nascimento: 09/10/1961

Idade: 62 anos

Observações:

Me recebeu em sua casa. Ficamos na sala, mas me ofereceu café e fomos juntas até a cozinha para que ela fizesse o café. Estava com roupa confortável de ficar em casa e chinelo de casa. Sentamos em sofás diferentes, e me posicionei virada para ela para ouvi-la falar. Havia uma mesa de centro com alguns papéis entre eles uma conta que ela me mostrou estar verificando se foi ou não paga (pois ela se lembrava que estava paga e a empresa de prestação de serviço demonstrava que a conta estava em aberto). No momento em que eu iria embora, ela me perguntou se eu gostava de maquiagem. Eu respondi que sim e ela foi até seu quarto e trouxe várias coisas, me mostrou e disse para eu escolher (eram maquiagens e amostras da época em que ela trabalhou vendendo)

Condição de saúde/doença e desde quando descobriu essa condição:

Anemia crônica (desde 1992, após a gravidez), Ansiedade (desde 2001), Esclerose múltipla (desde 2013), Hipotireoidismo (desde 2017)

Entrevista:

Entrevistadora: Mais uma vez obrigada por me receber. Quando quiser começar, Lila!

Lila: Eu nasci na cidade do Porto, em 1961.

Não me recordo da diferença do 25 de abril do antes e depois. Era criança, não notei diferença nenhuma. Sempre fui boa aluna. Estudei em colégio. Posso dizer que nasci em berço de ouro. Mas a partir dos meus 13 anos em que menstruei, tudo mudou na minha casa. Meu pai era uma pessoa com traumas de guerra. Não fez tratamento depois de 4 anos de estar em Angola. E depois, claro, veio com a cabeça um bocadinho avariada, e então, ele tinha 6 irmãos, todos homens, não estava habituado a lidar com meninas, não tinha irmãs. Ele queria sempre um filho homem, não queria meninas. 'Davam muito trabalho, era muito perigoso'. Era uma pessoa sempre muito preocupada em sujar o nome (dele). Meu pai não se preocupava de eu ficar (não é) malvista, mas era sujar o nome dele. E então a partir dos 13 anos isto foi uma desgraça pra mim. Eu era perseguida por meu pai. Tinha que sair das aulas, contar-lhe tudo o que aconteceu em cada disciplina, tinha que falar de tudo de tal maneira que se falasse de alguém namorar, nem pensar. Batia-me. Por exemplo: eu não tirei 20, mas tirei 18, ele batia-me. Se tirasse 20 e ele falava (pronto) 20 à matemática, que sempre tirei, mas tinha que me por de castigo ou bater-me por outra razão qualquer que ele inventasse, porque não queria comer, por exemplo. Tenho muitos, muitos traumas da adolescência, e recalcamientos mesmo. Porque meu pai (portanto) na mesa estávamos sentados assim de forma numa mesa quadrada, ele na cabeceira esquerda, eu ao lado, minha avó que me

criou, meu pai só estava presente e minha avó, mas ela...minha avó e minha mãe, perdão, meu irmão (pronto). Meu pai chegava a me meter a cabeça, o cabelo já tinha sido lavado, domingo de manhã, por exemplo, e eu não queria comer a sopa e meu pai metia-me a cabeça dentro da sopa. Depois, sempre com o dedo dele na minha face esquerda, isto, revivendo isto, eu fico um bocadinho melancólica. Mas agora já se me ponho melhor, enfiava-me o dedo pela face adentro e batia-me muito. Não sei. Não sei o que que ele achava sempre. Não me deixava sair e eu entendo que depois entendi, que o medo dele de eu namorar e coisas assim, seria com medo que eu engravidasse. Ele não sabia lidar com isso. Aliás até a minha mãe (pronto) o primeiro homem que ela conheceu, e único, foi meu pai. Portanto também não sabia explicar nada de especial. Mas a minha avó também casou com 13 anos e meu vô tinha 18, mas era uma pessoa que evoluiu com os tempos. E era com ela que eu desabafada e era um túmulo. A minha mãe não sabia guardar um segredo porque tinha medo do meu pai. E tinha que lhe contar tudo. E eu perdi a virgindade quando vim aqui para Coimbra aos 19 anos. Quer dizer, eu vim aos 18 e só perdi aos 19. E mesmo assim eu estava cá em Coimbra e sempre com medo, eu acho, que via, quer dizer, pensei vou pra Coimbra, escolhi a faculdade aqui em Coimbra e não fiquei lá, sequer é uma maneira de ver se ganho um bocadinho de liberdade. Mas não usufruí de nada disso. Continuei a ser a mesma pessoa, porque parecia que tinha medo, achava que meu pai tinha olhos em todos os lados. Até dei algumas mentiras. Eu chegava, telefonava a dizer: olha agora vou jantar às cantinas. Eu morava, portanto, a minha faculdade, Economia, como deve saber é lá encima não tem nada a ver com as outras universidades. Eu vou jantar por lá e tal. Eu telefonava, a senhora da casa dava apoio. Dizia: ela já está a dormir porque amanhã tem que levantar cedo. Eu telefonava a dizer: pronto já cheguei. Correu tudo bem. Não havia telemóveis, felizmente. (E pronto). E depois, às vezes eu saía e demorava mais um pouquinho, mas nunca fiz nada de especial fiz os anos todos direitinhos, nada de especial, julgando eu que a única coisa de diferente foi namorar e perder a virgindade. E foi só nessa altura, claro que não casei com a pessoa que estava, porque meu pai quando descobriu foi uma confusão muito grande. Ele arrependeu-se. Meu pai é que me queria arranjar marido. E o marido que o meu pai me queria arranjar era um, precisamente, encontrei-o, a irmã dele morava no Porto, ele aparecia de vez em quando, tinha mais 10 anos do que eu, mas era um advogado, mas não exercia porque era um ricoço que tinha garrafa na discoteca. Ora, pra mim e pra maior parte das pessoas, quem tem garrafa é cliente assíduo. Portanto, ele morava na Régua, dava aula em Vila Nova de Foz Côa. Ele ia ter comigo, uma casa praí com 20 e tal quartos, uma coisa enorme. Houve uma noite ele deixou-me sozinha. Eu não sou medrosa, nunca fui medrosa de tá sozinha, gosto. Mas foi sei lá pra onde. Chegava bêbado, e aquilo não era pra mim, e eu perguntava ao meu pai: É isto que queres que seja meu marido? Uma pessoa que me deixa sozinha num casarão? Não quer saber se eu tomo o pequeno almoço ou se eu não tomo. Dias seguidos.

E.: E o pai respondia o que?

L.: E meu pai disse-me: mas ele que é o marido ideal porque tu, tu não ... meu pai pensava antiquado. Não queria que eu trabalhasse. Fiz o concurso pra hospedeira de bordo. Ele me disse que isso era pras raparigas à fórmula do Brasil. Ser enfermeira também gostava, porque eu gosto dessa área da medicina, também era a mesma coisa. Quer dizer: meu pai obrigou-me a tirar o curso que ele quis e não o que eu gostava. E eu não queria de maneira nenhuma tirar economia, eu queria

psicologia, queria fazer outras coisas e tive que fazer aquilo que ele quis. E assim foi. Pronto! Mas, entretanto, o casamento falhava, porque ele dava pros dois lados.

E.: O que o seu pai? Você não casou com ele?

L.: Não, não! Depois eu vim aqui pra Coimbra e depois, entretanto, comecei a trabalhar, a dar aulas e depois o meu pai não mandava mais em mim. Disse mesmo: Não me apareças mais aqui em casa. Porque o teu problema é seres inteligente demais. E eu perguntei: O que queres dizer com isso? É que não te consigo dobrar. Isso não se são coisas que se diga a uma filha. Mas isso é uma milésima parte das coisas que eu teria pra contar. Senão acho que o telemóvel gastava a bateria toda (risadas). Mas são as coisas mais marcantes.

E.: E isso foi com quantos anos?

L.: Isso foi a partir dos 13 até os 18.

E.: Então dos 13 aos 18, mas aí veio pra cá estudar.

L.: Aos 18 anos e nunca mais fui lá.... quer dizer, ia lá a casa mas só tipo, fim de semana. Ao terceiro dia já havia problemas.

E.: E quando ele tentou te casar, com quantos anos?

L.: Com quantos anos? Já foi depois de eu estar a dar aulas.

E.: E aí a senhora falou: Não.

L.: Claro que não!

E.: E aí ele falou....

L.: Ele disse: Não? Então não entras mais em casa

E.: Mas a senhora estava lá ou cá?

L.: Eu estava nesta terra onde eu estava a dar aulas.

E.: ah tá!

L.: Portanto já ganhava pra mim. Já ganhava pra mim e também já não precisava de nada do dinheiro do meu pai. Portanto não obedeci. E meu pai pôs-me fora de casa. "Não entras cá mais". Depois, meu pai é o tipo de pessoa que é assim, era assim, com os irmãos, se tivesse bem com uns, tinha que estar mal com outros.....toda a gente junta aquilo tinha que dar asneiras.....e o meu pai é uma pessoa muito provocadora, gosta de dizer, e depois, gosta de dizer às pessoas coisas que até possam ser verdades, mas tem que se pensar se é o momento ou não é. Ele aproveitava sempre horas das refeições, aniversários, natais, páscoa, pronto, pra por tudo em alvoroço. Tudo à mesa é que era dito e não sei que. Claro que acabou por ficar sozinho.

E.: E esse momento assim que ele falou 'Não entras mais cá', como que você sentiu?

L.: Falei com a minha vó e ela me disse: Olha filha, se tu queres ter a tua liberdade e ter a tua vida.... porque o teu pai sempre foi livre desde os 15 anos quando teu avô faleceu. Mas sabes como é, os tempos, homem tudo pode, mulher é apontada. Portanto segue a tua vida. E eu casei, depois, foi tipo um contrato. Casei só por que queria fazer uma inseminação artificial, em Espanha. Cá não era permitido. E

o meu pai disse que não permitia, de maneira nenhuma. E eu disse: vou casar. Convidei-o para o casamento. Ele chegou a conhecer, depois fez as pazes eu dei a ele muitas oportunidades e até inclusivamente, a última vez, imagina, meu filho tem 34 anos e desde os 12 anos do meu filho, foi mesmo, o meu pai por exemplo, lembrava-se de telefonar a hora que queria, já havia telemóveis. Olha, minha menina, depois de não me falar, por exemplo, 3, 4 anos. Olha minha menina, tô te a ligar só pra te dizer umas verdades. E eu aí, isso foi a última vez, tinha meu filho 12 anos. Eu disse: olha papá, tu não tens verdades nenhuma pra me dizer. Se eu também teria que dizer, também tinhas que ouvir umas verdades, portanto, vamos acabar com isto. Desligas tu ou desligo eu, porque eu não quero ser malcriada. Desligou-me o telefone...até hoje! Eu tive cá há dois anos, e saber ao cartório se eram vivos ou se não eram vivos.

E.: Os dois?

L.: Sim. Os Dois. Ainda eram. Agora não sei.

E.: Aí então quando seu filho tinha 12 anos, que deve fazer 22 anos então foi quando...

L.: Sem saber nada deles... Eles têm 80 e tal anos. Nasceram em 1940. É triste, mas é minha realidade. Agora. Mas também lhe digo uma coisa: houve uma altura que me custou, era o dia da mãe. Mas a pessoa que realmente me faz falta é a minha avó. Aliás é a fotografia que tenho no meu quarto, não tenho dos meus pais. Foi a minha avó que me criou, embora eles estivessem na casa, a casa era da minha vó, era um casarão, também com 15 divisões na cidade do Porto. A casa era dela (pronto), família abastada, por isso o meu pai também queria que eu casasse com uma pessoa com família abastada. Esse tal madeirense, que eu realmente perdi a virgindade, era a pessoa que eu gostava, mas pra ser verdadeira, eu nunca amei na minha vida. Porque o meu pai foi um trauma tão grande, que eu nunca dei tudo de mim a um homem. Só a meu filho, só a meu filho é que eu (pronto) mostro amor. No resto, nunca gostei de beijos, nunca gostei de abraços. Meu pai pôs-me assim. Então publicamente namorar, nunca fui de, assim, pra namorar, quer dizer, nunca fui freira! Nada disso. Tive meus casos. Tinha casos. Pronto. Casos. Mas nunca quis, tive muitos casos, tive muitos pretendentes, depois disso, não é. Depois de casar, divorciei-me também, aquilo foi um contrato que nós fizemos nós dois.

E.: Então, a senhora disse que casou....

L.: Casei, mas divorciei. Aquilo foi um contrato que nós fizemos. Eu quero engravidar. Aí ele disse: eu também quero ter um filho que é pra nãaaa. Aqui em Coimbra agora não importa tanto, mas era, aqueles anos atrás, e não quero que desconfiem que eu sou gay. A irmã dele também é lésbica, (pronto) de maneira que ... (sabe o que quer dizer? Sapatão, não é?) Gay no fundo também. E ele não queria que soubessem, embora todos os amigos soubessem, porque curiosamente, e como realmente o mundo é pequeno, quando entrei pra faculdade eu não o conhecia, só o conheci depois e no Porto que o conheci, e quando soube que era de Coimbra. Apresentou-me uns amigos dele, alguns já eram colegas meus da faculdade, outros já conhecia de almoçar e jantar às cantinas e já conhecia aqui de Coimbra. Nenhum deles era novidade. A maior parte deles já não eram novidade. Todos me conheciam já. Foi assim.

E.: E foi em que ano mais ou menos...

L.: Em que ano? Portanto, eu entrei com 18 anos....eu tenho...

E.: Não. Em que ano se casou?

L.: Ahhh, que casei? Olha eu não me lembro. Esqueci. O meu filho também perguntou-me isso. Eu não me lembro. Esqueci. É sério!!!

E.: Sim...

L.: Sei que foi a 8 de dezembro...

E.: Tá. Já lembra o dia...

L.: Mas não me lembro do ano. Também é fácil fazer as contas. Eu demorei engravidar um ano e meio....

E.: Isso que eu ia falar, foi antes de ter o Gustavo (filho)

L.: Não sei, nem quero saber, nem quero lembrar. Eu tenho aí guardado, devo ter aí guardada a certidão de casamento. Casei pro civil, com cerimônia também. Mas também não quero pensar nisso.

E.: E chegou a ir fazer a inseminação?

L.: Não. Meu pai não deixou. Tinha que casar. Então eu disse: então vou me casar só pra ter um filho e depois divorcio-me. Pronto. Confusão outra vez. Deixou de falar outra vez.

E.: Sim

L.: Porque eu queria ser mãe.

E.: Sim

L.: Portanto é que tenho aquele filho e pronto.

E.: Ai depois teve o Gustavo e depois....

L.: Depois de alguns anos é que casei com o tal brasileiro, depois de muitos anos, aos 40 e tal. Casei com o brasileiro, fui pra lá...mas também, outro do gênero. A família dizia: ele é de nada namorador, nunca namorou quase rapariga nenhuma...

E.: De que região ele é?

L.: Goiás.

E.: Ah...Goiás.

L.: Calor lá. Até gostei de estar. Conheci até algumas músicas. Conheci o Leonardo.

E.: Sei, sei... devia ser a época...

L.: Também ir a Goiás e não conhecer o Leonardo é a mesma coisa que ir Roma e não ver o papa (Risos)

E.: É verdade, é verdade. Foram 5 anos?

L.: 5 anos.

E.: E aí depois que não estava mais, voltou pra cá?

L.: Eu o conheci cá.

E.: Mas ficou lá....

L.: Eu morei lá, eu morei lá 5 anos, mas conheci-o cá. Ele era enfermeiro. Eu era voluntária no instituto de oncologia e ele era enfermeiro lá.

E.: Aqui, então ele estava aqui...?

L.: Ah cá. Conheci-o cá.

E.: Tá bem.

L.: Mas ele era mais novo que eu 10 anos.

E.: Casaram aqui ou lá?

L.: Cá. Mas ele ficou muito zangado no dia do casamento. No dia do casamento anulamos o casamento.

E.: Como assim?

L.: Porque quando a doutora do cartório disse: o que é da senhora é da senhora...o que é seu, é seu. Heranças isto e aquilo casamos por comunhão de bens adquiridos. Ele pensava que era tudo dele também. Ficava tudo pra ele...tudo em nome dele. As coisas não são assim e ele pensava. Como por exemplo: nós aqui as certidões de nascimento só têm validade de 6 meses, a vossa (Brasil) é vitalícia.

E.: E porque que aqui é só 6 meses?

L.: Aqui só tem a validade é de 6 meses. Todos as certidões que se possa pedir só tem validade de 6 meses. A vossa é vitalícia. Vocês podem ser viúvos, só se quiserem alterar, porque de resto a vossa, eu sei, é vitalícia. Que é asneira porque realmente pode acontecer muita coisa na vida de uma pessoa.

E.: Mas a senhora casou aqui e foi pra lá depois?

L.: Ainda estivemos aqui algum tempo e depois fui pra lá

E.: Mas anulou o casamento?

L.: Sim anulei o casamento eu, mas ele não queria anular. Então ainda fui dar uma chance. Mas não deu. Agora eu estou divorciada dele porque meti as papeladas aqui pra me divorciar, sozinha. Porque o que ele queria, ele até queria um filho. Ora, eu já tenho um filho. Não é aos 40 anos que eu agora vou engravidar. Porque ele queria que era pra poder passar (pronto) Era só interesse, era só interesse pra poder estar, porque ele realmente não me queria aturar. Não me queria aturar. Eu gastei rios de dinheiro. Depois veio um irmão, veio uma irmã. Só com ele ia todos os sábados... eu gastei 10 mil euros, assim, rapidinho, rapidinho. Todos os sábados era roupa de marca e tudo. E depois, a dada altura, enquanto eu não tinha percebido, e pra ter a certeza. Por que você só olha pros homens e não olha pras mulheres. O normal é olhar-se. Olhar não tira pedaço. Ele disse: não vou olhar pras mulheres porque só gosto de você, meu anjo. Era assim que ele me chamava, não era pelo nome. Meu anjo: só gosto de você. Pros homens eu olho que é pra ver como eles se vestem que é pra eu me vestir igual. E eu não fui muito nessa. E depois pra, pronto, à noite não comparecer, não é? Ele não saia muito, à noite não saia, mas saia até o final da tarde. Queixava-se sempre que lhe doía um testículo, pequenito, tinha feito uma hérnia, tinha sido operado, estava com dores. E uma vez também deu pra ver que ele saiu de casa assim (mancando, com cara de dor) e eu

tinha assim uma janela. Ele chegou mais à frente e já ia normal. Isto é o acumular e eu também sempre fui um bocadinho esperta. E então apanhei-o.

E.: Moraram aqui (Portugal) quanto tempo?

L.: 2 (anos)

E.: E depois mais 5 lá.

L.: Mas eu lá também fui, é uma maneira que tenho de conhecer o Brasil. Mas não estive sempre lá. Eu conheci quase o Brasil todo. Conheci. Quer dizer, ele no fundo era um gigolô. Porque ele parou de trabalhar aqui (Portugal) e ele era, ele ia comigo, eu pagava pra ele estar comigo para irmos sair, portanto, ele era um gigolô. Ele era um rapaz bonito, alto, era um rapaz bonito. Mas muitas vezes aqui diziam: - Olha seu filho está ali! E ele: não é filho, é marido. - Ai, desculpe, desculpe! Não tem importância! Eu não ligava nada a isto.

E.: E a senhora antes daqui, morava aonde?

L.: Sempre morei em Coimbra

E.: Sim, mas em que outras regiões?

L.: Eu morava perto do Vale das Flores. Pra não dizer ruas, mais difícil de identificar.

E.: É mais ou menos só a região mesmo. E aí depois, foram 2 anos aqui (Portugal) primeiro e depois foram por lá (Brasil). E depois ele ficou lá?

L.: Ficou lá porque eu quando vim fiz uma queixa no SEF, aliás, fiz a queixa no SEF a dizer que o casamento tinha sido anulado, e pronto. Anulado da minha parte. E quando ele ouviu dizer aquilo ele ficava todo... E até própria coisa disse: Mas o senhor nem parece que está contente, o senhor parece que está num velório ao invés de estar no seu casamento. Nem o beijo me deu, nem nada. Aí não houve cerimônia, nem nada. Éramos pra fazer a festinha depois com amigos ou então sei lá, no Brasil. Porque eu aqui já não tinha família nenhuma. Os meus pais nem souberam que eu casei, descasei. Nem souberam nada dessa época. E depois não houve nada. Passeei, fui a vários, fui a maior parte dos Estados (do Brasil).

E.: E nesse período a senhora trabalhava lá (Brasil)? Não?

L.: Eu trabalhava. Eu meti-me lá numa bomba de gasolina. (foi dona de um posto de gasolina no Brasil) E depois ainda deu, mas quando vi que aquilo já estava assim a descambar um bocado, eu já não aguentava mais estar lá. A roubarem, sempre a roubarem, sempre a roubarem dinheiro, pedirem dinheiro pra isso, praquilo, pra tudo. Depois: "Minha mãe tem que cortar um pé". Eu pensei que ia amputar o pé, mas cortar o pé não, era fazer uma operação ao pé... Ia cortar sim, mas não era cortar o pé. Ia lancetar o pé. Aquela coisa né? Só pra ser dramático. Depois sempre a pedir dinheiro, sempre a pedir dinheiro. Quando vinha um telefonema do Brasil, pronto. Eram 3 mil euros, eram 5 mil. Cansei. Chegou um ponto, estou aqui eu feito a parva a fazer o que?

E.: E isso já faz quanto tempo?

L.: Tinha eu, agora já tenho 60 e picos, tinha eu 40 quando o conheci, era pouquinho... Mas não tenho saudades nenhuma, não alimento nada dessas

coisas. É como lhe digo, eu nunca me entreguei assim, pra chorar por quaisquer um desses homens que eu posso ter tido.

E.: A senhora falou que fez, que tirou o curso de economia. E depois? Foi trabalhar com isso?

L.: Não. Fui dar aulas. Eu acabei minha licenciatura em julho e em outubro fui logo chamada para Vila Nova de Foz Côa. Era muito friorenta e muito calorenta, pior que Coimbra. E aí foi quando eu conheci o tal advogado, e meu pai queria, também, foi lá pra me ver e tal. O meu pai tinha lá amigos da tropa, nessa vila. Era uma vila muito bonita, muito bonita. E então, eu trabalhava muito lá, eu dava aula e ainda dava explicações, trabalhava muito.

E.: Mas nessa parte de economia, coisas relacionadas a economia?

L.: Não. A lecionar.

E.: Mas não tinha nada a ver com o que aprendeu?

L.: Não, não! Porque eu não gostava. Gostava mesmo era de lecionar. Dava aulas de português, francês, inglês, matemática... eu gosto, eu gosto de lecionar.

E.: E deu aula até quando?

L.: Dei bastante tempo. Muitos anos. Estive na Figueira também, mas dava à noite. Ai já dava aulas de economia a adultos. Mas eu sozinha estudei psicologia. Depois arrependi-me porque não me inscrevi na faculdade pra poder ter o curso. Eu leio muito sobre psicologia.

E.: Das facilidades que foram acontecendo na vida. Facilidades e dificuldades, por exemplo, a senhora falou que seu maior contato acabou sendo com a sua avó.

L.: É. Foi a minha avó que me criou, embora os meus pais estivessem na casa. Mas por exemplo: eu adoecia ou o meu irmão adoecia, normalmente era à noite, não é, vomitávamos ou isso ou aquilo, a minha vó tratava de nós. Só quando meu pai acordava, porque o meu pai era engenheiro civil, mas nunca exerceu, foi bancário sempre. Então, só de manhã que a minha vó dizia pro filho: Olha filho tens que chamar o doutor Cardoso. O médico ia lá à casa, a enfermeira ia lá à casa, a costureira ia à casa, era tudo em casa que iam, naquela época. Então ia chamar o médico porque aconteceu isto assim aos meninos.

E.: E o teu irmão ainda é vivo?

L.: É.

E.: Tem contato com ele?

L.: Não também. Teve essa época. Mas meu irmão por motivos diferentes. O meu irmão casou ao fim de 11 anos de namoro. Eu nem sei porque que ele não fala comigo, mas pronto. Ao fim de 11 anos de namoro chorou no dia do casamento porque não queria casar. Porque disse que estava ser coagido pra casar, já não queria casar. Porque o meu irmão, tal como o meu filho, nunca teve grandes experiências com mulheres. Mas apareceram aquelas, pronto! Foi praticamente uma coisa diamante que lhes apareceu. Não conheciam mais nada, pronto. E então só começou a viver depois de casado. Porque ela é bióloga, mas dá aulas. O meu irmão é advogado, mas tem mesmo o doutoramento e o curso de contabilidade, que ele tirou primeiro. E então ela foi colocada no norte, norte, norte, norte do país. Em Monçã. E o meu irmão no Porto, a morar na casa deles. Conclusão: as sextas

feiras aquilo... a vizinhança, tinha a polícia e tudo. Porque era música, era mulheres. A minha mãe fartava-se a atender telefonemas com horários do Brasil. A minha mãe às vezes ralhava com as meninas porque dizia: Ah menina, já viu que horas são aqui em Portugal? Isso não são horas de telefonar. Isto aqui é de madrugada. Até que pôs um travão naquilo. Porque elas não olhavam pro fuso horário e às vezes era 3 e 4 da horas da manha e o telefone a tocar e a minha mãe assustava-se. Era pra falar com meu irmão. Ele esteve a ponto de se divorciar, mas é assim: se ele se divorciasse, ela tinha provas e ela ficava-lhe com tudo. Então ele não se divorciou, cada um faz a sua vida e moram juntos. Mas tem um filho que eu não conheço. Já deve ter praí uns 16 anos, 17.

E.: Moram pro Porto?

L.: Moram. Na Maia. É assim uma vida esquisita.

E.: E da família, lembra de algum momento mais difícil que passaram?

L.: Não. Nunca tivemos problemas. Difícil é só em termos de compatibilidade de gênios. Principalmente eu, não é? O meu irmão era uma pessoa que se calava. Levanta-se batia a porta e saía. Eu não podia fazer isso, não é. De resto nunca houve dificuldades financeiras. Nunca.

E.: A senhora falou que nasceu em berço de ouro, que essa parte não tinha dificuldades.

L.: Nasci. Nasci. Não, não, nisso não havia problemas. Nunca houve. Isso felizmente nunca houve...nem nunca, nem nada. Meu irmão também tem muito dinheiro. Eu é que compliquei toda a minha vida. Também fui roubada. Na altura do COVID, o que eu estava a fazer era, portanto. A minha vida até corria bem até a altura do COVID. Quando foi o COVID eu tinha uma mini-empresa ligada à economia, eu fazia os orçamentos financeiros pra criação do próprio emprego. Mas depois do COVID, sabem como é que é, ficou tudo parado, e depois voltar já foi complicado.

E.: Quando a senhora descobriu, por exemplo a esclerose. Quando ela se mostrou na sua vida?

L.: Foi há 10 anos. Aliás, segundo o médico diz, eu tinha 20 e tals anos, e já de vez em quando eu ficava sem andar. Mas nunca foi descoberto. Primeiro fiz uma ressonância, e dos 20 e tals anos aqui em Coimbra, de vez em quando: eu não o consigo andar, e ficava com as pernas, eu não sinto as pernas. Mas nunca disseram nada. Descobririam: ah isso deve ser ansiedade, não sei que... E ansiedade eu tenho há mais tempo. Realmente tenho e tomo medicação controlada pra isso.

E.: Mas eles ligavam a questão....

L.: Nunca, segundo o médico, disse: isso é coisa que já faz tempo. Certeza. E realmente eu tinha episódios de ficam sem andar.

E.: Oficialmente então 10 anos, só que....

L.: Sim. 10 anos é que foi estabelecido que eu tinha. Afetou-me bastante a parte cognitiva. Tem dias que não consigo conversar com ninguém. Por isso é que lhe disse. Tem dias que não consigo dizer nem metade daquilo que estou a lhe dizer

agora. Nem sei como é que me lembro. Tem dias que não consigo falar. Às vezes perco a fala mesmo.

E.: E essa parte afetou teu trabalho? Teve que parar nesse momento?

L.: Tive que parar. Eu por exemplo, eu também tirei um curso. Sempre fui voluntária, como já expliquei. Sempre que eu podia eu era voluntária nos hospitais, portanto, percebo de tudo um bocadinho, das especialidades todas. Até otorrino, tudo, percebo isso tudo. Quando ia à minha médica, assim, ela falava pras estagiárias: Atenção que esta senhora é quase médica, ela sabe tudo. Isso na brincadeira. Ela sabe dizer os nomes à nossa forma, não diz como o resto dos populares. (pronto) Elas riam-se, ou eles. (pronto) Porque ela sabe muito bem o que quer e sabe as coisas. E depois surgiu-me uma oportunidade. Como eu era voluntária no tal Cavalo Azul que que é onde eu tirei o curso, e eles me convidaram: - Já que és voluntária aqui, não queres tirar esta formação? Que assim pode ser que trabalhe. Arranjei um trabalho, ainda ganhava 1000 e tals euros a tratar de uma idosa que tinha tido um AVC. E eu gosto de fazer isso. Por acaso, gosto. Eu tenho muito carinho pelos idosos. Eu acho que talvez tenha sido por ter sido criada pela minha avó e à dada altura, minha avó, tive que cuidar eu dela. Pois ela dizia: - Ó filha. Estás a me dar banho? Estás a ver aquilo que teu avô nunca viu. Deve ser porque antigamente devia ser por baixo dos panos. Mesmo assim foram 6 filhos (risos). E meu avô era viajante, quer dizer, não estavam sempre junto.

E.: A senhora tinha quantos anos quando cuidou da sua avó?

L.: Quanto é que eu tinha?

E.: É. Quando cuidou da sua avó?

L.: Foi entre os meus 16 e 18. Cortava-lhe as unhas, levava ao cabeleireiro, era uma senhora sempre toda bem posta. Então ia a cabeleira à casa. Nem era a minha mãe, nem eram as outras noras.

E.: E ela faleceu com quantos anos?

L.: 90 e tals. Ainda conheceu meu filho. Que era o que ela mais queria. E morreu nos braços do meu noivo madeirense, veja só como as coisas dão voltas. Aquele rapaz que me tirou a virgindade. Era precisamente neurologista. Imagina já viu o que está aqui, esta encruzilhada toda? Meu problema é, precisa de

E.: Tem a ver com sistema nervoso!?

L.: Tá no Funchal, tem uma clínica que é a única que tem máquina de fazer ressonância magnética. Tem uma clínica. Imagine como é rico! Mas esse também, acabou o curso, primeiro de medicina, foi pra Madeira porque ele dizia: eu nunca vou ficar aqui em Coimbra, nem aqui no continente como eles dizem. Lisboa é o continente como eles dizem, de resto são as ilhas. Então ele também tinha estado 6 meses sem lá ir. Quando lá cheguei, Ele foi pra lá (pronto). Mas aqui também tinha as aulas pra dar, embora ele estivesse mais adiantado, porque quando o conheci já andava no segundo ano, e foi numa festa de carnaval. Um mascarado que andava sempre atrás de mim, sempre atrás de mim. Não me largava a noite toda. Pois pensei: eu gosto de ser eu a escolher. Nunca gostei que os homens me escolhessem a mim. Eu é que escolhia. Então não me largava, e tal, pronto. E ele já estava no segundo ano, mais adiantado. Foi, quando acabou a especialidade, não, minto. Primeiro tirou o curso e foi dar aulas pro hospital e mesmo pra escola,

aulas de saúde. Depois veio pra cá outra vez, mas foi nessa parte de ele estar a dar aulas, que eu tinha estado 6 meses sem lá ir, e notei uma diferença nele. E ele disse: não te quero enganar, mas conheci uma professora, mais velha que eu (e ele era mais velho que eu 3 anos, 3 anos e meio) pronto, que era mais velha que eu.... Isso (que vou dizer) eu não quero que fique gravado... Porque, quer a mãe dele, quer a minha e a minha avó, gostavam imenso dele, era super educado, super gentil e então disseram que a nossa história estava mal acabada, que devíamos parar os dois pra conversar pra ver o que que dava. E eu recusei-me porque tinha medo de voltar tudo ao início e não queria sofrer. Porque depois, era muito mais amadurecida, porque eu trabalhei no governo como assessora, também aqui de Coimbra, já era uma pessoa que já era muito mais adulta e não quis arriscar. Não quis arriscar de me encontrar com ele, porque se me encontrasse com ele não era só pra falar, não é? De certeza absoluta. E então, eu tive medo. E ficou por isso mesmo. Mas ele acabou por vir atrás de mim, meu pai deixou ordens pra dizer que não sabia onde é que eu morava e a minha vó acabou por ter uma angina do peito, foi pro hospital e ele estava lá a tirar especialidade. Soube da entrada da minha vó pelo último nome e foi ver se realmente era, e ela morreu nos braços dele. E eu vim a saber por linhas travessas que ela disse: eu gostava tanto (tanto que foram as últimas palavras dela, acho que ele foi à minha casa e me disse) que vocês tivessem casado e gostava muito de ter conhecido um neto vosso filho, um neto. Certeza que ia ser um menino lindo, um menino ou menina. Isso foi antes de eu ter o meu filho. Andou atrás de mim, andou, andou, andou ...pois acabou por casar com outra. Acho que tem 3 filhos, dois rapazes e uma menina e acho que a menina é o “Deus me livre” dele. A rapariga é... Uma vez por facebook, apanhei eu, àquela altura, e a miúda: - o meu pai é casado, não sei que, não sei que lá. Toda respingona. Miúda assim, já não deve ser muito miúda. Já deve andar na faculdade, anda praí, não sei.

E.: Mas você chegou a falar com ela, é isso?

L.: Era no Facebook do pai, mas cheguei a falar com ela: - Eu era só uma amiga. É nada. Eu sei muito bem quem a senhora é. Diverti-me naquela noite. Deu praquilo, agora não. Já nem pego no computador. Tá ali. Mas essa parte foi aquela coisa.

E.: Sim. E nunca mais ouviu falar dele?

L.: Não. Mas quando sei de alguém da Madeira, pergunto: - conhece o Dr. fulano de tal? E me respondem: - Então não? Principalmente. Mas falam muito mal dela. Ela vem cá para derreter... mesmo o meu ex futuro cunhado dizia que ela só derretia eram os cartões de crédito. Queria tudo, carro do ano, tudo do ano. Mas vou saltar mais esta parte porque identificam-no.

E.: Até porque o que mais me interessa é ouvir você

L.: Nunca tive sorte no amor, talvez também por minha culpa. Talvez eu também sou o tipo de pessoa que, lá está, porque talvez por aquilo que meu pai me fez passar, eu nunca, não tenho aquela coisa da partilha, partilhar ou conversas. Apetece-me fazer isso eu vou fazer, se não apetece eu não faço. Levanto-me sempre cedo, ninguém gosta, não é? Se me apetecer ir tomar um café à Figueira, vou. Agora não vou, mas quando tenho me sentido, à altura do covid, tive covid, a pessoa habituou-se a ficar fechada, mas não senti, não tive problema nenhum em ficar em casa né, porque sou caseira.

E.: Me conta uma coisa, como que chegou à Associação Minha Gente? Como foi o contato com eles?

L.: Eu liguei para a câmara porque estava um bocado atrapalhada financeiramente. Porque só o meu filho é que me ajudava e ainda ajuda. E então eu morava em outra casa e não pagava renda porque a casa foi-me doada. Ao fim de 30 e tais anos puseram-me fora porque apareceram os herdeiros. E agora aqui, meu filho está a pagar 550 euros. Está a me ajudar, porque eu só recebo pela segurança social 200 euros. E então, corri à câmara falei com a Dra. Inês.

E.: Pela Segurança Social, por exemplo, então foi por conta da esclerose?

L.: Foi. E ansiedade também. E então, depois também apareceu a Dra... Ai e agora eu esqueci o nome dela...conheci a Dra.... Também já estou a ficar, cansada. A Dra. Olga e eu acho que ela é uma joia. Ela ficou de me telefonar, ela diz que. Eu nem sabia, que a Vênus tinha um problema de gás, e fecharam, e agora já reabriram, porque ela traz-me umas coisinhas que eu gosto. Comidas já preparadas, porque ela sabe que eu não gosto de cozinhar. Comidas já feitas, traz-me bolinhos, cuequinhos, docinhos que ela sabe que eu tenho falta de açúcar no sangue e não ponho açúcar à nada, a não ser comer doces. E então traz-me assim. Ela normalmente me traz uma a duas vezes ao mês. Mas coisas de higiene ela nunca me trouxe. Só mesmo alimentação.

E.: A senhora chegou a reformar já?

L.: Não. Não reformei porque também acho que não vai compensar muito.

E.: Os apoios por exemplo....

L.: Os apoios são muito diminutos. E agora falam no apoio à renda e não conheço ninguém que tenha recebido, não conheço ninguém. Isso é tudo mentira do governo. Recebi alguns apoios, aqueles outros, recebi. Mas agora em junho eu devia receber aquele que é trimestral, os 90 euros, não recebi. O apoio à renda também não recebi. Vamos lá ver....dizem que agora é a partir do dia 16. Diz que a alguns já pagaram a 30 de maio. Já perguntei à algumas pessoas e perguntei mesmo à outra assistente social, que faz parte da segurança social, diz que não tem lá nada, ninguém recebeu.

E.: E a senhora entende tudo o que tem que fazer? Onde tem que se inscrever?

L.: Está tudo direitinho. Senão também não recebia o apoio de nada. Fiz tudo no computador. Com as palavras-passe, as palavras-chave, tudo direitinho.

E.: A senhora lembra quando foi a primeira vez que teve que recorrer a esse acesso, da assistência, de alguma assistência?

L.: Hora, há um ano. Faz um ano em julho.

E.: Que foi quando a senhora teve que sair do lugar antigo?

L.: Não, não, não. Ainda me fui aguentando. Tinha umas reservas. Mas depois um amigo meu que morreu agora há 15 dias, foi meu colega de faculdade e que morreu sozinho em casa, de AVC, era Hacker. Aqueles que entram nos computadores e nos telemóveis. Eu tinha 14 mil euros e fiquei a zero. A zero. É verdade. Então tive que recorrer a isto. Esta vida (o tom de voz diminuiu ao falar isto), estando a seguir o meu filho a ajudar. Meu filho paga-me internet, o resto tem Netflix da conta dele, ele paga, o resto paga-me a net, 550 euros à casa. No princípio, portanto tive que

pagar 3 rendas, de caução. Paga-me a água, a luz. Só não me paga alimentação. E antes a Segurança Social dava-me apoio em termos de medicação, mas agora foi-me tirado.

E.: Mas eles falaram porquê?

L.: A Segurança Social tem bastante dinheiro, mas agora mudou para as autarquias. E a Segurança Social distribuiu as verbas pelas autarquias. E, portanto, é um bocadinho para cada. E as autarquias como tem várias coisas pra fazer, vai fazendo cortes e vai dando. E agora são as câmaras que gerem o dinheiro. E foi de mal pra pior.

E.: E eles cortam e não falam nada?

L.: Não. Lá a assistente social, portanto eu dependo da que me deem, é outra assistente social pra outra coisa. Disse-me logo: - Não, eu não vou pagar os seus medicamentos. Nem pensar. Até disse assim: Se o teu filho paga tudo, porque a senhora precisa receber da segurança social? Precisa de dinheiro pra que? Até foi uma bruta e ainda por cima e é ela que vou ter que aturar. Tenho que lá levar, até julho, pra não deixar de receber. Tenho que lá levar o contrato. Tenho que lá ir...vence em julho...por acaso não é nada simpática. Tenho falado com tantas assistentes sociais, mesmo da junta de freguesia, da câmara...

E.: A senhora deve ter já passado por algumas, conhecido algumas?

L.: Já passei por várias, mas como esta que agora “quero, posso e mando”, logo por azar é uma antipática. Ela diz: - A senhora cheira um perfume caro. Mas Sotora, eu tenho perfumes caros. Posso até lhe dizer a marca: Yves Saint Laurent, genuíno. Porque eu vivia bem. Só que a vida mudou. Eu posso me considerar os novos pobres. De classe média, passei à pobre. Se não for o meu filho a ajudar-me e a Segurança Social ... mas meu filho está-me a ajudar pontualmente. Na alimentação ele não me ajuda, porque diz que não dá pra tudo. Ela agora tá grávida outra vez, também vomitou a pílula. Meu filho não queria nada do segundo. Porque esta menina está a dar muito trabalho. E agora está naquela fase, perto dos dois anos, dizem que é a adolescência infantil. Então à noite ela não quer ir dormir. Pura e simplesmente não quer ir dormir. Chora e esperneia até que acabar por adormecer. Depois chama o pai, depois o pai toca-lhe, começa a bravejar, não quero nada, etc....

E.: Me conta uma coisa, os apoios, as assistências, a senhora acha que tem, já sentiu alguma barreira? Por exemplo: tem isso aí desse contato da própria assistente...

L.: Só que agora tem a ver com. Ela vai ver se vou precisar de subsídio ou não. Todos os subsídios que são do governo, tem caído todos. E aquele que eu comecei vai fazer um ano em julho, tem vindo sempre certinho. Agora, a partir de julho eu não sei o que vai dar na cabeça daquela maluca.

E.: Ela não fala por que que tem direito e por que que não tem direito?

L.: Não. Só me disse que o dinheiro que a Segurança Social agora distribui é pouco e se o meu filho me paga quase tudo, quer dizer, mais valia eu ser mentirosa. Eu disse-lhe a ela: Eu estou a contar a verdade. Até tenho apoios, falei na Dra. Olga, mas só alimentação, mais nada. Portanto, desse dinheiro eu compro pra máquina da roupa, pra máquina da louça, nem uso muito porque sou sozinha. Mas outras

coisas que uma pessoa precisa para limpar uma casa. E isso ninguém me dá. Só quando eu peço, 2 kg de arroz, ou massa, mas enquanto tiver, sou muito sincera pra Doutora Olga, se eu tiver digo: não preciso. Pode ser que alguém precise. Quando eu precisar, eu digo. (pronto). E agora eu tenho que me pagar medicamentos. Ainda são.

E.: E a própria esclerose não permite né?

L.: Mas aí são gratuitos do hospital. Tô a falar dos outros que eu tomo para ansiedade e para o hipotireoidismo, que eu tenho também.

E.: E a própria esclerose não permite nem que a senhora vai trabalhar. Porque, vai trabalhar como?

L.: Não, não. Isto já está lá na segurança social escrito. Não permite. Nem naquilo que eu gosto, nada. Já não posso voltar a dar banho numa pessoa.

E.: Por que pode vir a qualquer momento né?

L.: Não. É porque não tenho força. Não tenho já aquela força que tinha. Todos os dias eu parto louça ou deixo cair qualquer coisa, porque minhas próprias mãos já não têm aquela força.

E.: Tem as assistências financeiras, mas tem algum outro tipo de assistência que a senhora tem contato? Por que como é muito específico, porque tem a ver com saúde e tudo, não tem nenhum outro tipo de apoio...já que está escrito lá, comprovadamente.

L.: Até no sitio onde eu tirei o curso e me deram trabalho, eu pedi pra ver se me arranjavam alguém, não é preciso todos os dias, e não há. Dizem que já acabou, aquilo foi um projeto piloto e já acabou. Mas há outros sítios, mas tem me sido sempre negado.

E.: Tem alguma coisa relacionada à saúde que se tivesse acesso, a senhora acredita que seria bom, pra segurar a evolução da própria esclerose?

L.: Eu precisava que alguém, por exemplo, quando eu estou naqueles picos da crise. Claro que eu não posso me mexer. Eu já estive numa cadeira de rodas, já estive acamada, com fralda e tudo, perdi a fala, já tive mesmo mal, e não tive, e sozinha, em casa. Meu filho estava em Inglaterra. Sozinha em casa. Nunca tive de apoio nenhum pra tratar de mim. Nunca, nunca, nunca. Nem que me visitassem. Eu vejo tanta gente com apoios disto, aquilo.

E.: Mas a senhora chegou a pedir esses específicos? E o que eles falam?

L.: Já. E é negado. É negado. Tudo tem sido negado. E foi a Dra. Olga, por ordem da Dra. Inês da Câmara, que me apresentou, mas lá está, ela costuma me trazer às vezes uma a duas vezes por mês, porque nem sempre traz o suficiente, porque ela mesma sabe que não é suficiente, não é? Mas ela diz também que as coisas também não a deram. Até hoje, ela normalmente traz-me no próprio fim do mês, no fim de cada mês ou no princípio, ela, outro dia disse que me ia trazer, 'mas agora não tenho coisas que gostas' e tal. Da última vez que me trouxe coisas, era sopa e batatas assadas. Ela me disse: o que que vem cá dentro que não consigo perceber. Está congelado... E eu doeí tudo, doeí toda a casa. Meu filho me disse: vás sair desta casa, por um lado é bom porque tens aqui muitos pesadelos também que (ele sabe, não é?) Tudo aconteceu naqueles anos e ele agora tem me perguntado:

sente-se bem aqui nesta casa? Nem me lembro de muita coisa. É ve... sinto muito bem aqui.

E.: Quantos anos fora na outra casa?

Li.: Quase 30. Muita coisa aconteceu lá. Isso tudo quase que lhe contei de zangar e me zangar com meu pai, não sei que, não sei que mais. A ver sempre os mesmos móveis. Portanto, o meu filho arranjou-me tudo. Este já cá estava (bateu no sofá onde ela estava sentada). Eu tenho isso (o sofá) tapado com o coiso, porque não gosto. Depois tenho que comprar uma capa de elástico. Mas o meu filho, por exemplo, no quarto, eu tenho a televisão pendurada, meu filho deu-me o suporte. A televisão, eu dei-lhe a ele uma pequena, ele tem uma grande, dei-lhe a ele uma pequena para ele por no quarto porque quando fiz a mudança e voltei a fazer o novo contrato a oferta era uma televisão ou uma mensalidade. Eu disse: quero uma televisão, porque não passo sem televisão no quarto. Meu filho nunca gostou, mas agora a Lena, agora levou aquela mais pequenita...tinha uma mais pequena mas estava mais perto, agora deram-me esta maior. Oferta é oferta. Dei-lhe a outra a ele. (pronto). O que ele quis lá da outra casa, também escolheu pra reutilizar lá dois que estava interessado. O sogro dele tem muito jeito...para transformar, reutilizar. Escolheu lá dois que estava interessado, e pronto.

E.: Lila, e sobre o futuro?

L.: Como?

E.: Sobre futuro. O que que você pensa?

L.: Meu futuro acho que vou acabar por aqui, vou ficar aqui. A média de vida são de 65 anos. É a reforma. Pra mim é um dia de cada vez agora. Não tenho amigas. São todas falsas. Uma amiga que recebia em minha casa constantemente só vinha comer. Almoçava, jantava e pronto! Às vezes saíamos um bocadito, mas era sempre no meu carro. Agora não tenho carro mas tenho o do meu filho porque ele vinha cá e tinha aquele carrito. Que era só pras férias. Depois eu bati com o carro e não sei que...então. Era um ford fiesta. Ele vendeu o que estava na Inglaterra e comprou um novinho aqui, um KIA SUW, assim grande. Está em nome dele, mas eu acabei com ele. Deram uma marretada no carro. Eu não tenho culpa, mas quem me bateu foi um fulano da UBER, brasileiro. E ele não entregou a proposta amigável. Agora isto está em advogado. Não entregou ao seguro, de resto eu fiquei com a copia. Agora tive que arranjar uma advogada da Segurança Social pra tratar do assunto. Mas demora. Tudo demora. Estamos a avançar nos pontos?

E.: Sim é o que estou agora a pensar... Pense é uma história de vida...até que você fala muito rápido...se fossemos pensar teriam que ser várias conversas.

L.: Estou a sintetizar...daqui a pouco começo a deixar de me lembrar de alguma coisa, conforme a hora.

E.: Sim...sim...até porque de repente se a gente precisar conversar em um outro momento....

L.: Pois, porque também começa a ficar cansada...

E.: Sim porque é cansativo, porque mexe nas lembranças, são memórias.

L.: E ainda estou conversadora. Se fossem uns anos atrás eu não conseguia falar, o que tinha que falar, porque as lágrimas...agora já, acho que secaram. Eu sou um

bocadinho dura comigo mesma e posso estar a morrer por dentro mas não dou a entender.

E.: Lila, me conta uma coisa. Você falou de novo na questão do berço de ouro e ter este momento de ter que contar com as assistências sociais e querendo ou não tem toda essa parte que vão, o que que eles acham, quem tem direito, quem não tem direito?

L.: Eles também não perguntam quase nada da nossa vida, não fazem perguntas nenhuma, é uma folhita de um lado e doutro, nome, morada....

E.: E como eles sabem quem precisa e quem não?

L.: É porque é assim. Uma pessoa inscreve-se pelo computador, dá o número do contribuinte, dá conta bancária. Tem que dar a permissão deles terem acesso à conta bancária. E a partir daí, sabem tudo. Com o NIF, sabem tudo.

E.: Mas só que ao mesmo tempo eles não sabem tudo. O que a senhora precisa e o que a senhora não sabe, por exemplo. A única coisa que, então como é que a senhora vai mudar de casa. Mudou de casa e quem é que paga isso?

L.: Eu disse: é o meu filho que me ajuda. Se eu não tivesse filho. Mas é pontualmente. Eu também quero, queria ver se recebia mais da Segurança Social, queria tratar dos papéis das doenças e tudo pra ver se aliviava um bocado o meu filho. Porque ele também, pronto! Não é certo que meu filho mesmo me ajudando. Teve um casamento no mês passado, no Algarve e ele foi, levou os sogros atrás. Eu não fui convidada. Essas partes também que me magoam. Mas se os sogros pagaram as partes deles ou se o meu filho pagou tudo, eu desconheço, mas pronto. Meu filho também gosta de ter as suas férias, de ir aqui, de ir acolá. No verão eles também, pronto, vivem bem da parte dos sogros. Tem uma casa muito grande numa aldeia perto de Arganil, porque ela é filha única e ele é filho único, os sogros. Portanto herdaram as coisas. A senhora ainda não morreu, mas tem 100 anos. Está num lar. Como está num lar eles já começaram a vender os terrenos. Mas terrenos para habitação. Não são terrenos, aqueles dos coisos. E começaram a melhorar a casa e quando eles se reformarem, eles querem deixar a casa daqui de Coimbra e querem ir pra lá, pra aldeia.

E.: E o que era por exemplo, de família, a senhora teve acesso também?

L.: Não, porque, é assim, repare. Tive, na altura que a minha avó, pronto. O que era dela. Mas o meu pai ficou com tudo. Meu próprio pai enganou os irmãos. Porque haviam coisas que eram mesmo só da minha vó. Não estavam em nome dela e do marido. Então foi pra dividir e coisa. Hora, a minha avó tinha um conjunto, um prédio com 8 andares, 16 apartamentos, pessoas lá a morarem já há muitos anos numa zona principal também. Meu pai começou a insistir, lembro-me assim de vez em quando, tenho assim uns flashes, só. E então a minha vó vendeu aos próprios inquilinos. Tiveram a primeira opção. Não faço ideia valor, não me lembro. E meu pai é que tomou conta disso tudo. Enganou os próprios irmãos. Alguns já tinham falecido. O irmão mais velho do eu pai tinha mais 17 anos que ele. O mais novo, antes do meu pai, tinha mais dez. Portanto já faleceram.

E.: Menos dez, né?

L.: Meu pai tinha, não! O meu pai era o mais novo. Portanto o mais velho de todos tinha mais 17 anos e o mais perto era 10 anos. Era muita coisa. Meu pai ficou sem pai aos 15 anos.

E.: Mas e depois, por exemplo, o que era do seu pai e da sua mãe não foi pra vocês dois?

L.: A minha mãe é viva. Meu pai deixou escrito que só à morte da minha mãe é que as coisas eram partilhadas. Mas o meu irmão, certeza, a minha cunhada, são mesmo casados pela igreja. Mas o meu irmão é, diz que é ateu, como meu filho, é ateu.

E.: É o que?

L.: Ateu! Eles não são nada ateus. Eles são batizados. Quando muito, são agnósticos. Mas pronto, mas o meu filho não batizou a filha. Diz que quando ela crescer que escolha. Também não lhe fura as orelhas. Também o meu pai não me furou as orelhas. Aqui (Coimbra) aos 18 anos, aqui, é que eu furei as orelhas. E agora roubaram-me os brincos.

E.: Mas ficou as orelhas! (risos)

L.: Ao menos fiquei com as orelhas e com a audição, graças as Deus. Mas eu detesto, parece que. Antigamente, eu se fosse à rua sem relógio, eu me sentia despida. Depois com os telemóveis, passa. Eu tenho alguns relógios que gosto, tipo pulseira, às vezes coloco, só de verão, só pra fingir, só pra um adorno. Mas eu não gosto de anéis, não gosto de nada, só de brincos. E então eu sou alérgica, não pode ser fantasia e mesmo assim, em ouro, tem que ser, aquela partezinha de trás, tem que ser com aquela borrachinha, não pode ser outra coisa. Outro dia tive aqui uma infecção, na orelha. Tive que tirar este brinco mas foi no centro de saúde. Não sei o que aconteceu, que eu não conseguia puxar, não tenho força suficiente nos dedos. Foi no centro de saúde. Depois curei a orelha e pus.

E.: A senhora lembra quanto tempo trabalhou formalmente, dando aula, lembra?

L.: Desde os 23 anos.

E.: E foi até quando?

L.: Ah, isso eu ainda trabalhei até há pouco tempo. Mesmo já tendo esclerose múltipla eu ainda trabalhei naquela área de, digo trabalhei até começar o COVID. Sempre trabalhei. Fazia as duas coisas. Trabalhava como assistente pessoal e também fazia quando aparecem casas de. O COVID estragou tudo. O COVID estragou tudo. Mas eu não senti assim o COVID, eu tive o COVID, uma vez. Mas eu não senti aquilo de: "Ah, não se pode ir à rua" pra mim eu dizia: Ai que alívio! Eu não gosto de andar às compras. Eu só gostava de andar às compras era de vestidos, calçados, que isso eu era super consumidora. De tal maneira que depois andava só de training, não sei o que, porque a pessoa não ia a lado nenhum. E agora optei por isso e tenho roupas que ainda tem etiquetas, calçados que ainda tem etiquetas. Não preciso de roupas pra nada, não me apetece vestir. Se vou ao jardim ao domingo com meu filho, não sei o que, visto uma calça de ganga, uma blusa, está feito. Mas tenho aí vestidos sociais, porque também estava ligada à política. Na Lousã eu estive quase a ganhar uma campanha política. Também fazia

parte da política. Eu sou PSD e ganhou o PS e pronto, Perdi! Mas também andava sempre metida nessas coisas, e depois....

E.: Sente falta dessa parte de estar

L.: Sinto, sinto um bocado de falta. Mas pronto! Depois também dessas chatices todas, desses pseudo namorados, pseudo amigas, também começaram a me desgostar muito disso e tornei-me um bocadinho anti-social.

E.: A senhora acha que essa reação deles tem a ver com as coisas que foram acontecendo. Por exemplo, sair daquela casa?

L.: Eles não sabiam de nada. Não e quando sai daquela casa não estava com ninguém. Foi tudo antes. A questão é eu, pronto, é todos quererem dinheiro, dinheiro, dinheiro.... e eu não, né?

E.: E eu não sou banco (risos)

L.: Eu não sou nenhum multibanco.

Depois mentiras, mentiras, mentiras e eu capto as mentiras todas. Sou uma pessoa muito atenta. Apesar de não parecer, eu sou uma pessoa muito atenta. Por exemplo, posso entrar numa casa e não reparar em nada. Mas estando assim em conversa eu gosto de olhar nos olhos das pessoas e tirar as minhas conclusões e sou muito atenta. E dou conta pra não estar a me enganar. Só que também sou assim, eu encho, encho, encho, quando arrebenta é por uma coisa de nada. Uma gotinha de nada me salta a tampa. Mas deixo, vou deixando, vou deixando. E depois, eu não tenho talvez. Acho que é um dos meus grandes defeitos. É sim ou não. O talvez pra mim não exista, o talvez não é nada. Ou é ou não é!

E.: Lila você falou que teu filho te ajuda, né? Ante disso você conseguia de alguma maneira se virar?

L.: Eu trabalhava....

E.: E como é isso pra você: depender dele.

L.: Tenho vergonha. Por causa da minha nora, tenho vergonha. Eu acho que ela se zangou comigo e está a me humilhar. Ela fez anos no sábado, dei-lhe os parabéns, não me respondeu. Pai dela fez anos também este mês, também não me respondeu. Agora estou a ficar, eu disfarço bastante, mas eu choro sozinha à noite. Às vezes tem situações que me comovo, mas é raro. Estou a tentar que não aconteça isso hoje. Mas a minha netinha faz 2 anos no dia 29. É um dia de semana. O ano passado eles vieram de Inglaterra e fizeram a festinha, convidaram alguns amiguinhos, alguns colegas que já eram pais, né, amigos deles de cá, que já eram pais e foi no parque da cidade que se fez uma festinha. Este ano não sei como é que vai ser. Não sei. Pra não pensar no natal.

E.: Como você fala, um dia de cada vez.

L.: Um dia de cada vez em tudo. Eu nunca sei como é que acordo, às vezes acordo mal disposta.

E.: E se pudesse pensar em alguma coisa possível pro futuro, o que que você pensaria?

L.: Não tenho força anímica pra isso. Por um lado fiquei, na altura quando meu filho me disse que vinha pra Portugal, eu fiquei um bocadinho zangada. Eu disse: não

te deixes comer porque querem-te aqui em Portugal, porque, comecei assim com coisas. Mas agora que ele está cá apesar de ele antes todos os dias me telefonava. Agora não é, diz que por causa da menina já não dá. Por exemplo: Ficou combinado noutro dia, eu à noite pelo menos dizer beijinhos e ele responder. Posso. Fiquei com esta na cabeça. Posso morrer e ninguém dar conta. Eu por exemplo, tenho ali um sistema na porta que em vez de ser aquelas coisinhas, tranca por dentro e então não há maneira de se entrar. E eu também não quero deixar a porta aberta, não é?

Ela, com a chave não faço. Com a chave já vi que não dá. E com aquilo também não. Vivo e ando assim preocupada que me acontece alguma coisa. Pelo menos há um sinal. E o meu filho me disse: Olha, outro dia à noite também me senti mal. Deu-me. Ele tem duas casas de banho. Vão à casa de banho de noite, para puxar o autoclisma, vão à mais longe e a mulher nem deu conta. Ele diz que vomitou, teve diarreia, suor e disse que ia desmaiando e ela nem deu conta. Eu lhe disse: O filho, e então não chamas-te a Maria? Não, ela só acordava. Porque é assim: eles têm uma casa de banho perto dos quartos e tem uma outra que é ao lado da cozinha. E eles vão à mais longe por causa do barulho pra menina não acordar, porque ela é tão difícil de adormecer e depois de manhã não se quer levantar para ir para o infantário. Mas lá porta-se cômodo, tudo, em casa....

E.: Você já chegou a pedir para assistência, apoio psicológico?

L.: Já

E.: E aí?

L.: Fila de espera, há dois anos, no centro de saúde, isso é uma tristeza.

E.: Vamos supor que você poderia realizar qualquer coisa, que sonho você teria ainda?

L.: Eu acho que sonhos, sonhos, sonhos em relação a mim mesma já tive muitos, que não realizei, mas agora já não tenho. Agora só queria que realmente Deus me ajudasse a que conseguisse ver a minha netinha crescer mais um pouco. É só isso. Porque eu também quando começar a sentir estorvo, não estou aqui a fazer nada. Já sofro com o fato de me isolar e aquilo que a minha nora me disse, meu filho no meio daquilo tudo, não queria que ela dissesse aquilo que disse. E eu não respondi, vim me embora. Em plena noite de festa de natal vim me embora, não respondi.

E.: Você está com quantos anos agora? É de 1961 né?

L.: Não sei se já fiz 62. Nasci em 1961.

E.: Outubro né? Então vai fazer 62.

L.: Agora já estou um bocado cansada. Também estou acordada desde as 5 da manhã. E depois é uma coisa terrível. Não tenho o que fazer. Tenho que aspirar o tapete mas, são coisas que faz muito esforço e custa-me um pouco.

E.: Quando você está com mais disposição o que você gosta de fazer?

L.: Ah eu leio muito. Eu gosto de ler. Mas de manhã não consigo porque a minha vista está dupla. Porque esta doença dá cegueira, pode dar cegueira. Eu gosto de ler, faço palavras cruzadas, gosto de ouvir música, vejo televisão, muitos filmes, séries, gosto bastante. Adormeço com a televisão ligada, programada, desliga aquela hora. Se ainda estiver acordada, torno a ligá-la.

E.: A senhora falou que fica bastante aqui. Tem algum lugar que a senhora vai pra conviver com outras pessoas?

L.: Não convivo com ninguém. Desde o COVID fiquei antissocial e de ver as as coisas todas que me aconteceram.

E.: Sente falta?

L.: Não. Nunca fui muito de amizades, não sei, foi a maneira como fui criada, meu pai dizendo assim: Quando fores a algum lado, nunca largues o copo. Se largares o copo vás buscar outro podem meter droga. Isso tudo, parece que não, mas. Tá a perceber? Eu gosto muito de séries e eu não gosto de romances. Gosto de ver filmes de doenças. Séries ou filmes com doenças, gosto muito de ver isso. Gosto muito de ver a parte criminal. Portanto séries criminais. Não vejo novelas. A princípio via muitas novelas brasileiras e gostava, agora não vejo novelas.

E.: Lila, pela esclerose não podes pedir antecipado a reforma?

L.: Estou há dois anos à espera. Agora a nova assistente social disse que queria os papéis outra vez que é pra ver se. Estou só a espera pela, como é que se chama? Pela, os médicos, como se chama? Eles deram-me 80%, o meu médico particular, àquela altura era particular, era amigo do outro da faculdade, que tem uma clínica aqui, de neurologia. Mas também trabalha no hospital, atende no hospital. E quando é assim uma coisa mais grave como a clínica é dele e não pago nada. Eu já não sei o que eu ia lhe dizer.

E.: Atestado. Ele deu algum atestado? Você ia falar que deu 80%...

L.: Ah, que deu 80% de incapacidade. E agora falta-me ir à junta médica da Segurança Social que estou há 2 anos à espera. E então esta nova assistente social diz que quer os relatórios dos médicos que é pra ver se, isso é impossível.

E.: E não falam nada?

L.: Não falam nada. Falam nadinha

E.: Se não tivesse o filho, como seria? Se não tivesse o filho pra ajudar?

L.: Acho que já me tinha deitado ao rio, sei lá, estava debaixo da ponte, com certeza. Aliás é uma coisa que irrita-me um bocado, eles dizem: ele tem obrigação de ajudar. É o que elas dizem. - Ele tem obrigação de ajudar. A senhora também o ajudou. Mas eu digo: ele não pediu pra nascer.

E.: Pensando assim a gente podia falar que o Estado também tem obrigação de ajudar.

L.: Pois! Elas disseram: ponha seu filho em tribunal e ele que lhe pague mais. Eu não faço isso. Isso é cortar com meu filho. Eu não quero cortar com meu filho. É filho único. A pessoa que eu amo de verdade. Eu só amo duas pessoas que é meu filho e a minha neta. Que é sangue do meu sangue. Meu filho, eu dou a vida pelo meu filho. Embora ele às vezes ande assim, pronto, um bocadito pra parvoíce, pronto! Acho que a parvoíce também agora mudou de idade. Anda entre os 30 e os 40. Várias pessoas já têm dito, agora eles casam mais tarde, não sei que, por influência. Tenho uma amiga que mora longe, por isso talvez que essa amizade se mantém. Ela diz: meu filho desde que se casou também está parvo. Então ficam assim pras mulheres, parecem que ficam babados e elas é que mandam.

APÊNDICE E

Transcrição Entrevista 2

Entrevistada (pseudônimo): Felismina
Data da entrevista: 19/06/2023
Local da entrevista: Sala da casa da entrevistada
Duração da entrevista: 1h25min
Data de nascimento: 11/06/1970
Idade: 53 anos

Observações:

Me recebeu em sua casa. Ficamos na sala que fica junto com a cozinha. Me ofereceu café e um doce que havia feito com clara de ovos. Estava com roupa confortável de ficar em casa. Sentei em um sofá e ela se deitou em outro. Me posicionei virada para ela para ouvi-la falar. Havia uma parede com várias fotos, da família e de pessoas que fizeram e fazem parte da vida dela.

Condição de saúde/doença e desde quando (descobriu essa condição):

Colostomia total mecânica direta (hélio paralítico) (desde 2015), Tumor 7cm (entre o reto e a bexiga) (desde 2015), Sonda vesical (urina) (desde 2015), Esclerodermia ou esclerose sistêmica (ainda em estudo) (desde 2016), Distúrbio do sono (desde 2018)

Entrevista:

Entrevistadora: Olá Felismina!

Felismina: Boa tarde!

E.: Tudo bom? Gostaria que você falasse um pouquinho sobre a sua história de vida.

F.: Sim. Então, eu nasci em Coimbra, no Instituto Bissaya Barreto cá em Coimbra, no antigo. Fui viver pra Amexeira, hã, com meus pais. Depois, lembro-me de coisas muito bonitas do meu pai.

E.: Você nasceu em que ano?

F.: Eu nasci em (suspiro) 11/06/1970. Lembro-me do meu pai porque aos 4 anos eu perdi o meu pai. Mas eu lembro-me que ele chegava à casa sempre com chocolates Alegros, da Alegro, que até eram redondos naquela altura, em um pacote embrulhado em prata, ham, e, e batatas fritas. E punha-nos no berço porque, quando ele chegava era a maior alegria porque estávamos sempre à espera dele. Na altura a minha casa foi pra obras, nesse entretanto, para obras, para renovação. E lembro-me do meu pai no degrau da sala a pedir pra eu lhe tirar as botas. Lembro-me também quando ele ia, ele era taxista, mas nas horas livres com o irmão partia pedra de calçada na pedreira lá da terra perto. E então eu ia ao pé dele. Eu quando lá ia, lembro-me até dos caramões, da cartada, daqueles ferros, eu lambia os caramões, não sei porque (risos). Assim. Tinha noção, não sei. É Interessante: Na história de hoje eu até penso que seja, que o corpo tivesse falta de ferro porque realmente é o que eu preciso, havia ali qualquer coisa, que agora eu ouço assim isso muito na brincadeira. E eu quando lá chegava, quando era mais

pequenita, ele punha-me as luvas assim (no rosto dela), e eu berrava como gente grande, porque eu tinha medo daquelas luvas, rijas, pretas, muito grandes e eu berrava muito, eu chorava muito, em criança. Pronto. Entretanto ele morreu. Hã. Lembro-me do dia que ele morreu. Lembro-me de estar, a minha mãe estava grávida. Não me lembro da minha grávida. Atenção! Lembro da minha mãe estar na cama e eu estava também na cama lá, e chegaram lá as velhitas, velhotas (risos) da aldeia, com o capus, com chaile pra cabeça ,negro, e agarrarem-me ao colo aos gritos. E eu quando vi aquela, quando ouvi aquela revolução toda lá em casa, rebojava na cama, até, eu caí da cama abaixo, porque aquilo eram tantos gritos e eu assustava. Pronto! Eu não imagino. Pronto. Eu lembro-me deste espetáculo, mas não me lembro. Não sei explicar.

E.: Foi a forma que falaram. Foi assim que vieram avisar? Ou foi quando souberam e já estava....

F.: Não. A minha mãe, ele nunca mais vinha. E a minha mãe, nós fomos à terra próxima, aí a 3 km, e a minha mãe foi telefonar. Ele disse que foi fazer uma viagem longa e não sabe a quando vem, pronto! E depois, ele andava de taxi. Ele foi pra ir buscar, ele foi com um noivo buscar a roupa pro outro dia que ia casar, ao alfaiate e no meio do caminho ele disse à patroa: era um palmier (bolo) pra minha mãe, os chocolates e as batatas fritas. Arranje-me isso que eu quero já ir me embora, quero pra casa. Quando ia com o senhor pra buscar o fato, ele, o carro capotou e ele morreu logo aos pedaços. Ficou lá. Tiveram que mandar apanhar o corpo assim aos, pro lençol e o senhor que ia casar foi ao hospital. E foi nessa altura que chegou a notícia, depois, porque não queriam dizer logo à minha mãe....

E.: Porque estava grávida...

F.: Pronto! E foi assim, pronto!

E.: E você já tinha uma outra irmã...

F.: Tinha minha irmã mais velha.

E.: Irmã mais velha, você a do meio e a pequeninha estava na barriga

F.: Pronto! Entretanto, lembro-me de vir do rio, pois a minha mãe, com as bacias da roupa ia lavar pro rio, antigamente não havia televisões, não havia nada. Tenho uma noção do 25 de abril, não sei, hoje penso que será isso, que a gente passava à frente da televisão, lá da senhora tinha a loja, pronto, a mercearia, e (pausa) tinha a mercearia e via-se aquela revolução dos cravos, aquelas coisas na televisão, que a gente não, estranhas, pronto, eu não percebia nada, com 4 anos, pronto! Mas pronto, passou-se assim. Depois então comecei, fui pra escola. Não queria estudar. Chorava muito, sempre muito ranhosa, a minha irmã é que me ia limpar sempre. “Ô senhora professora: posso ir limpar o nariz à minha irmã?”. Pronto. Lembro-me de fazer o exame da primeira classe de joelhos num banco da escola.

E.: A sua mãe, quando o seu pai morreu, a sua mãe já trabalhava?

F.: Não. A minha mãe só começou a trabalhar logo depois. Porque a tão, pra gente sobreviver. Depois tivemos a família, que nos foi ajudando, tivemos muita ajuda e apoio dos vizinhos, pronto! Porque era difícil naquela altura, há 53 anos. Depois comecei na escola, depois chumbei (pausa) chumbei na segunda classe, ou na primeira, depois chumbei na terc., sempre foi assim, umas coisas esquisitas. Pronto. Sei que depois, pronto, vinha. Mas a cachopada. Hoje falam de bullying. Se

eles soubessem o que era o bullying antigamente. Atão, não sei como é que as pessoas sobreviviam, porque não sobreviviam. Porque eu passava, eu...(risos) ia pra baixo dos tuneis da estrada porque senão matavam-me, eu levava pancada a torto e a direito, dos batolões.

E.: Na escola?

F.: Eles faziam, como eu andava sempre a choramingar, eles pisavam-me, eles faziam-me 30 pombalinhas. Eram pontapés, era tudo, era trossa, faziam tudo, então eu vinha, por baixo da estrada havia aqueles tuneis por onde passava água, e era ali que eu me escondia. Pronto.

E.: Com quantos anos isso?

F.: Sei lá entre 8 e 9...desde a primeira classe até assim aos 10 anos, 11. Pronto. Aí sim, aí é que era bullying, porque ninguém, porque o mundo, não havia telecomunicações, não havia nada, era outra forma de (suspiro) e as pessoas não, antigamente, como quem diz, fazes e tens que aturar e mais nada. Não há aqui nada. Não havia a proteção que há hoje. E eu acho que hoje há bullying porque, porque as crianças tem tudo e isso é que faz com que depois aconteça e não sabem, os pais põe-lhes tudo nas mãos e eles não se sabem defender. Enquanto eu cresci, eu cresci.

E.: Você se protegia nos tuneis né. E como você se sentia?

F.: Claro, triste. Sim, eu sentia-me sempre sozinha. Eu senti-me sempre, eu senti-me sempre, sem ning., sem proteção. Como é que eu vou explicar? Sempre isolada. Porque antigamente ninguém, não tínhamos ninguém pra dar a mão. Aliás, eu nessa altura, na aldeia, as velhotas diziam-me (desculpa o termo), mas isto assim, isto um dia não vai valer uma merda, é mesmo assim, é as palavras, isto um dia não vai valer nada. Isto quando for grande.

E.: E você não falava pra sua irmã mais velha e pra sua mãe?

F.: Não. Não. E isto era duro. Porque eu tive que ser eu, mulher e tive que crescer à minha custa. Com as dificuldades da vida. E eu estou muito feliz por isso.

E.: Aí ainda você era pequeninha né? E a sua mãe saiu pra trabalhar? Com o que ela foi trabalhar? Ela trabalhou com que?

F.: Ela trabalhou sempre a dias e depois foi trabalhar pra casa de senhores. Teve lá sempre toda a vida a trabalhar em casa de senhores, entretanto depois....

E.: E quem cuidava de vocês, enquanto ela trabalhava?

F.: Era aquela velhinha que tá ali (apontando pra um porta retratos na parede). E um dia, ela punha soda na comida, nas verduras pra ficar verde, e dizia-me que era açúcar pra eu comer a verdura. E um dia a minha mãe foi fazer nabiças em casa, eu agarrei no prato e fui pra dispensa pra trás, e abri um quilo de açúcar e caiu o quilo açúcar nas, no prato das nabiças, depois eu levei uma surra. "Não tem nada que bater na menina, porque então eu é que sou culpada. Porque eu é que lhe digo que é açúcar". E eu como quem diz, a madrinha diz que é açúcar, a minha mãe não lhe põe. Eu, pumba. Pra ver se as comia. (risos) Pronto. Então pronto. Isto em criança, depois fui pra escola. Depois ia pro ciclo, tinha aulas à uma, de manhã ia lavar um carreiro de roupa e trazia à cabeça durante 2,5 km, pra deixar a roupa lavada. Foi sempre uma vida muito agreste.

E.: Mas isso era pra trabalhar ou pra ajudar em casa?

F.: Pra ajudar em casa. Depois aos 13 anos eu andei até mais tarde porque como chumbei. Depois, eu não queria trabalhar porque queria ajudar a minha mãe. Eu fui trabalhar longe de casa, só vinha aos sábados, a um café. Só vinha ao sábado à casa, quando vinha.

E.: Com quantos anos você foi trabalhar?

F.: Com 14 anos

E.: E trabalhava com que?

F.: Num restaurante, num café. Só que aquilo era, aquilo foi indigno. Foi desumano. E então.

E.: Porque?

F.: Atão, porque o patrão era maluco de todo. E depois aquilo era gente, pronto. E depois era muito trabalho, era todos os dias até de madru. Por isso que a gente dormia de madrugada, dormíamos pouco. Depois eu fiquei, eu não aguentei as saudades. Depois um dia eu vinha e eu chorava muito ao autocarro, não aguentei as saudades. Minha irmã vinha mais eu pra virmos pro autocarro e depois eu, a minha irmã chegou à casa e eu chorava, chorava, chorava. E eu até não aguento mais as saudades. Por que a gente foi um ninho que nunca separou. E a minha irmã disse-me...

E.: E era em outra cidade?

F.: Sim, era aqui em Tanhol.

E.: E não dava pra voltar todo dia, né?

F.: Não. Não havia transporte, antigamente, não havia nada. E eles precisavam à noite pra ter lá pessoas pra trabalhar. E a minha irmã chegou à casa e disse: eu não aguento mais, vou buscar a minha irmã. Foram me buscar logo. Porque não aguentávamos as saudades, pronto! Depois, entretanto, comecei a fazer limpezas na casa das pessoas.

E.: Aí já era na sua...

F.: Sim. Já ia à casa. Depois andei a trabalhar numa fábrica de pintura. Naqueles cursos da CE que havia antigamente. Entretanto fui trabalhar com 17 anos pra uma casa de uma senhora que tinha um fábrica de pintura à mão. E tinha 4 ou 5 filhos. Tinha 4 depois teve o 5º. E eu é que fiquei com o bebê de 15 dias nas mãos com 17 anos. E então ela tinha uma fábrica. As vezes era meio dia, ela dizia: Olha, eu vou aí com 10 pessoas pra almoçar, e com a criança, com o bebê, quer dizer, com os outros, almoçar. Quer dizer. Tenha-me o almoço feito! Quer dizer, eu tive que crescer tudo muito à pressa e tive que crescer, assim, muito com uma consciência profunda do que estava a fazer. A vida ensinou-me...

E.: Com 17 anos. E ficou até quanto?

F.: Fique lá até os 20 e poucos.

E.: Então o bebê já estava crescidinho.

F.: Já. Já tinha 3 anos. E ele ao fim de semana, eu não ia ao domingo e ele ia pra porta: (a criança) - Oh mãe, a Felismina? E ele ia pra porta e. (a mãe) - Oh filho, vem pra. (a criança) - A Felismina, a Felismininha. Que era eu. Não saia da porta porque achava que eu também ia. E era um berreiro. Porque ele antes queria a mim do que queria a mãe. Pronto. Entretanto, depois mais tarde, agora já depois de 2010, eu estava, eu vim trabalhar aqui pra Coimbra.

E.: Só voltando um pouquinho: Assim que seu pai faleceu vocês receberam algum apoio do Estado?

F.: Não. Nada, nada, nada, nada...Deram aquele seguro à minha mãe, pra ela ir recebendo o seguro. Mas antigamente não era, tínhamos o abono, normal. Mas antigamente, aquilo não era nada, não é?

E.: Mas era um seguro por causa da morte?

F.: Da morte do meu pai.

E.: E era um seguro que foi recebendo a todo mês?

F.: Sim, sim, sim. Não, não. Não deram. Não porque os patrões fizeram gazeta. Porque o carro pertencia à minha mãe. Mas a patroa fez coisas pro carro pertencer à ela, à praça dela porque a praça era do meu pai, percebe? Até isso roubaram à minha mãe.

E.: E então, receberam só o seguro mesmo né?

F.: Sim. Nada, nada. Não Sim. Não recebemos nada. Foi com a ajuda de uns e doutros.

E.: Nada do Estado, né? Só de pessoas.

F.: Não. Só de pessoas.

E.: Aí depois, voltando um pouco: você trabalhou até 20 e tals anos

F.: Depois continuei sempre a trabalhar. Depois inseri-me. Depois saí dessa senhora dos meninos, inseri-me no ensino especial.

E.: Essa era na sua cidade mesmo, né?

F.: Sim, sim...era no ensino especial, eu fui ...

E.: Pra estudar?

F.: Não, com crianças. Fui ajudar no ensino especial. Fui trabalhar 4 horas pro Estado, por dia. Na altura ganhava o que? 2 euros e pouco por dia. no Estado (risos) pra. Isso é o que o Estado ajudou a crescer numa jovem (risos). A desilusão que foi de ser jovem naquela altura, sem ter uma ajuda, sem ter nada. Eu lá fui, tive lá uns anos, ainda estive lá uns 4 ou 5 anos.

E.: Vocês chegavam a tentar buscar alguma ajuda do Estado, não? Em ir nos apoios sociais? Vocês iam? Vocês foram, tentaram? Ou não se tinha informação na época?

F.: Não havia informação nenhuma dessas. Não, não. As professoras primárias faziam assim, qualquer coisitas, pra nós. Assim das coisas. Mas o Estado às vezes dava assim, aqueles subsídios para os ciclos. Pronto. Mas mais nada. Nunca tivemos apoios que há hoje. (suspiro)

E.: Aí você trabalhou com as crianças...

F.: Depois fui trabalhar para o palácio do Souto Maior, durante 5 anos, de cozinha. Pronto. Mas aquilo era tudo, pronto. Era particular.

E.: Nessa época morava todo mundo junto?

F.: Sim, sim, estávamos sempre todas juntas. Depois de eu vir do café, nunca mais separamos. Porque achamos que não era. Depois separei-me eu. Depois, entretanto, comecei a dar catequese. Fiz primeira comunhão, pronto, e comecei a dar catequese com 14 anos.

E.: Então ainda era na época, antes da senhora dos meninos?

F.: Sim. Sim. Depois então eu dei catequese e sempre me impeliu isto de ser religiosa. Pronto. eu sentia-me bem. Entretanto, depois começou os namoricos. Inda comecei a estar com um moço que andava na faculdade naquela altura, e quem andava na faculdade eram ricos e aquelas coisas todas, e a família diz que não gostava de mim porque queria lá uma prima porque ela andava na faculdade como ele. Pronto. Mas é aquelas coisas dos.

E.: Com quantos anos era isso?

F.: Não sei. 20 e poucos. Mas não, sabe, aquelas coisas que só porque os outros namoravam, também era giro estar com um rapaz. Pronto. Entretanto apareceu mais um, que ele bebia muito, a mãe tinha (pausa). Eu nem sei aonde eu o encontrei, onde é que a gente se encontrou. Não faço ideia. Ele queria estar comigo, e eu não queria estar com ele. Eu só me apetecia rezar. Pronto.

E.: Nessa época você já tinha decidido (ser freira), ou ainda não?

F.: Não, não. Eu senti-me, houve uma altura que eu senti, na minha vida foi muito difícil. Porque senti-me sozinha. Senti-me uma jovem que queria caminhar a nível. E ninguém acreditava em mim, e isso foi difícil. Foi doloroso.

E.: Mas queria caminhar em que sentido, nessa parte? Religiosa?

F.: Sim. Porque eu notei sempre que as pessoas não confiavam muito no meu trabalho, percebe? A nível de (pausa). Porque eu chorava muito e hoje vê-se que pode ter a ver com a doença que tenho hoje. E então depois diziam que era tudo psicológico, tudo doença da cabeça. E antigamente a doença da cabeça era uma pessoa que não tinha noção das coisas e era desorientada. Pronto. E eu senti que tinha este estigma, que as pessoas me punham assim, que eu chorava, e era melingrinhas. (diziam) E isto não vale nada, isto quer, é só médicos, punham-me aquela parte assim, depois não me davam confiança nenhuma. Então eu refugiava-me na capela da Amexeira.

E.: E aquilo fazia bem?

F.: Fazia. Depois chegou a uma altura que eu só dizia: “olha senhor, eu rezo-te este terço se fizeres isto, isto e isto.” Percebe? Eu senti. Eu queria mudar, eu queria ser eu mas eu não sabia como é que eu havia de, por onde é que eu havia de ir, pelos caminhos. E depois sentia uma ideia muito grande que dizia que: “Nem o Nosso Senhor queria saber de mim”. Foi muito difícil, foi uma juventude muito triste. Mas sempre, e depois os médicos, internavam-me ficava mês e tal internada. Por

que? Porque eu queixava-me e afinal tem a ver com a parte de hoje, da minha a saúde. Porque antigamente era tudo doente da cabeça, era medicamentos e medicamentos para porem as pessoas a dormir e mais nada. Pronto!

E.: Ou seja, no fim não saía daquilo, né?

F.: Não, não. Aquilo era um rong rong. E eu, um dia sentia-me mal, e estava assim deitada na minha cama (ainda estou a ver hoje) e disse-me: Não! Tem que ser eu! Porque, ou é agora ou é nunca. E foi aí que eu dei um click! Que a minha vida mudou completamente.

E.: Com quantos anos?

F.: Não sei, mas eu devia ter uns 20. Sim. Porque naquilo eu só estava bem na cama a dormir, porque estava drogada com tanta porcaria. Porque era coisa, achavam e depois então.

E.: Aí teve um click?

F.: Aí houve aí qualquer coisa que houve um click.... eu refugiava-me na capela a chorar, a chorar, a chorar. E era um click. Um. Senti que ninguém acreditava em mim. Que eu era um mondongo.

E.: O que é um mondongo?

F.: Uma coisa assim sem jeito nenhum, tudo embrulhado. Assim. Uma coisa que não tem nexo. Não tem por onde abrir, e começar por uma ponta (estava assim, mostrando algo emaranhado)

E.: Tudo emaranhado?

F.: Sim, sim. Pronto. E naquele dia houve um click. A partir de hoje vou ser só eu. E por isso é que eu digo: estes jovens de hoje, e por isso o sonho que eu tinha e tenho, Se Deus o quiser que seja eu, de dar a mão a estes jovens que estão perdidos na rua. Porque. Nós temos que ser nós, porque não pode ser mais ninguém a decidir nem a fazer. Porque os psicólogos podem dizer tudo. Porque eu tive psicólogos e como eu achei que eles diziam que era tudo cor de rosa, e depois quem cá tinha que tá fora que resolver o assunto tinha que ser eu. E então, pra que psicólogos? Eles só nos enganam. Porque fazem a festa toda muito bonita mas o problema está pra resolver.

E.: Mas conta deste click. Depois o que que aconteceu com você, que fez você ficar diferente?

F.: Eu vou assim. Não, eu disse logo. Eu levantei-me. Mas eu levantei-me logo da cama assim e disse: tem que ser eu! Vou ser eu. Vou tomar menos medicação e vou conseguir. E foi, comecei. A sentir mais, a sentir os horizontes a alargar. Parece que mais luz para conseguir a começar a ver as coisas. Não sei explicar. Sei que a nossa força de vontade é que faz com que sejamos pessoas, seres humanos capazes, da vida. Porque é mesmo assim. Porque, quando a gente, se a gente, se dissermos: “coitadinhos de nós”, na doença “ah ela é assim, coitadinha”. Não! Eu estava cansada daquelas murmúrias que eu ouvia, da falta de confiança em mim. Eu estava saturada!

E.: Interessante. Aí você reparou que a primeira a confiar tinha que ser você mesma, né?

F.: Claro! É. Ninguém faz nada se não confiar em si próprio. Pronto. Depois agarrei-me muito à oração. Agarrei. Pronto. Isolava-me mais. E, na catequese, depois, senti necessidade. Depois fiz, andava em retiros da catequese e encontrei umas amigas aqui do Almegue (Instituto Secular Missionário Servas do Apostolado) que também são seculares. Eu ia falando com elas.

E.: Seculares é porque também...

F.: Somos seculares no meio do mundo. Andamos como vocês, sem perceberem que nós somos freiras. Andamos vestidas normais. Andamos no meio do mundo como sendo fermento no meio da massa.

E.: É por isso que chamam seculares.

F.: Sim.

E.: Mas você já era, nesse momento?

F.: Não, não, não, não, não.

E.: Você encontrou amigas que eram?

F.: Que era, sim.

E.: E aí você foi conversar com elas sobre o que que era isso?

F.: Sim. Sim. sim, sim, sim, sim. E depois então, pronto, mas continuei a minha vida, continuei a fazer retiro de jovens (pausa). Porque depois, na paróquia, os jovens, já alguns andavam a universidade e eu era uma “xaxa” (uma pessoa qualquer, sem formação) pra eles. Não interessava. Porque não eram as conversas que eles tinham. Porque o meu desenvolvimento foi muito eu sozinha comecei a. Entretanto também estudava, comecei a estudar a noite, depois ficava cansada a trabalhar no.... deixei. Achei que não era.

E.: Aí você falou com as suas amigas que eram seculares também. E aí? Nesse momento você começou a se interessar, pra saber mais?

F.: Sim, sim. Sempre, sempre. Comecei. Depois fiz um retiro e houve algo que me despertou. Estávamos no jardim, estávamos numa hora para refletir, e estava sentada ali no muro, inclusive foi muito perto daqui. E senti que Deus me chamava a ser. Por isso que eu fiz aquele repuxo a sentir esta pessoa....e talvez como eu ia lavar ao rio, Deus mostrou-me desta forma, senti que devia ser aquela água quando a gente, no rio, que vai passando, mas que se no fundo o sol a refletir no fundo, essa transparência de vida. Pronto. Foi sempre isso. Entretanto escrevi à irmã Lúcia, a pedir-lhe por causa de ir pro Carmelo e pra ela rezar por mim. E ela enviou-me uma carta, mas eu rasguei-a com medo da minha mãe. Porque a minha mãe, eu tenho uma prima que é freira nas Clarissas e a minha família não aceitou. Porque era filha única mulher, e foi pra lá e não voltou a ver os pais. E depois.

E.: Mas era por isso, porque eles não gostavam porque ela foi e não voltou a ver a família?

F.: Não voltou pra casa, pra família, porque são clausura. Pronto. E então ninguém queria que eu fosse pra freira. Toda a gente! Eu andava à procura, eu andava numa

andança à procura. E. Porque eu quando fui para o palácio, eu ia, as minhas férias eu ia passá-las a Fátima, que é onde eu me sentia bem, refugiava-me pra lá.

E.: Onde é o palácio? O que é o palácio?

F.: O palácio de Souto Maior em Condeixa. da Dona Elza Souto Maior, que morreu. Agora é dos filhos.

E.: Aí você passava suas férias em Fátima?

F.: Sempre em Fátima. Sempre. Porque lá eu refugiava-me, sentia-me bem. Era o único sítio aonde sentia-me bem. Ia todos os dias. Depois arranjei lá amizades, grandes amizades. Eu ia pra cada das irmãs, pra casa de irmãs e isso começou a despertar em mim, diferente. Entretanto fiz o décimo segundo naquilo que é contar a nossa vida. Pronto. Porque eu acho que não é décimo segundo. Porque aquilo é história de vida. Mas pronto! Eles consideraram. Entretanto optei por. Um dia andava cansada, saturada, não sei, não tenho palavras. Que eu na quarta feira santa fui à Fátima num autocarro, e na hora da eucaristia senti: Vá! Vai. Vá à procura. Senti mesmo que era aquela a hora de ir à procura. Acabou a eucaristia eu disse olha: disse aos moços que: eu não vou à via sacra, aos valinhos porque eu vou ver se resolvo aqui uma situação que tenho a resolver. E avisei-os e fui correr tudo a ver se encontrava um padre. Não era. Porque achava que se era em Fátima tinha que ser em Fátima. E não era, porque lá podiam estar mais despertos que o meu pároco. Porque meu pároco nunca me ajudou nesta área. Nunca. Nunca tive ajudas dessa parte. Porque ninguém me ajudou. Foi sempre eu que tive que desbravar, ou como se diz, caminhos, porque antigamente não havia hipóteses. As pessoas, não. Não havia nada. E então fui lá e corri os padres todos. E depois uns já eram muito velhotes e neste dia só chegava ao pé deles, benziam-me, era a benção e toca a andar. Nem nos ouviam. Porque era muita gente. Pronto. Cheguei, olhei pra frente pra nossa senhora e disse: "Nem tu quer saber de mim, Maria. Nem tu. Oh mãe, nem tu quer saber de mim". Imagina a desilusão e o sofrimentos que eu estava. Depois passei. Isso foi de frente ao confessionário, do outro lado do santuário. Depois passei à frente e disse: Oh mãe, nem tu quer saber de mim." Eu até acho que estava zangada. Fiquei assim, um bocadinho zangada com ela, assim, porque até ela me desprezava, não havia ninguém que tivesse coragem de me dar uma mão. Aquilo foi um sentimento. Não há palavras. Pronto. Nisto passei (falei assim: ah), fui às informações e disse: "Olha", a chorar. Uma jovem, a chorar, sem vergonha nenhuma. - Por acaso não há aqui um senhor padre que me possa ouvir? - Eu não me quero confessar, eu quero falar! Dizia a eles.

E.: E aí?

F.: Aí então apareceu o Padre Manuel Antunes.

E.: É aquele? (apontando pra uma foto na parede). Qual deles? O do meio?

F.: Aquele da ponta. O fundador.

E.: E aí você falou com ele?

F.: E disseram-me assim: Olha, tá aqui um sacerdote, eu não sei se ele está disponível, mas eu vou ver. (E era ele). E levaram-me lá. E eu cheguei ao pé dele e chorava e disse-lhe que toda a gente, ninguém acredita em mim, porque eu era doente, mas eu preciso de ajuda, mas eu precisava de alguém que me desse a mão para caminhar. Ele olhou pra mim e disse-me: - Tu não estás doente. Tu

precisas de alguém com quem partilhar e com quem desabafar. Eu estou aqui sempre. Pra te ouvir, quando for preciso. E ele disse-me: - Tu, agora tens que te ir embora, porque tinha a excursão e blá blá blá. Mas, eu estou aqui todos os dias, tu também estás em Coimbra, em Condeixa, não é assim tão longe. Também metes num autocarro de 15 em 15 dias. Se tiveres possibilidade disso, e eu estou aqui. Pronto. Foi então eu que, a partir daí, Fátima foi o meu. E andei uns 2 ou 3 anos assim a falar com ele. E eu ldisse-lhe que queria ir para a vida consagrada. Ele disse: - Então, se quiseres ir ao meu Instituto. Pronto.

E.: E você tinha quantos anos assim desde que começou?

F.: Eu tinha 22 anos

E.: E aí depois foi até os 24 ou 25....

F.: Sim. 23 ou 24. Depois, eu fui, em 2023 fiz a minha consagração.

E.: Não. 2023 estamos agora. Com 23 anos, foi isso?

F.: Isto. Faz 20 anos este ano.

E.: Então foi em 2003?

F.: Eu lá estava, faz 20 anos dia 06 de outubro. Dia 05, minto, no feriado.

E.: Foi assim nesse lugar que.

F.: Sim, que ele me propôs.

E.: Como se chama? Não é ordem, é...

F.: É Instituto. Instituto ...

E.: Pra lá ia quem queria ser padre ou freira?

F.: Só consagrada secular. Não era padre. Era consagração secular.

E.: Que é aquilo que você falou que é consagração secular. São aquelas que não andam vestidas de freira, mas são.

F.: Sim, sim. É o movimento de consagração secular.

E.: E era até com o que você mais se identificava, não?

F.: Sim, sim. Não. Nem era. Interessante. Porque eu queria convento, eu queria casa fechada como essa, numa ordem religiosa.

E.: Como a sua prima?

F.: Numa ordem religiosa.

E.: Como Carmelitas, essas coisas...

F.: Sim, sim. Porque quando eu queria ir pras Carmelitas, a minha mãe andava sempre atrás de mim. Então fostes às Carmelitas? (mãe falando) Fui. - Antes que tu morresses do que ir pra atrás das grades, disse-me a minha mãe. Isto era difícil pra uma jovem. Pronto. Porque elas não aceitavam. Entretanto, a minha avó casou os meus primos. O mais velho casou e já só ficava eu. E ela disse-me: - Oh Felismina, anda cá. Nem que tu não cases, não fiques triste. Porque (a minha avó com 94 anos). - Porque quando, uma mulher solteira tem o mesmo valor. (dizia a minha avó). Depois eu disse: Oh vó, eu queria ir pra freira! E então, a partir daí, ela

dizia assim à minha mãe: Ô Otília (quando a gente ia a Lagarteiro). -Oh Otília, olha ainda está no forno. Vá lá porque que ela quer falar contigo. Não era nada. Era pra mim mãe despistar dela e de mim que é pra ela poder estar à vontade para falar comigo e depois já ficava descansada. Pronto. Era interessante como ela fazia isso. A minha vó acompanhou sempre o meu desejo.

E.: Porque com ela você conseguia falar?

F.: Sim. É interessante que era uma avó, não é? E a minha avó vivia numa aldeia muito patusca. Era uma pessoa com, não é? daquelas pessoas que não havia.

E.: E ela mãe da sua mãe?

F.: Sim. Depois ela morreu. E depois eu fui lá. Eu quis lhe dizer. Porque daí a 15 dias já estava marcado, porque eu já estava nesta comunidade, neste instituto primeiro. E ela disse-me. E ela morreu com 99 anos e meio e depois eu fui lá porque queria lhe dizer: é agora que eu vou pro convento. Já tinha entrado. Já tinha lhe falado essas coisas e ela disse-me: - Oh filha tu vais atar os nós dos chalés. (quando é pra morrer, que eles ficam a atar muitas coisas). “Oh filha, tu vai, mas nunca desprezes a tua família, tá bem? Tu vai, mas não desprezes a tua família, a tua mãe e as tuas irmãs, a família, tá bem?” Foram as últimas palavras da minha avó. E eu fiquei consolada, porque ela partiu e eu disse-lhe que estava tudo resolvido. Isso acho que foi a maior consolação que eu tive, a oportunidade de lhe dizer. Pronto!

E.: Então você entrou com 23, né? Ah é que vai fazer 20 anos agora!

F.: Então ela disse-me...

E.: Não, Não. Foi com 23 anos. Se vai fazer 20 anos agora, você entrou com 30, 33 anos.

F.: Sim, sim, sim, sim, sim.

E.: Demorou ainda pra entrar. Porque...

F.: Porque foi a minha juventude. Tive que ser eu a resolver.

E.: Quando você ia pra Fátima, você tinha 20 e poucos anos?

F.: Sim. Tinha uns 25. Eu comecei com 21 que eu comecei a....pronto! E depois, isso não é de uma hora pra outra que a gente consegue ter discernimento. E isto vai sendo discernimento até a vida, não é? Pronto.

E.: E você trabalhava nesse período ainda?

F.: Eu trabalhei sempre. Eu saí do palácio Souto Maior, por causa disso mesmo. Eu trabalhei, eu entrei no palácio em 1989 e saí em 90 que era pra ir pra Fátima porque eu queria seguir na vida religiosa e eu lá trabalhava Sábados, Domingos e tudo. Percebe?

E.: E depois você teve que achar outra coisa?

F.: Sim. Pra seguir esse caminho, tinha que ter mais tempo. E entretanto foi isso e entretanto em 2000 e quê? (pausa), 2005, 2004, eu entrei pro Padre Antunes, mas eu queria também em convento, eu não queria assim na rua. E apareceu-me umas irmãs, porque eu tenho, ali no Carmelo havia, há uma irmã que tem um padre que é aquele padre da Lapa, e ele está com umas irmãs lá. Tem o convento. E então a

partir daí perguntaram-me se eu queria lá fazer uma experiência. E eu disse que sim. E o padre Antunes disse-me: Não vás! Porque ele sabia da história. Porque aquilo foi uma comunidade que era metade espanhola e metade portuguesa, delas. E depois aquilo houve guerra, depois separaram-se. Aquilo...pronto! E eu disse: eu vou!

E.: O primeiro falou que não era pra ir.

F.: Sim. Mas eu vou. Porque eu quero ver se é ou não é. Sabe? Porque quando a gente sente uma coisa temos que perceber se é ou não é pra se estar seguras. E a gente sem experimentar, não consegue. E então fui. E elas. E ele ficou assim comigo. Não ficou triste. Ficou! Porque tive que sair do Instituto. Fui, estive lá desde 2005 até 2009. Pronto. Até janeiro de 2009.

E.: Na Lapa?

F.: Na Lapa. Vesti hábito e tudo como está ali (na foto na parede). Mas aquelas irmãs eram só pra trabalho, e eram muito falsas e eu não gostei daquilo. Aquilo era só trabalho.

E.: Onde fica a Lapa?

F.: Na Serra do Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Em Sernancelhe, Aguiar da Beira, lá pra cima. E era discriminação sobre umas e outras. Pronto! Achei que não era, vim me embora. Eu queria ir ao médico e elas diziam: - Ah não, o senhor é a cura. Não precisamos de ir ao médico. Um dia faltou-me lá o período, durante 7 meses, um ano, e eu disse à frente do Padre: – Eu vou-me embora. Vocês não me levam ao hospital. É assim, falta-me o período e eu não to pra aguentar isto. Ou bem me levam ao hospital ou então eu vou. Um dia, a irmã, como não queria que ficasse dela avante, pediu-me pra marcar uma consulta pra médica psiquiátrica e vieram cá comigo E depois a médica disse: Não, não! A Felismina sabe o que quer. Pronto. E houve assim, coisas muito estúpidas. Muito. Olhe, nem. Houve uma irmã até que me disse, na altura foi pra lá uns senhores, nas novenas e. Olha, são falsificações terríveis.

E.: Esse período que fica como freira, já recebe?

F.: Não! Eu vim me embora porque eles, nem na Segurança Social me puseram. E eu acho que tem que lutar pela verdade. O chamamento que eu senti, ser como a água que reflete no fundo do rio, que o sol faz ser translúcido, assim tinha que ser eu, sempre o meu caminho que eu tenho percorrido. Vim me embora. Entretanto, não se pode voltar outra vez pro Instituto. Durante um tempo. Fui fazer uma experiência pra Fátima. Porque eu tava naquela, porque na minha cabeça tinha que ser porque tinha que ser. Tive lá um mês e disseram: - Ai não dá porque você não tem estudos. Eu disse: Não sabia que pra freira a gente tinha que ter estudo. É muito estranho. Vim me embora. Depois, entretanto, de lá vim pra casa. Mas eu queria estar em Fátima, eu queria ir pra Fátima. E então, pedi, estive a trabalhar numa casa que acolhia crianças de maus tratos dos pais embriagados. Pronto. Estive lá um tempo, 4 meses, mas depois aquilo acabava e houve um sacerdote, que já morreu, muito querido, muito velhinho. E depois ele pôs-me a fazer outra experiência na casa do Bom Samaritano. Mas eu não me sentia bem.

E.: E o que era esta casa?

F.: É uma casa com pessoas deficientes.

E.: E quando você voltou da Lapa, foi morar pra onde?

F.: Pra minha mãe.

E.: Voltou pra casa da mãe?

F.: Foi. Depois...

E.: E você estava falando do Bom Samaritano....

F.: Era um Instituto de religiosos. Só que eu não me sentia bem. Havia qualquer coisa em mim, que não me deixava estar, não me deixava parar. Não sei, não percebo, não faço ideia. Depois, então, vim pra Coimbra e comecei outra vez a trabalhar no lar onde eu estive, antes de ir pra Fátima eu tinha que trabalhar. Fui pra um lar, tinha folgas quando sai do Palácio Souto Maior, pra poder ter a minha vida.

E.: Aí trabalhava só com idosos?

F.: Sim. Eu sempre trabalhei sempre com idosos. Pronto! Porque essa senhora também era idosa. Era apoia-la no palácio. Pra fazer comida e pronto. E depois eu saí do palácio e fui trabalhar pro lar lá dos meus vizinhos, porque na terra abaixo, onde estudei na escola primária, porque assim tinha folgas e tudo que dava pra conciliar.

E.: Dava pra conciliar com o que?

F.: Com a vida consagrada, que é o que eu queria. Pronto. Entretanto, o dia do bom samaritano, dia tal em 2009, em julho porque eu saí do convento em janeiro e depois ainda fiz essas coisas todas naquele meio ano e depois vim aqui procurar o Instituto, e disseram-me, um amigo meu sacerdote franciscano, que achava que era bom caminho aqui, o Instituto em Coimbra, também da sagrada família. E eu fui. E elas também, como iam fazer 25, 50 e eram anos do Instituto, ela apanhou-me, elas diziam-me que era muito lindo, que era uma festa junto, nem me deram tempo pra pensar, fizeram tudo logo. Um dia, eu tinha que trabalhar, estava a trabalhar no lar. Eu não podia sair do lar porque tinha responsabilidades e não podia fazer um campo de férias como elas queriam. E ela um dia ao telefone. Eu disse-lhe: já não posso ir, tenho que ficar este dia. (ela): Você é uma cachopa, uma irresponsável, uma incompetente. Ora! Aquilo pra mim, foi uma bomba. Não é? Como é, se estamos a trabalhar fora, no mundo, com outras pessoas, temos que ser obedientes e temos que ter responsabilidades. E uma pessoa, que é consagrada, dizer me uma coisa dessas, isto estourou-me! E isto foi uma aprendizagem que me faz hoje a mulher que sou na vida da igreja. Nesse percurso meu todo, ajudou-me a perceber o que é ser um verdadeiro cristão, um verdadeiro ser humano.

E.: E estar lá com elas também não ia te dar um salário, ia?

F.: Não. Porque nós, quando estamos no Instituto Secular temos que trabalhar pra sobrevivermos. Mas quando estamos num convento, numa comunidade todas juntas, religiosas, a gente não recebe um dinheiro só pra nós. Vai todo pra uma caixa de todas e quando uma precisa vai se buscar àquela caixa, o dinheiro vai servir em comum. Agora. Depois eu fiquei. Eu passei por convento, por comunidade, depois passei por Institutos, onde percebi o que é ser um verdadeiro cristão e o que não é ser. Quais as atitudes que nós temos que ter e que não devemos ter. O que é que nos ajuda a crescer como seres humanos coerentes.

E.: Nesse período você morava lá com elas?

F.: Sim, sim, sim eu morava com elas.

E.: E depois que isso aconteceu?

F.: Vim morar pro pé da minha mãe. Entretanto, em setembro de 2009 que era cá em Coimbra, que é o sacerdote que me acompanha humana e espiritualmente, disse-me, ele dá uma formação e perguntou-me se eu queria ir, que achava que ia me fazer bem. Pronto. Ele seguia-me no Instituto mas também me seguia cá fora e percebia como é que eu estava. E ele disse-me: podias fazer uma formação. Eu até vou dar uma formação, se quiseres participar. E fui. E é a formação Nova Humanitas Org, formação humana e espiritual. Tem a parte humana e depois quem quiser faz a parte espiritual.

E.: Mass era tudo da igreja, ou não? Era outra coisa?

F.: Não. Qualquer pessoa podia ter essas formações.

E.: Era uma formação que não tinha a ver com a igreja.

F.: Não. Não. Tinha a ver com a igreja e não tinha. Tinha aquela que se podia fazer sem a igreja e tem aquelas da parte do Cristão que pode também associar. Pronto. E eu fui fazer e depois estive um ano que eu decidi parar, não fazer nada em casa. Ficar em casa só, porque eu precisava de parar para ver o caminho percorrido e o que que ia dali pra frente. O que é que saía pra começar a ver clara a minha vida. Porque é mesmo assim: tive um ano. A minha mãe ia trabalhar e eu a ficar em casa, sempre. Porque depois também não havia ali, à altura, grandes trabalhos, e eu fui sempre ficando. Pronto. E, também não tinha dinheiro, não tinha nada. Estava a viver às custas da minha mãe. E nisto tudo.

E.: Você tinha quantos anos na época?

F.: Na época? Então, eu tinha, isto foi em 2010. Tinha 43.

E.: Tinha 40 né?! Você é de 1970...

F.: Pois. Depois fiquei ali um ano. E, entretanto, tenho a formação de Nova Humanitas e depois tinha os cardápios de fazer estas formações, né? Fiz muitas análises, analisei a minha situação. Tinha muita ferramenta pra parar, pra rezar, para olhar pra mim interiormente e depois.

E.: E nesse momento o que a sua mãe achava de tudo isso? Ela falava pra você alguma coisa?

F.: Porque a minha mãe, porque ela pensava que isto meu, isto tem a ver com a minha doença hoje do que eu tinha pra trás.

E.: O que você tem hoje?

F.: Não sei. Estão a me parar os órgãos. Não tenho intestino. Já tirei o intestino. Tenho o hélío paralítico. A bexiga tá parada. Pronto.

E.: E aí a bexiga é por isso que você usa sonda?

F.: A sonda, porque os rins também estão a parar os dois. Quer dizer, isso é uma doença degenerativa, que não sabem o que é, a nível muscular.

E.: Nessa época você já sentia alguma coisa, ou não?

F.: Não. Mas os sintomas que eu tinha, assim de mal estar, e às vezes assim muito irritada e não sei que, tem a ver com hoje já! O médico neurologista disse-me que já era a forma que estava a se manifestar antes de ter estas coisas.

E.: Como você já tinha feito bastante movimento de sair, trabalhar. Esse momento que você volta de novo pra casa da sua mãe, com 40 anos, como você se sentia?

F.: Olha. Houve um período, que foi desde que sai da Lapa em 2008, dezembro de 2007, eu regredi aqueles 3 anos como, não tenho palavras. Eu deixei, aquilo (a comunidade religiosa onde estive) é tão parado. Eu nunca mais mexi em dinheiro. Eu não sabia contar dinheiro. Eu comecei a trabalhar e as pessoas diziam: Então, mas estas a fazer o que? Eu não, o meu cérebro parou completamente. Eu fiquei um bicho autêntico. Imagina como era a comunidade? Tá a entender?

E.: Porque lá vocês não mexiam com dinheiro?

F.: Nem com dinheiro, eu não mexia como nada. Só trabalhava. Era uma escrava a trabalhar. E como eu via que não estava bem, achei que havia de mudar. Mas eu lá, numa terra longe, não tinha ninguém que me desse a mão. Porque havia lá um sacerdote que nos ia lá confessar uma vez por mês, que me queria me ajudar, mas a madre nunca deixou. Tá a entender? E eu disse à madre: é agora que eu me vou embora. Tanto é que eu me vim embora à 1 da manhã. Foram me buscar à 1 da manhã porque eu já não aguentava mais. Porque não quero estar aqui nem mais um minuto.

E.: Aí você veio embora à 1 da manhã e foi o momento que você voltou pra casa da sua mãe, né?

F.: Sim, sim. E então, quando eu comecei a trabalhar e fiz essa experiência, primeira que lhe falei, em Fátima, fui pras crianças e tudo, não foi fácil porque eu estava toda adormecida.

E.: Por que você estava retomando, né?

F.: Sim. E eu quando vi, tive que comprar cuecas e roupas porque eu dei tudo. Porque eu ia com aquela de ficar mesmo. Isto pra mim foi tudo, pronto. Entretanto, fiz essas formações depois.

E.: Aí você voltou pra casa da sua mãe, nesse momento de sair da Lapa e como você se sentiu?

F.: Frustrada, cansada de tudo, desanimada porque ninguém acreditava em mim. Não havia apoios de nada. Não havia, não havia ninguém. Era tudo, como quem diz: Isto é só pra doutores, isto é só pra isto. E, não havia. Antigamente. Eu não tive apoio, uma mão amiga que dissesse: - Olha, vai por aqui. E tive que ir eu, descavando em mim própria pra conseguir alguma coisa. Tanto que eu hoje, quando decido alguma coisa, eu só sinto quando algo em mim que interpela: é isto! Não vou muito pela confiança das outras pessoas. Eu tenho que sentir, que realmente, e sinto que devo fazer quando eu me sinto em paz, comigo. É a forma que eu achei mais concreta de caminhar.

E.: Esse daí então foi o momento que, a gente já estava lá na frente. Mas com 40 anos você voltou novamente pra casa da sua mãe. Que foi depois de ter voltado de onde?

F.: Voltei da Lapa com 38 anos. Depois fui meio ano. Depois estive sempre em casa da minha mãe. Atenção! Até agosto, até julho fui pra Fátima e depois em julho é que voltei pra casa da minha mãe em definitivo. Depois estava em casa da minha mãe mas fui fazer outras experiência aqui no instituto secular da sagrada família.

E.: Com as crianças.

F.: Não. Com as crianças foi em Fátima. Em fevereiro, de janeiro a julho de 2008. Depois em julho, é que um amigo meu franciscano é que me disse: Olha, porque é que não vais ali ao instituto. Acho que aqui que era perto e era mais fácil. Pronto. E eu fui lá, pedir pra falar com alguém da parte jovem deles.

E.: Era que instituto?

F.: Instituto Secular da Sagrada Família

E.: Que não era o mesmo de Fátima?

F.: Não, não. Era outro.

E.: É porque era Sagrada Família também, por isso eu confundi. Aí esse amigo falou pra ir e...

F.: E eu fui. E depois elas levaram aquilo tudo. Olhe! Achei que também, pra pra vida consagrada não se pode ser assim, Pronto! E achei que não era correto e depois disse: Afinal, como somos nós que estamos numa forma diferente de vida. Pronto.

E.: Mas, não podia ser assim como?

F.: Porque elas só queriam. Como é que ei de explicar? Se eu era secular, se éramos um instituto secular, mesmo elas, se estávamos a atuar no mundo, a trabalhar com as outras pessoas, no meio das outras pessoas não podíamos deixar os nossos trabalhos mesmo quando a gente queria e nos apetecia. Temos que ser responsáveis e ter obediência. Pronto. E então elas disseram-me que quando eu não estava disponível pra elas, quando eu tinha que trabalhar, elas disseram que eu era uma irresponsável, uma incompetente e não sabia o que queria. E da forma que elas me falaram. E um dia disse: como é que vocês querem ainda dizer que Deus existe nesta casa, que isto é um Deus correto! Pronto! Entretanto.

E.: Foi aí que você voltou de novo com 40 anos. Que foi 2010, né?

F.: Sim. Isso. E depois, em 2010 o padre Fernando disse-me: Olha, queres participar de uma formação? Porque ele via que eu estava, porque eu queria me matar nessa altura. Porque eu vi-me tão desiludida, em quem é que se vai confiar? Em quem que eu vou confiar se não vejo ninguém que eu possa confiar? A minha vida já não tem lógica. Tanto que eu vim da casa delas, e vim direto pra vir pro Rio Mondego. Eu vinha com vontade, desiludida de tudo do que estava a passar. Porque não sentia, não sentia que era aquilo que Deus me pedia viver, percebe? A gente devia tratar a diversidade e o padre Fernando estava na igreja de São (pausa e suspiro), na igreja, ali, na praça velha, em Santiago. Ele disse-me: senta-te aqui. Conversa um bocadinho comigo. Porque ele via que eu estava mesmo. E eu disse: Não! Olha, só vejo o Mondego. Vou daqui, vou me atirar ao Mondego porque já não

há solução nenhuma. E ele me disse: Tás maluca. Não vás nada! Fica aqui. Disse: Eu não quero conversar contigo, já não confio em ninguém. E eu vinha, vinha, e quando atravessei a estrada estava lá o autocarro pra Condeixa. Vou já me embora neste autocarro e meti-me no autocarro e quando ia a passar a ponte de Santa Clara, disse-lhe, telefonei-lhe. Eu amanhã posso vir conversar consigo? (risos). Então vim. Vim desanuviar com ele. E ele me disse: vamos fazer lá uma formação. Queres? E eu marquei e fui. Que era primeiro conhecer a mim mesma. Depois tenho ali os títulos das formações. E depois fiz, e foi então aí que eu parei um ano inteiro de 2009 a 2010. Depois em 2010, não sei se foi em 2010. Foi, em janeiro, foi em dezembro, eu pus um anúncio pra ir trabalhar e telefonou-me um senhor se eu queria vir trabalhar pra Coimbra, pra casa de uma idosa, a ficar com ela sozinha. Por que? Porque no lar, isso mexeu tudo comigo. Porque no lar, onde eu trabalhava na Rifana, uma velhota, a tal Felismina, um dia queria pintar os lábios às 8 da manhã ou às 8:30. E os outros todos aflitos para se levantar, era um barulho tremendo, porque estavam indo comer. (Eu disse): Ó Felismina, agora vás lá comer, depois vens cá baixo e eu pinto-lhe os lábios (senhora do lar): “Já nem sou dona de mim nem sou dona de nada, nem do que é meu”. E aquilo mudou a minha vida.

E.: Quando você ouviu isso, né?

F.: Sim. Mas eu entretanto ia falando com este padre, normal no Instituto onde estava. E ele dizia: Não podes entrar, já falei com o bispo, e não sei que, e não sei que. Mas ele andava preocupado comigo. Pronto! E depois eu optei.

E.: Você chegou a ser freira mas depois teve alguns momentos que não estava mais ligada a nenhum...

F.: Não. Eu era sempre. Eu não deixei de ser. Eu quis é fazer experiências em vários sítios pra perceber. Eu estava consagrada. Eu já tinha chamado meu caminho.

E.: Qual foi a idade da consagração?

F.: Então, foi em 2003.

E.: Ah, então vai fazer 20 anos agora.

F.: Sim. Foi 2021, entre 2020 e 2021, depois quando fiz minha consagração foi 2023.

E.: Então você tinha 33 anos.

F.: Sim. Foi a idade de Cristo.

E.: Olha que interessante.

F.: Sim, foi interessante.

E.: Com 33 anos então, consagrou?

F.: É. E então eu queria, mas eu achava que havia uma possibilidade de entrar. Ele disse: só se quiseres escolher outra. Mas queria, ele disse-me, e eu, pronto. Mas eu achava que teria que ser outra coisa. Num espaço fechado. Só quando fui para o espaço fechado, eu sentava, porque eu achava que o meu trabalho de vida consagrada, tinha que ser ao pé do sacrário. Estar ao pé do senhor a rezar, rezar, rezar, rezar. Mas a cada vez eu ia pro sacrário, eu não conseguia lá estar. Que

eram mil agulhas. Não me deixava estar nem cinco minutos. Não conseguia. E foi, e através destes sinais eu comecei a perceber que era mesmo, que Deus me pediu e que eu fiz a primeira coisa: Que foi a consagração secular no meio do mundo. E eu comecei a perceber, que da minha consagração, que Deus me pedia algo muito importante até o dia de hoje. Que tinha que ser essa água transparente, translúcida, que tinha que ser eu própria. Não podia ir com ideias de uns e de outros. Tinha que ser comigo própria.

E.: E como freira secular, podia, por exemplo, trabalhar em quais lugares?

F.: Em qualquer lado, sim!

E.: E aí você pôs o anúncio e te chamaram pra cuidar de uma senhora.

F.: Pra cuidar de uma velhota. Sim. E eu vim viver pra Coimbra. Vim viver em 2010 e nunca mais fui pra casa. A partir daí saí de casa. E sinto que Deus me chama...

E.: E você mesma que pôs o anúncio?

F.: Sim. Eu que punha. Sim, sim, sim, sim.

E.: Como você decidiu por este anúncio?

F.: Atão, porque eu precisava trabalhar, precisava de dinheiro pra comer. Tão?

E.: Mas você estava com a sua mãe. De alguma maneira tinha como comer

F.: Atão, mas a minha mãe não era a minha escrava, não é? E eu não podia estar a fazer da minha mãe escrava. Não é? Eu tinha que trabalhar. Eu não queria estar à boa vida.

E.: Ela te cobrava ou você mesma se cobrava?

F.: Não. Eu tinha que lhe ajudar na casa. Atão, eu vivia com ela eu tinha que partilhar. Atão, nós tínhamos que partilhar da casa. Quando começamos a trabalhar, o dinheiro ia pra minha mãe. Então como é que a gente vivia?

E.: Sua mãe trabalhava ainda, nesse período?

F.: Sim. A Minha mãe trabalhou até há pouco tempo.

E.: E aí você veio pra Coimbra trabalhar com essa senhora e pra cá ficou?

F.: Sim. E depois ficava com o dinheiro pra mim. Sim, já foi diferente.

E.: E você morava com essa senhora?

Felismina: Morava, morava. Depois tentei arranjar uma casa, pra passar as minhas folgas. Porque eu andava muito cansada de ir pra casa, de lá pra casa. De cá pra cá. (suspiro). E então quando eu andei arranjar, ela descobriu, a velhota. Através dos telefonemas lá de casa que eu fazia, no meu telefone. E de buscar o jornal e ver, e depois um dia ela é que disse à minha mãe que eu ia alugar uma casa, não fui eu. - Acreditava tanto em si, deixei de confiar em si – disse ela à minha mãe.

E.: Mas por que? Não podia?

F.: Porque como é que ela podia confiar na minha mãe. (pensando) Ai, como é que ela dizia? Como é que eu posso confiar em si, se você encaminhou a sua filha pra alugar uma casa. Pronto! Porque ela, a velhota, eu era mais que filha dela, porque os filhos não dão atenção aos idosos, não é? E então ela tinha toda a confiança em

mim, mais do que se fosse filha. Então ela achava que a casa dela era pra mim, e eu não precisava de mais nada. E então ligou à minha mãe, mau humorada por eu ter alugado uma casa ou estar a alugar. Tanto que a minha mãe só soube por ela, não soube por mim. Pronto! E depois fiz a minha vida sozinha.

E.: Nisso você tinha mais ou menos quantos anos? Porque se você veio pra Coimbra em 2010

F.: Foi em 2010 e isso foi 2 anos depois.

E.: Então isso foi em 2012?

F.: Fim de 2012.

E.: Que você conseguiu?

F.: Sim, Sim.

E.: Já era aqui?

F.: Não. Era na Sé Velha. Mas era uma casa muito podre. Estava tudo muito, pronto, chovia lá dentro. E depois, depois o senhorio não me dava contrato e eu acho que estou cá por alguma coisa diferente, porque se as pessoas não são (pausa) eu sinto isto porque estou doente, não é? Fui operada, tirei o intestino.

E.: Quando você descobriu seu problema de saúde, em que ano?

F.: Em 2010. Isso deu-me em 2010

E.: Já foi quando você tinha vindo pra Coimbra, então?

F.: Sim, sim, sim. Eu já lidava com falta, com dificuldade pra obrar.

E.: Não quer dizer que você não tinha antes, mas aqui você teve acesso na ir os hospitais?

F.: Não. Não é questão disto. É questão que eu deixei de obrar, eu deixei de obrar, eu deixei de obrar, até foi num retiro, numa formação da Nova Humanitas.

E.: Mas deixou o que?

F.: Eu fui um dia à casa de banho e obrei. E daí uma hora fui lá e deixei de obrar. Parecia uma tampa que estava por baixo. (deixou de defecar)

E.: Por exemplo, você não ia mais no banheiro e aquilo acendeu uma "luzinha", alguma coisa tem?

F.: Não, não. É que eu não aguentava. É um sofrimento horrível. E então o médico, já o médico de família lá de Condeixa, o que ele achava que eu tinha era tudo de cabeça, psicológico, percebe? E nunca deram, desde criança, nunca, pra eles era tudo nervos. Era tudo doença mental. Era tudo. A sociedade de hoje fez sempre, eu tenho sofrido muito e eu hoje estou assim devido à falta da parte médica. Porque a parte médica é qualquer coisa pra dormir, medicação e toca a andar.

E.: Aí em 2010 você descobriu isso daí com os médicos de família de cá?

F.: Não. IÉ assim, isto até hoje ainda não está descoberto. Atenção!

E.: Mas você foi operar?

F.: Sim, mas isto é um processo muito complexo. Porque eu ia ao hospital, ao centro de saúde e o médico dizia: Isso é tudo dos nervos! E ninguém ligou a situação nenhuma. E por isso é que cheguei à situação que estou hoje. Qualquer coisa da saúde, já dizem que é nervos, que é doença, é, é, é depressões e essas porcarias. E depois as pessoas chegam ao que estão, como estão hoje. E a situação que estou hoje é uma diligência grave de saúde a nível de médico.

E.: E que ninguém sabe o que é?

F.: Porque isto foi guerra entre médicos. Ao fim, ao cabo, a partir de 2010 foi guerra entre médicos.

E.: E aí você ficou com essa senhora até quando? Até que ano?

F.: Até 2014.

E.: Depois disso você foi pra alguma outra família?

F.: Depois disso, fui. Eu tive várias famílias. Eu tive esta, depois tive um senhor ali embaixo também, depois tive um médico, que eu era enfermeirinha e a Felismininha dele. Depois tive outro senhor, depois tive outra senhora que eu ia, comecei a fazer férias, a filha convidou-me para ir fazer férias também doutorada com ela e com a filha, onde a mãe morria de fome. Se não fosse eu a dar a comer do mês do ordenado. Porque também não queria que a mãe engordasse. Imagina as situações.

E.: E você veio pra cá pra essa casa em que ano?

F.: Pra esta casa? Aqui vim em 2017.

E.: E é arrendada?

F.: Sim, sim, sim, sim.

E.: Mas depois você precisou parar por causa da saúde?

F.: Não. Eu já não trabalho desde depois de 2015.

E.: E como você consegue se manter?

F.: Olhe, pra já consigo manter-me com, como é que se diz? Deus providenciará!

E.: Tem algum apoio do Estado?

F.: De muito esforço e de muito lutar. Porque o Estado sempre não pode. A parte social nunca pode. E no fim de eu chegar, e só no fim de eu questionar e não sei que, e depois já. É interessante.

E.: Em que ano mais ou menos você conseguiu algum apoio do Estado?

F.: Em 2018

Porque eu lutei muito. Porque nunca tínhamos direito a nada. Em 2018 pedi a reforma de invalidez e eles disseram que eu tinha muito ... pra trabalhar até hoje.

E.: E aí? Não deram?

F.: Aí não deram. Não deram. Tenho 28 anos de casa, de segurança social do trabalho.

E.: E não deram a reforma?

F.: Não. Mas não tenho (suspiro). Tenho incapacidade. Deram-me incapacidade. Uma pensão de, não é uma pensão. É um coiso de incapacidade, um apoio. E tenho 19 euros do rendimento mínimo.

E.: 19 (Euros) por mês?

F.: Sim porque tenho incapacidade (o rendimento), cortaram-me tudo. Agora tenho aqueles 90 euros do Estado de 3 em 3 meses.

E.: E a igreja apoia alguma coisa?

F.: Não, nada. Nós temos numa sociedade, mesmo a igreja... Eu sou igreja, atenção! Eu sou igreja. Mas a igreja, mesma a igreja tem tantos conhecimentos. Pensa que eles, alguém, faz um telefone a saber como é que estás? A nossa sociedade está hoje assim. E depois eu sou diferente. Mas eu sou feliz como sou assim. Porque eu só sou feliz se eu for coerente comigo e com aquilo que Ele me pede.

E.: Me fala uma coisa. Você acha que essas condições que vão tendo rupturas ao longo do tempo, tudo. Como é isso sendo mulher? Você acha que tem diferença, se você fosse um homem ou sendo mulher? Viver essas situações?

F.: Olhe! Eu não acho. Eu só acho que isto é falta de incoerência do ser humano que está à frente dos trabalhos da sociedade. Não há coerência e não há respeito pelo ser humano, pelo valor do ser humano. E que se houvesse respeito, eu podia me cuidar da saúde e eu estar a trabalhar. (pausa) Mas como não há respeito pelo ser humano, não há valores, as pessoas chegam assim. Também há aquelas pessoas que querem os subsídios, não sei que, para não trabalhar. Para estar, tipo, à borla, não é? Como se costuma dizer. Mas não é a minha situação. Porque se eu tivesse saúde, eu não queria estar assim. Ninguém imagina o sofrimento que é, eu com esta idade estar assim há 13 anos. Em casa sem fazer nada. Se a sociedade hoje me está a dar, só tem a obrigação. Porque não contribuiu para eu poder servir a sociedade (pausa) com o meu trabalho.

E.: Entendi! A gente falou agora de passado, de presente. Você tem sonhos pro futuro?

F.: Tenho.

E.: Me fala um pouquinho deles.

F.: Mas, se Deus quiser, é assim, eu tenho um sonho e então é algo de muito. Eu quando vim pra Coimbra, algo que me despertou, destes jovens perdidos, porque eu também fui jovem, e tive um passado muito difícil, tive que ser eu, tive que ser eu a dizer: “Não! Basta! Tenho que ser eu a caminhar. Ninguém caminha por mim. Tenho que ser eu a decidir”. E tive que ter forças interiormente. E estes jovens, como me deu aquele click pra dizer: Não pode ser, tenho que mudar eu! Esses jovens não tiveram. Não tiveram alguém que lhe desse as mãos quando eles quisessem caminhar. Não tiveram a força suficiente. Eu tive a fé, tive a força Dele em mim que me fortaleceu. Mas estes jovens, uns tem religião, outros não tem, outros não creem em nada e não tiveram a mão suficiente que os ajudassem a ser felizes na vida. Porque felizes não é o curso, não é isso. É olhar pra si mesmo, e

amar-se a si mesmo e ser feliz. Saborear o que eu sou. As dificuldades, as tristezas. Mas (pausa) as coisas boas e as coisas más. E, e estes jovens interpelaram-me. E então este desejo de ser esta transparência, esta transparência lúcida de levar estes jovens, uma mão, um conforto e dizer: eu estou aqui. Tens aqui alguém em quem confiar e quem quer ajudar a ser feliz.

E.: Então um sonho é trabalhar com jovens?

F.: É trabalhar com jovens de rua, perdidos, pra que eles chegassem a ser felizes verdadeiramente.

E.: E conseguissem sair disso?

F.: Sim, sim, sim. E eu pensei no Instituto Secular, de forma a conseguir.

E.: Ter esse contato?

F.: Sim. E era, era o meu sonho. E eu sozinha não consigo porque só Deus pode concretizar isso. E eu estou doente, mas eu acredito que se Ele o quiser, Ele consegue. Por isso, estou nas mãos de Deus. Ele que que faça o que Ele quiser. Ele que me deu as capacidades, se Ele achar que é isso. Pra que nós conseguíssemos chegar a essa alma, eu não sei. Um dia de cada vez. É esse grande sonho.

E.: Queria agradecer você ter aberto sua casa e seu coração, sua vida pra mim. Eu vou encerrar oficialmente aqui.

APÊNDICE F

Transcrição Entrevista 3

Entrevistada (pseudônimo): ISABEL

Data da entrevista: 03/07/2023

Local da entrevista: Pátio FPCE (Universidade de Coimbra)

Duração da entrevista: 1h27min

Data de nascimento: 04/10/1967

Idade: 56 anos

Observações:

Como ela mora mais afastada do centro de Coimbra, marcamos a entrevista para o pátio da FPCEUC. Ela chegou com uma roupa descontraída. Possui diversas tatuagens pelo corpo. Mesmo possuindo um semblante sofrido, tem ar de uma mulher mais nova do que a sua idade real.

Condição de saúde/doença e desde quando (descobriu essa condição):

Sarcoidose e Tuberculose latente (desde 2017). O filho mais velho nasceu com atraso cognitivo, tem epilepsia e síndrome de asper. A mãe teve AVC em 2010 que paralisou 1 dos lados e desenvolveu síndrome de Parkinson.

ENTREVISTA:

Entrevistadora: Olá Isabel, vamos começar?

Isabel: Olá Fabiana!

E.: Me conta um pouquinho então da sua história de vida.

I.: Da minha história de vida? Bem, ora bem. Eu nasci em Coimbra. Tinha meses, não sei dizer quantos ao certo, fui pra Angola com meu pai. Eu tinha acabado de nascer há muito pouco tempo e meu pai, ele era pedreiro e então, naquela altura, há 55 anos atrás, havia concursos em Angola para polícia, pra GNR e para guarda Florestal, mas eram feitos lá. Então ele embarcou, foi. Os concursos eram lá feitos e depois eram selecionados quem é que ia para onde numa dessas 3 áreas. Então meu pai ficou na PSP que é a Polícia de Segurança Pública. Assim como a GNR – Guarda Nacional Republicana. E eu era ainda muito pequenina, aprendi a andar no barco. Porque meu pai foi e não sabia para onde ia. Se ele ficasse na guarda florestal, ia para as matas e era muito perigoso ainda na altura.

E.: E quem foi junto com ele?

Isabel: Com ele? Foram outros candidatos.

E.: Não, não. Digo da família

I.: Ah, da família? Ninguém. Ele foi sozinho com outros candidatos.

E.: Ah você não foi?

I.: Não. Nós não fomos. Ficamos cá. Porque ele não sabia para onde ia.

Porque se ele fosse escolhido para a guarda florestal, era muito perigoso ter a família lá junto dele no meio das matas. Porque haviam aqueles grupos, como hoje ainda há, que atacam, e que matam e enfim. E então ele foi selecionado para a PSP e quando ele teve uma convocação, mandou nos chamar pra junto dele. Por

isso é que eu aprendi a andar no barco. Foram 15 dias de mar. Aprendi a andar no barco.

E.: Entre a ida dele e a ida de vocês, você tem ideia mais ou menos de quanto tempo?

I.: Não. Não tenho ideia de quanto. Nem mais ou menos.

E.: Nem da sua mãe ter contado.

I.: Não tenho assim, ideia nenhuma.

E.: Aí foi a família toda?

I.: Aí fui eu e a minha mãe. Porque eu sou a filha mais velha. Chegando lá a minha mãe engravida novamente.

E.: Já era o segundo?

I.: Sim o segundo. Nasce o meu irmão. Então quando ele nasceu eu tinha dois anos menos um mês. Ele nasceu em setembro e eu fiz os dois anos em outubro. Viemos pra cá, ainda não tinha seis anos. Foi antes do 25 de abril porque ao fim de 5 anos ele tinha direito a um ano de licença sem vencimento, cá. Era chamada metrópole. Portugal era chamada a metrópole. Nós viemos todos, os quatro, e o meu pai voltou novamente sozinho.

E.: Depois de um ano?

I.: Sim. Fez cá um ano e voltou novamente sozinho porque ele não sabia onde é que ia ser colocado. A mesma situação.

E.: Volta na estaca zero?

I.: A ser colocado. Disse: quando eu souber pra onde vou, vocês vão ter comigo. Já não fomos. Porque ele embarcou em fevereiro, em março começou se ouvir logo uma independência e não sei que, que se deu no 25 de abril. Independência de Angola que foi um grande desastre, que foi tudo muito à toa, mas nós já não regressamos. Ficamos cá.

E.: E ele voltou?

I.: Ele foi mas não esteve lá muito tempo. Para se vir embora por causa da miséria que estava a ver os colegas. E então, é assim.

E.: Aí então ele ficou só um pouquinho lá e já voltou pra cá, né?

I.: Porque começou a ver tanta miséria. E ele, se ficasse na Polícia, ainda tinha que continuar lá. E o que que ele fez: Pediu a demissão da polícia. E veio embora. Esteve 5 anos fora da polícia e depois regressou novamente. Tornou a concorrer e tornou a regressar. Estudei primeiramente na primária, na escola primária de São Martinho do Bispo. Depois fui pra Silva Gaio, na Guarda Inglesa.

E.: Pra onde?

I.: Pra Silva Gaio. Mas não era como está agora. Aquilo era uns pré fabricados, chovia lá dentro (rss) mas era engraçado. Tínhamos lá uma piscina ao lado, que agora é um ginásio. Essas coisas assim. E então andei na escola da primária, andei nos galinheiros Silva Gaio, era o ciclo. E depois fui...

E.: Ciclo que você fala...

I.: Ciclo preparatório. Porque antes era primeira classe, agora é primeira, segunda, terceira e quarta e o quinto e sexto. Antigamente não, era até a quarta classe, e depois era o primeiro ano e o segundo ano do ciclo preparatório. Depois fui para o Dom Duarte estive lá um ano e desisti de estudar, tinha uns 14 anos. Depois comecei novamente a estudar, fui para o liceu Dona Maria, tinha o ensino noturno.

E.: Aí com 14 anos você tinha parado no sexto?

I.: Sim, sim. Eu terminei o sexto, fiz um ano do sétimo, chumbei e já não quis continuar no Dom Duarte.

E.: No noturno?

I.: Não. No diurno. No diurno. Depois é que desisti. E depois, voltei dois anos depois, comecei novamente no sétimo porque não o tinha acabado. Tive que o fazer. Fiz o oitavo no Dona Maria.

E.: Tudo noturno, depois que voltou?

I.: Sim. Sim, tudo noturno. Ainda comecei no nono mas deixei-o. Por isso não conta.

E.: Que fez o primeiro ciclo?

I.: Não conta. É só o oitavo ano e eles nem sequer contam este oitavo ano. A frequência, eles só falam em frequência. Porque o ensino noturno também é diferente quando estava o curso completo, aquilo era um curso qualquer, que tinha um nome qualquer. Mas eram aulas normais, como de dia, praticamente. Mas só que eles só contavam o ano completo se fizessemos os 3 anos.

E.: O ter saído da escola tem algum fato em especial, assim?

I.: É não, é assim. Eu tenho um problema que só recentemente há 5 anos atrás eu soube que tinha. Os meus filhos todos tem. É dislexia. Para mim era uma inquietação. Tudo que era português, eu costumo dizer. E então o inglês nem se fala. Não consigo mesmo falar. Porque eu digo muitas vezes: que nem português, quando estou enervada, nem português em condições eu falo praticamente. Foi, era, era, eu chateava-me porque não eram as contas, não era as ciências, não era a matemática, não era a física. Era mesmo a parte de gramática, do português, pra mim era uma inquietação. Então ler e dar erros era uma desgraça. Pronto. E a dislexia fazia eu não ter interesse em, e perder o interesse em. Assim, não consigo acabar porque tem que escrever. Tudo o que é pra escrever, pra mim, é uma desgraça. Não ???? Não gosto mesmo. Há pessoas que gostam, que escrevem....

E.: Então esse foi um dos motivos de você não querer continuar os estudos?

I.: Não me despertava o interesse de estudar. Não me despertava absolutamente o interesse de estudar.

E.: E quando você parou de estudar, você foi trabalhar?

I.: Sim. Estive a trabalhar. Eu trabalhei numas estufas de hortícolas.

E.: Você estava com mais ou menos quantos anos?

I.: É assim, vou ser muito sincera. Os dois anos que não estudei meu pai me pôs de castigo. Andei a guardar ovelhas. Meu pai tinha um rebanho de ovelhas. Além

de polícia ele tinha rebanho de ovelhas que era uma coisa que ele tinha de novo. Ele sempre foi pastor. Porque meu pai era de Almeida. E desde pequenino andava com rebanho de ovelhas. Meus avós vieram pra baixo, meu avô trouxe as ovelhas e meu pai toda a vida andou com ovelhas. Aquilo era, é, parece que é uma doença. É uma doença que tem que ser alimentada (risos)

E.: E sempre foram vocês 4 ou depois teve mais irmãos?

I.: Eu tive, nós, veio o terceiro irmão. Tinha eu 17 anos. Tinha 17 anos e um mês quando ele nasceu.

E.: Foi nesse período das ovelhas? Ou não? Ah, você tinha voltada a estudar no período noturno.

I.: Sim, voltei a estudar. Não ele. Sim. Sim, mais ou menos. Eu voltei a estudar, mas eu depois larguei as ovelhas. A minha mãe pôs-me na costura, mas eu também. Agora faço costura criativa. Mas na altura. Porque sei fazer tudo, aprendi a fazer tudo: sei bordar, sei fazer tricô, sei fazer crochê, sei costurar, sei fazer tudo. Mas não sei porque, não, naquela altura não me entusiasmava muito a estar ali sentada com uma agulha a coser. Não. Aí a coisa pra mim, estar sentada pra mim, não! Tinha que ser qualquer coisa que eu pudesse andar. Sentada não. E então a minha tia que viu que eu não dava nada na costura. Porque eu estava ali sentada, era pra esquecer. Eu corria os bancos todos. Pediu aonde ela trabalhava, ela trabalhava no Alto São Joao, pediu à cabelereira que estava lá perto do serviço dela se eu podia ir pra lá. E assim foi. Estive lá. Estudava de noite, nesta altura já estudava de noite. Dos 16 aos 18 eu estive lá. Estudava de noite. Depois também perdi o interesse porque eu não fazia mais nada, ela não me deixava fazer nada. Lavar cabeças e por tintas. (Possa). Lavar cabeças e por tintas. Hoje eu sei, eu corto.

E.: Você ficou quanto tempo lá? Dos 16 aos 18?

I.: Foi. Foi o tempo que eu estive a estudar de noite. Depois começou o namoro e aí que a coisa descambou. Também estive a trabalhar numas estufas de hortícolas. Entretanto conheci o pai dos meus filhos, namoramos. Não chegou a dois anos. Entretanto fiquei grávida do mais velho, casamos. Estive a trabalhar.

E.: Aí por volta dos 18 anos então que você foi trabalhar lá. Dezenove que você foi trabalhar pras estufas?

I.: Sim. Dos 19 aos 21 anos estive um ano nas estufas. Estive um ano nas estufas. Depois tive ali um período que não estive a trabalhar. Ajudava os meus pais porque eles tinham terras. Ajudava meus pais, entretanto eu fui trabalhar pro Inú que agora é o Pingo Doce.

E.: Então Inú era um mercado?

I.: Sim. Era um hipermercado. Foi o primeiro que apareceu. Estive lá a trabalhar. Quando casei já lá estava a trabalhar. Mas, entretanto, nasceu meu filho. Como ainda não tinha feito os dois anos, e antigamente eles levavam, e agora fazem a mesma coisa. Até os 3 anos, e depois andavam ali e se punham as pessoas efetivas, se não punham. Eu ainda não tinha feito os dois anos que estava lá, quando foi para ter o meu filho, pronto, acabou o contrato e eles mandaram-me embora.

E.: Era contrato determinado?

I.: Era. Assinávamos contrato de 6 em 6 meses. Entretanto nasceu o meu filho mais velho que nasceu com uns montes de problemas. E eu estive bastante tempo sem trabalhar por causa dos problemas do Zé. Que era constantemente internamentos, idas às urgências. O Zé nasceu com uma fenda lábio-palatina completa. Não sei se sabes o que é?

E.: É por dentro?

I.: É completa. Fenda lábio palatina, fenda no lábio e pega o maxilar e o palato. É chamada fenda lábio palatina completa. Além disso ele tinha uma celiacquia. É intolerância ao glúten. Depois com o crescimento viu-se que o Zé tinha um atraso cognitivo. Aos 12 anos deu-se conta que ele é epilético e está a piorar na parte de epilepsia, à medida que vai crescendo, ele vai fazer 33 anos, e a situação dele, sempre que ele se enerva, sempre que ele se descontrola, tem ataques, coisas que antes não tinha. Tá a ficar um bocado descontrolado.

E.: E conseguiu melhorar isso?

I.: É assim: Zé Miguel teve várias cirurgias. Desde muito pequenino tinha um mês quando ele teve a primeira cirurgia que foi do lábio. Tinha um ano ele fez a cirurgia ao palato. Fizeram um enxerto ao palato pra tentar fechar. Tinha 7 a 8 anos ou mais, acho que já tinha mais de 8 anos. Agora não estou precisa de que idade ele tinha quando lhe fecharam o maxilar. Eles retiraram um bocadinho do osso da anca colocaram no maxilar e fecharam-lhe o maxilar. Agora daí pra cá é a reposição do arco do maxilar, que ele tinha o arco quadrado não era em arco. Ele há 4 anos que está com aparelho. Já está melhor.

E.: E isso fez você ter que dar muita atenção pra ele né?

I.: Sim. Alguma, alguma!

E.: Porque em termos de trabalho. Você não conseguia trabalhar e cuidar dele né?

I.: Sim. Ainda consegui. O pior foram os 3 primeiros anos. Os 3 primeiros anos de idade dele é que foi pior.

E.: Nesse tempo você não trabalhou?

I.: Eu trabalhei pouco. Eu trabalhava, fazia aqueles serviços esporádicos. Aparecia isto, aparecia aquilo. Uma pessoa, outra, conhecida, pedia isso, pedia aquilo.

E.: E você teve mais filhos depois?

I.: Sim. O Zé ainda não tinha 3 anos nasceu o Carlos, sem qualquer problema. Depois nasceu o Diogo, com a mesma diferença que eu tinha do meu irmão mais novo, 17 anos e um mês. Porque eu era madrinha do Daniel, que era meu irmão mais novo. E o Daniel foi padrinho do Diogo. E eu estou a falar era, e foi porque o Daniel deixou-nos aos 27 anos. O Daniel ingressou muito pequenino no colégio militar e depois seguiu a academia militar e ele (suspiro) tinha 27 anos quando fez a primeira missão dele que foi a penúltima missão que fizeram em Timor. Depois da independência de Timor, nossa, tanto a parte militar como a parte da GNR estiveram em Timor para ajudar em treinamentos e outras situações porque ainda havia alguns focos de guerrilhas, para que a independência de Timor corresse tudo bem e o Daniel foi na penúltima missão bravo. Foi, mas já não veio, infelizmente. (pausou fala um instante). Também foi uma altura muito difícil, com a morte dele.

E.: Você lembra quantos anos você tinha quando aconteceu isso?

I.: Quandoeu tinha 44 anos quando ele partiu. Foi um bocado difícil, na altura.

E.: E você já tinha os 3 filhos, né?

I.: Já. Já tinha os 3. E os 3, todos eles têm problemas de dislexia. José é um caso à parte. Só ele é que nasceu com aqueles problemas todos. Todos tinham dislexia e sempre tiveram apoio. E eu só há 5 anos é que soube que sou disléxica. Hoje compreenderam porque de eu não dar nada na escola. Porque é assim, a gente pode saber matemática, pode saber ciências, pode saber disso, pode saber daquilo, mas o português é o principal. Se não sabes português, não sabes nada. E a gramática e aquela coisa toda era uma desgraça. Entretanto, no meio disso tudo, nestes anos todos, além de São Martinho do Bispo, vivíamos em Angola. Agora não sei quais são os nomes que estas cidades têm, mas antigamente estivemos no Lobito, Nova Lisboa, Luanda, que era a capital.

E.: Isso tudo, mas isso foi com seus pais?

I.: Sim. Em pequena.

E.: Depois quando você casou, você morou pra que lado?

I.: Fiquei aqui na Espadaneira, fiquei em casa dos meus pais. E quando regressamos, viemos viver pra casa dos meus avós, paternos, que era em Monte Sião, que pertence a São Martinho do Bispo, à freguesia de São Martinho do Bispo. Depois os meus avós maternos, moravam na Espadaneira.

E.: Espadaneira também é Coimbra?

I.: Também pertence à freguesia de São Martinho do Bispo. São Martinho do Bispo é uma das maiores freguesias de Coimbra. É uma das maiores. E então os meus pais compraram a casa onde viviam os meus avós e aí construíram a nossa casa atual. Foi construída pra nós.

E.: E você desde que casou ...

I.: Sempre vivi com meus os meus pais e continuo com os meus pais. Mesmo depois de divorciada. Ele foi à vida dele, foi pra terra dele que é Ribeira dos Frades que hoje já pertence a São Martinho do Bispo também.

E.: E foi que ano, mais ou menos, que vocês se separam?

I.: Foi 2001. Foi no ano que o Diogo nasceu.

E.: Do terceiro. No ano do terceiro!

I.: Porque quando eu me separei, não sabia que eu estava grávida do Diogo. Diogo já nasceu, já eu estava divorciada. Eu continuei ali, mas, entretanto, houve ali um espaço entre 2008 e 2010. De março de 2008 a janeiro de 2010, foi quando deu o AVC à minha mãe, eu estive na Holanda.

E.: 2008 a 2010, mais ou menos?

I.: Não cheguei a fazer os dois anos. Não cheguei a fazer os dois anos. Fazia dois anos no dia 20 de março, que eu parti.

E.: Você estava com os 3 filhos pra lá?

I.: Não. Não. Eles ficaram.

E.: Estava sozinha?

I.: Sim. Porque na Holanda não é permitido crianças em casas comunitárias. E eu ia pra uma casa comunitária. Pra uma casa que era do patrão, onde havia outras pessoas.

E.: E aí a ideia era você.

I.: O que eles chamam casas comunitárias são várias pessoas, são algumas pessoas que não pertencem à mesma família. Isso é considerada uma casa comunitária.

E.: E você foi lá para?

I.: É, pra tentar arranjar uma vida um bocadinho melhor. Agora, hoje, eu digo assim: Prontos, há um propósito pra tudo.

E.: E você conseguia mandar dinheiro de lá pra cá?

I.: Sim, sim, sim, sim. Ganhava-se muito bem. Ganhava-se muito bem. Ganhava-se lá mais, eu ganhava lá mais em 15 dias do que cá é atualmente o ordenado mínimo nacional. Também fazia muitas horas. Não tinha ninguém então era fazer horas. Fazia-se muita hora. Mas é assim: não pela lei.

E.: Era que tipo de trabalho?

I.: Ora bem. Meu patrão trabalhava com fábricas de escolha de cebola, escolha de batata, com queijo e mexilhão.

E.: Então ia gente de tudo que é lado e eles iam colocando nos trabalhos que tinham lá?

I.: Eles tinham as fábricas do mexilhão e das ostras. As fábricas. Eles lá falam em fábricas. E são fábricas, são grandes fábricas. Onde entra o mexilhão e a gente tem que o escolher, o que está bom, o não está bom. Tem que escolher que é pra depois ir pra embalar, os mexilhões e as ostras. Havia as fábricas de cebola. Muitas das vezes éramos gozados que eles vinham aqui comprar a cebola para embalar lá e pra tornar a vender cá. Que é um espetáculo. Eles gozavam mesmo conosco na passadeira. E tínhamos as tais fábricas das batatas, onde escolhíamos as batatas. As batatas, pronto, as batatas vinham no grosso, elas eram apanhadas, vinham no grosso, vinham no grosso e a gente tinha que tirar tudo que era pedra, tínhamos que tirar pra fora, ou batatas que estivessem podres, estragadas, tínhamos que tirar pra fora. E era a fábrica do queijo, aquele queijo que a gente aqui compra, que toda a gente lhe chama o queijo gouda, que não é gouda, é Rouda. Porque os holandeses liam R por G. E toda a gente lhe chama queijo Gouda, mas não é Gouda, é Rouda. Porque é o nome da terra onde ele é fabricado. É perto de Amsterdão. Tem, eles têm duas fábricas. Tem uma em Rouda mesmo e tem outra e Rein. Cheguei lá a trabalhar. Outra coisa que eu lá, uma das vezes
....

E.: Que língua falava lá?

I.: Eu falava português. Falava português porque é assim: O patrão levava-nos as fábricas e apresentava-nos as fábricas. E trabalhava um pouco ali conosco a explicar o que era pra fazer e o que não era pra fazer. E depois também vinham

aqueles portugueses que também falavam mais fluentemente o inglês, que se orientavam com eles e explicavam a nós. Mas sempre que íamos para um sítio novo o patrão acompanhava aqueles funcionários e explicava o que é que ia fazer e o que não ia fazer.

E.: Você falou que em 2008 mais ou menos você estava com.

I.: Ah, antes disso também trabalhei no hospital novo. Eu cheguei, eu trabalhei no hospital novo como auxiliar à ação médica. Então foi no período. Isto é estou a falar nos sítios onde vivi. Na Holanda eu vivi em Rersinque, que era uma localidade que ficava a cidade mais próxima era Hosho e aquilo era na zona, a Holanda está dividida por províncias, era na província de Zeeland. Depois voltei. E antes de ir para Holanda eu estive a trabalhar no hospital Novo. Ainda lá trabalhei uns anitos. Ainda lá trabalhei uns anos. Ora bem, 2008. Eu agora não estou precisa, mas trabalhei lá acho que 13 anos. Comecei primeiro a trabalhar na limpeza, depois comecei a trabalhar em recibo verde, no hospital, cheguei a entrar no quadro, mas eu não me entendia com o hospital. Hospital pra mim, não. Não me entendia porque é assim: eu sou uma pessoa que é muito reta e muito justa e há coisas que eu não suporto. Uma chefe dizer pra mim que eu que não posso estar a auxiliar uma pessoa que precisa de uma indicação, porque não é o meu local de trabalho. Mas se eu ia a passar e se alguém que me pergunta alguma coisa, e mais a mais isso acontece, ainda hoje acontece. Não era só daquela altura. Ainda hoje acontece. Os idosos não têm praticamente apoio nenhum. Vê-se ainda hoje muito idoso sozinho, que é largado ali na porta do hospital. Não tem noção. Eu sei porque infelizmente frequento muito hospital por causa do meu filho mais velho, né?

E.: E aí eles acabavam perguntando pra você?

I.: E muitas vezes eu auxiliava a dar indicação, a colocá-los no elevador, no piso pra onde é que eles iam, onde é que haviam de sair. E fui apanhada algumas vezes e era, e tinha sanções por estar a auxiliar. Mas não é da minha coisa eu dizer: olha é prali, e não sei que, olha, não posso, olha, não sei, como tinha colegas minhas que faziam:- Ah isso é pro lado das consultas – Ah, eu não trabalho praí. Era incapaz de fazer isso! É claro que meu serviço estava em falta, não é? É verdade que se diga. Era ali um bocado 5 ou 10 minutos, que às vezes, 5 a 10 minutos pode não ser nada, mas para um serviço pode ser muita coisa. Ficava um bocado em falta. Atenção: que eu sempre repus o meu tempo. O meu horário era sair às 4, mas se fosse preciso ficar até as 5 pra acabar o meu trabalho porque estive ali um bocado porque auxiliei o A, o B ou C pra ir aqui ou pra ir acolá levar alguém que tivesse necessidade, sempre o fiz. Sempre dei o meu tempo, ou o tempo deles. Mas como eu não me entendi lá no hospital, aquilo não era pra mim. Sou uma pessoa muito emotiva, sofro muito com o problema dos outros. Se não dava pra mim, não dava e não dava e acabou-se. Vim-me embora e foi quando eu fui pra Holanda. Da Holanda vim porque deu AVC à minha mãe. Como ela, ela que tinha ficado com meus filhos. E agora falando na questão da Holanda.

E.: E o seu pai ainda era vivo?

I.: Era. Mas meu pai, quando eu fui pra Holanda meu pai ainda estava com a minha mãe. Mas enquanto eu lá estive, ele separou-se da minha mãe. Uma amiga enfiou-se ali em casa e conseguiu. Uma amiga entre aspas. E por esse, e não só. Porque é assim: Eu quando fui pra Holanda, ao contrário do que muita gente disse, eu não abandonei os meus filhos. Eu deixei os meus filhos entregues aos meus pais.

Quando eles ficaram sem a proteção, não é? Porque o meu pai tinha ido embora de casa, a minha mãe, tinha lhe dado um AVC.

E.: E o pai deles, aliás?

I.: O pai deles? O pai deles, hoje, está com o mais novo, porque o mais novo foi viver com ele. Mas foi, o Diogo foi, desde pequenino que ele dizia: que quando fosse grande ia viver com o pai, apesar do pai ter feito o que fez quando ele nasceu. Que não quis registrar, disse que não era filho dele. Teve azar desgraçado porque é o filho mais parecido com ele.

E.: Depois ele registrou, ou não?

I.: Não. Eu registrei no meu nome e ficou o nome dele. Eu registrei. É assim: Cá em Portugal quem faz o registro é o pai. E é que assina como é o filho tem o nome da mãe, tem aquela coisa toda, mas é o pai que assina. No caso do Diogo fui eu que assinei. Ficou lá o nome do pai. Então o pai, ficou o nome do pai mas ficou a minha assinatura.

E.: E não deu problema?

I.: Não. Não dá problemas porque é assim: nestes casos o pai tem 6 meses pra impugnar o registro.

E.: E ele não impugnou?

I.: Não. E teve um azar desgraçadinho porque o rapazinho é tal e qual o pai. Bruto, estúpido, tudo, tal e qual, tal e qual, tal e qual. Não teve nenhum, pronto! O Zé, O Carlos também saiu muito a parte da família do pai, alto, forte, largo, forte mas não é gordo. Não é forte. É bem constituído. O rapaz andou no remo e aquela coisa toda. Costumo dizer: qualquer dia tens tanto de altura como tens de largura. Esteve na tropa e essa coisa toda ajuda. Mas aquele é tal e qual, tal e qual o pai, pra arranjar confusão, é tal e qual o pai. Teve muito azar na vida dele nesse aspecto.

E.: Eu perguntei pra você porque falaram né, você foi pra Holanda, mas ...

I.: Eu já estava divorciada. Ele era pequenino, mas o pai ia busca-los de vez em quando, passava o fim de semana e coisa. Mas o Zé derivada a situação dele e aos problemas dele e muito coiso.

E.: Tinha que ter mais cuidado?

I.: Não é o ser cuidado. O Zé é muito odiento.

E.: Muito o que?

I.: Odiento. Ele, quem lhe faz, ele nunca mais consegue (esquece). Não consegue. Mesmo com o pai. Há muita coisa que ele olha pro pai de lado e ele não queria ir com o pai. Os outros dois iam com o pai, passavam com o pai, estavam com o pai, mas muitas das vezes o pai quase que era obrigado a ir busca-los.

E.: A sua mãe teve o AVC que foi 2010?

I.: Sim, foi dia 19.01.2010.

E.: E aí foi quando você voltou?

I.: Sim, foi quando em vim. Porque meu irmão telefonou-me. Daniel telefonou-me e disse-me: - Olha a mãe teve um AVC. Como é que é dos meninos? Mesmo pra ir busca-los ao fim de semana era uma inquietação. Como é que era dos meninos?

Eu disse: Não te preocupes, amanhã eu to aí. E assim foi. Porque eu nunca abandonei. Ao contrário de muita gente dizer e há situações que as pessoas têm que ver e hoje em dia há pessoas que criticam mães que põem os filhos em lares, em instituições e não sei que. Mas mesmo antes falar, temos que ver. Às vezes uma mãe. Há mães e mães. Mas às vezes uma mãe deixa o filho em instituições em caso de desespero. Não é por abandono. Nem sempre uma mãe deixa um filho em instituição por abandono, mas para o bem da criança porque não tem o que comer, não tem nada.

E.: Me lembra uma coisa, era você e seu irmão, ou tinha mais alguém? Não me lembro?

I.: Era eu e os meus irmãos. Era assim: o Daniel também vivia lá em casa. O Rogério não. O Rogério foi lá pra casa...

E.: Então é você e dois irmãos?

I.: Sim, sou eu e éramos mais dois. Agora somos eu e outro. Éramos mais dois. Agora é eu e outro, somos dois.

E.: Quando a sua mãe teve o AVC só tinha você e seu irmão?

I.: E tinha o outro. Tinha o Daniel, quando ela tinha o AVC, pois. O Daniel partiu em 2012. E ela, deu-lhe o AVC, o Daniel tinha 25 anos na altura. Dois anos depois é que ele partiu.

E.: Aí você voltou pra reassumir as crianças e também assumir a mãe?

I.: Exatamente. Fui fazendo também uns trabalhitos. Trabalhei numa firma apenas fazia 4 horas numa firma de limpeza. Fazia apenas 4 horas e depois quando vinham as férias entre o mês de julho, agosto e setembro, eu fazia mais horitas.

E.: Quando a sua mãe teve AVC ela já era reformada?

I.: Já. Minha mãe já era reformada quando ela teve o AVC. Porque minha mãe neste momento está com setenta, ora bem, acho que ela vai fazer 79. Acho que ela faz 79, agora em agosto. Não. É? Não sei se é setenta e oito ou se é setenta e nove. E ela nessa altura já estava reformada. Minha mãe trabalhou na CP – Caminhos de Ferro Portugueses. Ela era guarda de passagem de nível. E ela quando deu o AVC já estava reformada. Já estava reformada. Porque isto, o AVC dela foi há 13 anos, em 2010. E ela já teria 66 anos e já estava reformada. Já estava reformada. Assim como meu pai também já estava reformado da polícia. Já estava reformado da polícia. E o percurso de vida de lá, de 2010 pra cá, faço umas horitas, tive 5 anos numa firma de limpeza, mas derivado os meus problemas de saúde também tive que sair. Porque tenho, tinha muitas dores nas articulações, nas mãos. Eu sei que tenho uma sarcoidose não declarada.

E.: Como chama?

I.: Sarcoidose. Uma doença auto imune.

E.: Não declarada você fala porque os médicos....

I.: Não declarada porque ainda não, porque é assim: ela é não declarada porque ainda não se instalou, e ainda bem, num local. Porque a sarcoidose ela faz pequenos, como vou dizer? É uma espécie de ferida. Ela destrói os tecidos, os tecidos moles. E o local onde ela se instala com mais frequência é nos pulmões.

Porque quando ela se instala nos pulmões, então, aí acabou-se. As pessoas. Conheço algumas pessoas que tem oxigênio, vivem com oxigênio atrás, por causa disso. Faz pequenas úlceras nos tecidos moles. Pode atacar os pulmões. Onde ela ataca mais frequentemente é os pulmões.

E.: E já desde quando você.

I.: Isto já está diagnosticado, o estudo, eu já há cinco anos que estou em estudo. Tá declarada, tá declarada por causa da SACE. A SACE é uma análise. Porque de vez em quando eu tenho a SACE muito alta.

E.: Tem o que?

I.: A SACE. SACE é o nome de uma análise que eles fazem. Tenho o nome mas eu não. Tem um nome específico que eu não sei. Quando ela está muito alta, então, prontos!

E.: Diagnosticado já está mais ou menos há 5 anos então?

I.: O estudo começou há 5 anos. Há 3 anos é que eles me disseram: Isso é uma sarcoidose derivada das feridas da SACE.

E.: Sarcoidose?

I.: Sim. Sarcoidose. Depois tem também a... porque eles já não sabem o que é, Porque já fiz uma biopsia hepática e não dá nada. Fiz uma ressonância às vias biliares e também não dá nada. Porque eu faço, eu faço picos de hepatites. As transaminases sobem de vez em quando elas sobem mais do que qualquer normal.

E.: E quando acontece isso assim com a sua saúde, tudo o que você faz ...

I.: Tem que ficar pra trás. Meu fígado é muito malandro. Eu faço muitas intoxicações medicamentosas. Porque o meu fígado não aguenta alguns medicamentos. Por exemplo: eu tenho uma tuberculose latente, e pela convenção europeia da saúde nós somos obrigados a fazer 3 meses de prevenção, 3 meses de tratamento de prevenção. Porque é assim: É mais fácil apanharem tuberculose do que eu. Mas o meu bacilo também pode acordar de um momento pro outro. Porque é assim: é mais fácil porque? Porque eu como tenho bacilos, já tenho anticorpos, já tenho anticorpos. E quando uma pessoa que não tem, quando ela ataca, ataca e acabou. Como eu já tenho anti-corpos não é? Eles já vão logo ali no princípio, mas a convenção europeia da saúde obriga-nos a nós, fazermos tratamento de prevenção de 3 meses. O meu fígado só aguenta um mês. Ao fim de um mês de tratamento eu fui parar ao hospital com 980. As transaminases com 980. Foi uma intoxicação medicamentosa. O fígado incha. Por acaso tive sorte. Quando não me senti bem fui logo ao hospital. Não fui bem tratada no hospital. Porque é assim: nós somos tuberculosos latentes o que quer dizer que o nosso bacilo está a dormir. Não pegamos nada a ninguém. Nem que a gente se corte nem que a gente espirre pra cima de alguém. Não pegamos nada a ninguém. Mas fui muito mal tratada. Eu estive desde as 11 horas da manhã até as 9 horas da noite num canto, com mascara, sem água, sem comida, sem absolutamente nada. Se não aparecesse aquele médico, que por acaso era o chefe de serviço da urgência, que disse: - O eu que esta rapariga está aqui a fazer? Então ela tem as transaminases como tem, tá sem água, está sem comer, está sem nada? Fogo. Puseram-me logo no soro e depois houve uma enfermeira, que durante a noite, enquanto eu não tive vaga, porque já não vinha a casa, meu carro ficou estacionado no parque das urgências.

Meu carro esteve lá uma semana estacionado. Porque eu fui sozinha pro hospital, teve lá 1 semana estacionado. Eu fui sozinha para o hospital. Durante a noite a enfermeira perguntou: - Então você não bebe água? Eu disse: - Eu bebo! – Então porque o doutor. Ai não, foi na segunda noite. Porque eu não tinha vaga. E eu estive duas noites no internamento das urgências, na sala de, como é que eles a chamam? Sala de. (respiro profundo) Aquela sala onde as pessoas que tão piores vão. Aquilo tem um nome. Agora já não me lembro. Eu estive lá duas noites. À segunda noite a enfermeira tava muito chateada porque é que eu tinha que estar ao soro?

E.: Porque tinha o que?

I.: Tinha que estar a soro. Porque ela provavelmente queria dormir de noite e ela tinha que me mudar o soro, não é? Por isso é que eu digo: Há muita enfermeira que vai lá pra fora e as pessoas acham que os enfermeiros, dizem. Isto também é uma exceção. Eu infelizmente tenho tido azar, mas é mesmo assim. Assim como com as assistentes sociais. Também tenho tido um azar.

E.: Por falar nisso, como você chegou na associação? Qual foi o contato?

I.: A associação não foi por ajuda de assistentes sociais. Por isso é que digo que até nisso eu tive azar.

E.: Mas você chegou na assistência social então?

I.: Cheguei. Cheguei. Cheguei! E é assim: A minha mãe, não é uma fortuna, mas quem faz as leis acha que sim. Que é uma fortuna que ela ganha. Que é uma fortuna que ela ganha. Porque ela ganha acima do ordenado mínimo nacional. Mesmo a reforma dela é acima do ordenado mínimo nacional. E então as senhoras da assistência social faziam umas contas. Não sei que contas é que usam pra fazer que ainda me sobrava 100 euros. Que elas fazem as contas e aquilo dava 100 euros a cada um na altura. Era eu, os meus 3 filhos e ela, éramos 5. E ainda me sobravam 100 euros.

E.: Então você chegou a pedir ajudar para a Assistência?

I.: Sim. Eu pedi ajuda pra assistência, né?. Porque eu quando vim da Holanda ainda tinha os miúdos na escola. O Zé com problemas, né? Depois conseguimos metelo na APPACDM onde ele tirou o curso, esteve lá 3 anos, tirou o curso de auxiliar de cozinha, mas ainda tinha o Carlos e o Diogo na escola. E elas disseram que eu não tinha direito porque nos primeiros dois anos que minha mãe, o após o AVC, os dois primeiros anos ela tinha um medicamento que ela tomava todos os meses. Tomava 3 vezes por dia e aquilo dava-me aí pra 25 dias, mais coisa, menos coisa. E só este medicamento, só a parte dela, custava 45 euros, já naquela altura eram umas gotas que ela punha na água.

E.: Mas era 45 por mês?

I.: 45 por lá está...dava pra 25 dias. Nem chegava a um mês, ele nem dava pra um mês. Eu sei que nos dois primeiros anos que a minha mãe teve o AVC. Após o AVC eu gastava, sem estar a exagerar, eu gastava só pra ela entre 80 a 125 euros. Porque era assim: ela tinha medicamentos que davam pra mais de um mês. Tinha aquele que era caríssimo que dava pra menos de um mês....

E.: Você falou que foi todo um lado né, que parou?

I.: Sim. Ela tá semi-paralizada do lado direito. Ela aprendeu a comer. Atenção: que ela de cabeça está melhor do que eu. Ela de cabeça está melhor do que eu. Mas daquele lado ela ficou com síndrome de Parkinson, tem aquele tremor, do lado direito.

E.: Mas do lado que teve o AVC, então?

I.: Sim, porque é assim, o AVC apanhou-lhe a parte esquerda que faz reflexo com a parte direita. A parte direita é que ficou paralizada. Ela nem sequer come com a direita, como treme. Mas ela come à esquerda, ela habituou-se a comer à esquerda. Assim como já assina à esquerda. Muita letra, muito tremida mas sempre fizemos força para ela fazer o nome dela. Porque houve uma altura, houve uma altura que ela só queria por o dedo. Mas acho que só o dedo qualquer pessoa chega ali e mete-lhe o dedo e ela não sabe o que é que está. Assim ela tem aquela noção de ler o que é que está a assinar. E eu tento mais ou menos sempre estar, quando é preciso até, quando é da parte do meu irmão, quando é preciso assinar alguma coisa, eu tento sempre estar por ali, porque também é uma pessoa que não é muito confiável, mas prontos! Isso é outra situação à parte. É outra história.

E.: Ai foi nesse momento que você foi pedir ajuda e falaram que você já recebia o suficiente. Você lembra mais ou menos em torno de quanto era? Que eles falaram que pra cinco pessoas era suficiente?

I.: Eram 500 euros. Eram 100 euros pra cada pessoa. 100 euros dá pra cada pessoa. Mas atenção: 100 euros da pra cada pessoa, mediante certas situações, não é? Eu na altura.

E.: Mas considerando as questões de saúde junto....

I.: Exatamente. Bastava o meu filho mais velho, tinha problemas de saúde. Atenção: o meu mais novo também teve problemas de saúde. Era um pouco diferente, mas também teve. Assim como o do meio também. O do meio, ele tinha, ele tem bronquite asmática.

E.: Você recebia suporte financeiro do seu ex marido?

I.: Do meu ex marido recebia 100 euros para os três filhos. Pronto, pelas contas delas eu até ficava com 200 euros. Eram os 600 euros, na altura, que a minha mãe recebia, que a minha mãe recebia e era mais os 100 euros que ele dava para os filhos. Que atenção: a partir do momento que o Carlos foi maior e deixou de estudar, que ele fez o 12º ano ele cortou-me logo. Ficou a dar só 50 euros para o mais novo.

E.: E o que precisava de cuidados, que é o Zé?

I.: Esse foi logo. Esse foi o primeiro a por logo à parte. Eu quando fui pra Holanda ele já não dava. Porque, é assim, ele ficou a dar 100 euros para os dois filhos mais velhos.

E.: Mais novos.

I.: Mais velhos. Porque ele durante muitos anos, durante 7 anos não deu nada ao Diogo. Ele não deu nada ao Diogo. Quando o Zé fez os 18 anos ele cortou o Zé e continua a dar os 100 euros, mas era, foi ao tribunal, mas era para o Diogo.

E.: Mas ele só pagou porque você foi ao tribunal?

I.: Sim. Eu tive que ir ao tribunal porque quando eu fui pra Holanda, quando eu fui pra Holanda eu tive que passar uma procuração à minha mãe por causa dos garotos. Por causa da escola e não sei quê. Ela ficou como tutora deles. Essa procuração tem que ser dada pelo tribunal de menores porque não é uma procuração normal. Ela ficou mesmo tutora responsável por eles. Principalmente pelos dois mais novos. O Zé, pelo Carlos e pelo Diogo. E foi nessa altura que ele disse que deixava de dar ao Diogo porque já não estava na escola, porque já era maior, e começou a dar ao Diogo. Porque o Zé, quando ele ia fazer. Porque é assim, eu quando fui para Holanda em março, eu quando fui para Holanda não tratei nada disso. Como a minha mãe tinha que mandar as cartas, e eu depois tinha que mandar assinar determinadas coisas, e era muito complicado, eu vim em janeiro do ano a seguir, vim a janeiro, cá, ao tribunal, para tratar dessa situação. Nessa altura o Zé já era maior. E ele disse logo ao juiz. Apesar do Zé ainda estudar, o Zé tinha que ser ele a requerer ao pai. Cá é assim. A partir do momento que são maiores, o pai se quiser cortar, corta. Imediatamente, mesmo que esteja a estudar....

E.: E mesmo que tenha problemas de saúde?

I.: Exato. O próprio, o próprio é que depois tem que recorrer ao tribunal para receber ajuda do pai. Do pai, da mãe, pronto. Eu, na altura, então fiquei estipulado eu mandava 200 euros à minha mãe e ele continuava a dar os 100 euros. Porque eu como tinha um ordenado superior, fiquei a dar a mais. Porque ele disse: Se me obrigarem a dar mais, eu largo o trabalho e assim não dou nada. Há pais assim. Infelizmente, há pais assim. E então assim ficou. Como estávamos a falar, todas as ajudas quando eu vim, porque eu vim sem trabalho, sem nada. E eu cá poderia requerer, trazer o papelinho do meu outro patrão de lá e ir ao desemprego. Só que o meu o patrão de lá nem queria que eu viesse, ele disse-me logo que não, não me passava papel nenhum porque ele não me estava a despedir. Porque depois é assim, ele para me passar um papel pra cá, tinha que justificar lá o porque que me estava a despedir. Porque lá a situação é um bocado mais complicada. Aqui despede-se por qualquer motivo. Vai-te embora e acabou. Vai-te embora. Lá não. Porque lá também é uma situação diferente. Porque é uma firma de trabalho temporário. Mandam vir de cá pra lá. Ele tem que justificar o porque pediu o pessoal assim como tem que justificar o porque que está a mandar o pessoal embora.

E.: E aí você não conseguiu seguro desemprego?

I.: Eu não consegui o desemprego.

E.: Não conseguiu o apoio social.

I.: Não consegui apoio nenhum social.

E.: E nesse momento você já estava ajudando a cuidar da sua mãe. E já existia a lei?

I.: Não. E lei foi relativamente a pouco tempo. A lei que saiu a pouco tempo. Que não tenho muito ajuda 'porque ela recebe mais que o ordenado mínimo nacional'. A mim estão a me dar 105 euros. Dão-me 105 euros que vem juntamente, porque é assim, eu ainda não fui saber bem se estes 105 euros. (tocou o telemóvel dela e interrompemos um instante a gravação para que ela desligasse). Aí eles como não têm o espectro, pronto, o síndrome. O síndrome é algo que se enquadra, mas não é.

E.: E aí o José tem a síndrome de Aspengher.

I.: Em princípio terá. Mas na altura em que ele foi diagnosticado, nem sequer se falava nisso. Ou era autista ou não era autista. Agora já há esses, tem o espectro de, mas nem todos os pontos são como dos autistas, não é? Mas tem aqueles aspectos, não, olha de lado para as pessoas, são desconfiados. Por isso é que ele tem aquela, todas as pessoas que lhe façam alguma coisa pra ele, acabou. Ele já mesmo, aquelas pessoas, não sei se o Zé já via, ele olha assim para as pessoas (mostrando olhar de rabo de olho), não olha no centro do olho.

E.: Abaixa a cabeça e olha de canto de olho, né?

I.: A gente diz: com olhos de carneiro mal morto. Aquela expressão de quando a gente olha assim de lado pras pessoas, se chegar aqui, não fala para as pessoas.

E.: Você falou que o Diogo ele foi morar com o pai?

I.: Mas foi uma coisa que desde pequenininho ele disse que quando fosse grande que ele não me queria dar trabalho.

E.: Os dois moram com você?

I.: Os mais velhos estão comigo. Falando na questão de ajuda.

E.: Ah, é verdade.

I.: Nunca tive ajuda. Nunca, nunca, nunca.

E.: Desde quando que você recebe por ser cuidadora da sua mãe?

I.: Desde que eu comecei, que eu deixei de. A minha mãe ela está a receber estes 105 euros que como eu disse, eu não tenho certeza se estes 105 euros é por eu ser cuidadora porque vem na reforma dela. Que eu ainda tenho que tratar disso a sério. Mas é só que, há dois anos pra cá (2020), há dois anos pra cá que eu recebo. Sempre pedi ajudas. Na altura que eu estive mesmo aflita foi quando então eu resolvi começar a trabalhar. Fazia só aquelas horitas. De manhã tratava dela, não sei que, dava-lhe o almocito e depois ia fazer aquelas 4 horitas. O mês de agosto era um bocadito mais apertado. Mas o Zé, apesar dos problemas dele todos, ele sabe muito bem cozinhar e essa coisa toda. Fazia e então eu tinha o horário todo completo no mês de agosto. O mês de agosto pra mim era muito bom porque eu recebia 100% e até mais. Fazia muito mais horas até do que o horário normal. Fazia férias, um bocado aqui.

E.: Com o que você trabalhava?

I.: Trabalhava na Sanisic uma firma de limpeza. Depois disso quando eu comecei com os problemas de saúde, tive que deixar porque tinha muitas dores nos pulsos. Muitas dores em tudo que era articulações, pra mim era um.

E.: Que foi mais ou menos em?

I.: Foi há quatro anos atrás. Até uns 3,4 anos atrás que eu deixei mesmo por completo de trabalhar. Mas continuo a trabalhar e muito. E então, há quatro anos atrás ou mais.

E.: Você também cultivava a terra né?

I.: Exato. Meu pai tinha terrenos. Porque ele diz que dar o dinheiro aos filhos não, porque eles gastavam. Assim ele comprou terras. E então tomo conta das terras.

Meu irmão toma conta da metade e eu tomo conta da outra metade. E eu, pela Associação.

E.: Como você encontrou eles?

I.: É assim, foi na Associação. A Associação não sei como é que se chamava. Não estou a falar na associação Minha Gente, estou a falar em outra. Que eu tive a fazer uns cursos. Fiz os cursos e foi aí que eu encontrei uma moça que era apoiada pela Associação e ela disse-me que ia falar, por causa de me ajudarem, na altura. De me ajudarem. Então ela falou, e eu em troca de dar algum apoio, como eu tinha carro, dar algum apoio como voluntária. Principalmente pra ir buscar os alimentos, também me ajudavam com alguma coisa. Pronto já assim ficou. Agora, a minha situação melhorou um pouco mais do apoio como voluntária.

E.: Aí não precisa mais do apoio da Associação?

I.: Isto é assim. A vida é um ciclo. Ou é uma roda. A gente anda sempre à volta. A gente nunca sabe quando é que amanhã não vai precisar outra vez.

E.: Nunca sabe quando está em cima ou quando está em baixo?

I.: Ela vai rodando, não é? Às vezes pode passar ali ao lado e mais e coisa, a coisa ultrapassa e nunca sabe quando é que a gente volta lá sempre no mesmo ponto. Porque hoje estamos bem. Eu já vi muito boa gente, com altos carros. Com carros, casas, motas e de uma hora pra outra ficaram sem nada.

E.: Tem uma coisa que, me lembra uma coisa: a primeira vez que você foi procurar o apoio então, foi quando você voltou da Holanda.

I.: 2010. Porque assim: eu estive na Holanda...

E.: Antes disso você não tinha procurado né?

I.: Não, porque é assim, apesar de eu não ganhar muito, eu tinha o apoio dos meus pais. O meu pai tinha uma boa reforma. Sempre teve uma boa reforma. Ué!! Mas aonde é que está? (estava procurando no telemóvel). Ah sério? Eu peço desculpas, mas queria ver em que ano é que andei a tirar os cursos.

E.: Mais ou menos 2019 foi quando você também foi procurar apoio dessa outra Associação para poder fazer cursos.

I.: É assim. Não fui procurar o apoio. Disseram-me assim: Vai lá te inscrever a fazer os cursos. Porque eu andava. Foi na altura que eu não andava muito bem.

E.: Em que sentido?

I.: Eu não andava muito bem psicologicamente, andava muito cansada. Não andava mesmo nada bem. Andava bastante cansada e disseram-me porque lá faziam a os cursos sempre. A gente vai conversando, vai dizendo umas coisas, conhece caras novas, e vai e pronto! E como era financiado, também ajudava um bocadinho as despesas da casa. Também ia ajudando um bocadinho. Agora não me lembro como é que se chamava. Não sei se era uma Associação, se.

E.: Mas me fala uma coisa: Se você não tivesse o apoio por exemplo dos pais, essas coisas, como que seria?

I.: Não faço a mínima ideia. Seria muito mal. Seria mesmo muito mal. Por isso é que hoje não falo porque há casos e casos, mas não falo quando eu ouço alguém dizer: O fulana foi meter os filhos na ...

E.: Em algum lar...

I.: Deu os filhos, ou pôs os filhos em alguma Instituição, e não sei quê. Eu não falo sem saber o porque. Muitas vezes há sempre um porque. Porque uma mãe que é boa mãe, uma mãe que é boa mãe não deixa os filhos sofrerem. E é muito, mas muito mal eu não. Porque eu também já tive que deixar os meus filhos. Quando fui pra Holanda foi pra ver se eu conseguia algo melhor para eles. E quando eu estava mesmo quase a conseguir um estatuto lá, eu tive que vir embora. Poder ter casa, poder chamar meus filhos pra o pé de mim, eu tive que vir embora. Por isso que eu digo: Há sempre ali qualquer coisa, não era pra lá ficar. Não era pra eles irem pra lá. Eu tive que viver aquela experiência, tive que conhecer outro estilo de vida, provavelmente, pronto! Não era! Mas quando eu estava quase e eu ter ido, foi pra isso mesmo. Porque há outros países que fecham os olhos. A Holanda não. A Holanda é até com os próprios holandeses. As holandesas quando ficam grávidas a Assistência social tá lá enfiada em casa. Elas têm que ter um quatinho só pro bebe, coisas só pro bebe. Porque se elas não tiverem, elas têm a criança e ficam sem ela. Eles não admitem crianças em casas comunitárias. Em casas comunitárias a gente não sabe quem é que lá está.

E.: Mas você falou que você teve que ir lá para? Por que? Pra ver esse outro estilo de vida né?

I.: Quando eu digo: Eu tive que ter ido lá. Pronto! Eu fui pra lá que era para ir trabalhar e provavelmente por lá ficar, pra chamar os meus filhos pra lá. Mas nós andamos aqui com um propósito, não é? Não somos nós que mandamos. Apesar de muita gente pensar que somos nós que mandamos, mas não somos nós que mandamos. Por isso que eu digo, eu tive que ir lá. Houve um propósito de eu lá ir estava escrito que eu tinha que lá ir e pronto! Não tinha que lá ficar. Mas tinha que lá ir. Provavelmente pra conhecer pessoas novas, pra conhecer outro estilo de vida, não sei!

E.: E me conta uma coisa: em termos de futuro. O que que você tem de sonhos, de projetos?

I.: Não tenho. Não tenho. É assim, não tenho. Não tenho há 12 anos. Porque. Por este motivo. O Daniel (irmão mais novo) ia casar, foi ao Timor buscar dinheiro pra entrada do apartamento dele e iriam casar no fim daquele ano. Eram um casal novo, como mil e um projetos. Tinha acabado de comprar uma carrinha que era. Comprou uma carrinha que era já pra ficar pra família que ele iria constituir. O Daniel partiu (morreu) e não tenho (sonhos, projetos). Vivo um dia de cada vez. Tento ter um objetivo, tentar alcançar aquele objetivo. Se conseguir, consigo, se não conseguir. Não estou praí virada. É um dia de cada vez. Que aquilo que eu tenho, Que aquilo que Deus me apresenta todos os dias, nunca na minha vida me passou pela cabeça fazer voluntariado. Nem de perto nem de longe. Sério. Nem de perto nem de longe. E agora eu vou. Vou fazer a recolha.

E.: Faz tempo que você é voluntária?

I.: Sim, sim, há algum tempo. Há 2 anos, praí. Há 2 anos, praí. Dois, três anos, já nem me lembro. 2019, 2020, 2021. Vai aí pra três anos. É que o tempo passa tão depressa que a pessoa embaralha.

E.: Depois da COVID você voltou a necessitar de algum apoio específico, não? Ou não sentiu nada de diferença.

I.: Não, não. Precisei mais antes do COVID do que depois do COVID. É todos os dias aquilo que vem, aquilo que eu tenho, aquilo que eu faço, aquilo que eu produzo, devagarinho.

E.: Porque com as terras você consegue produzir coisas que você vende?

I.: Não, não vendo. Dou mais do que aquilo que vendo. Eu não nasci pra ser rica, não nasci pra ser rica. Não consigo. Dou mais do que aquilo que vendo. Às minhas vizinhas, é feijão verde, é tomate, é, dou tudo. Até mesmo pra Associação. Agora eu nunca mais me lembrei que amanhã era feriado mas mesmo assim ainda vou perguntar ao rapaz: vai-me lá com o trator arrancar as batatas. Já disse a Olga que um ou dois sacos são para Associação. E o resto é para eu comer e pra dar. Não nasci pra ser rica. Não sei. Não sei fazer dinheiro. Não sei fazer dinheiro.

E.: Mas o dinheiro é necessário?

I.: Sim. Ele é necessário. Mas prontos, eu vou vivendo com aquilo que tenho e acabou. Até mesmo nas coisas que eu faço. Por exemplo: Eu quando faço um xaile. Depende daquilo que o xaile também é. Há xailes mais elaborados há outros que são mais pequenitos, também levo menos (tempo), mas a média é de 25 euros por xaile e pagam-me da linha, do fio. Mas se eu fosse a fazer contas, eu às vezes demoro um mês a fazer um xaile. 25 euros? (risos). Mas prontos, mantém-me entretida, depois faço as feiras de artesanato, cuido das coisas e da minha mãe, dos animais, e de não sei o que, depois vou pra feira e isto é uma.

E.: De alguma maneira você foi aprendendo a lidar com as coisas que você tinha, a terra, essas habilidades manuais e fazendo de alguma maneira o dinheiro girar, né?

I.: É. É. Porque o dinheiro tem que girar, não é? Ele tem que girar. Porque o meu filho, meu filho do meio diz assim: Diz que é contra o dinheiro. O Carlos. Que até compreende o porque de haver o dinheiro. Porque a maneira de ver dele era por troca. Mas também percebe o porque do dinheiro. Mas pra ele havia de ser por troca. Tu produzias, trocavas, davas o que produzistes por aquilo que, por exemplo, por aquilo que eu produzi. Isto é supor: eu tinha vacas, eu tinha leite e tinha carne. Tu tinhas horta e tinhas legumes. Nós fazíamos trocas. Quem não trabalha, quem não faz nada, não come. Meu filho Carlos é muito contra tudo isso. Até associações e coisa, ele é contra tudo isso. Diz que enquanto houver ajudas, enquanto houver subsídios, as pessoas não pensam em trabalhar. Isto não é dele, foi algo que um americano, peço desculpas a quem fica ofendido, mas há quem não fica ofendido, mas a gente tem que falar, prontos, de cor, eu tenho um amigo que diz assim: não admite que lhe chamem de cor, ou africano. Porque ele diz: não sou africano eu sou preto, e sou português, nasci cá. Porque ele diz eu sou preto. Não admito que me chamem de cor. De cor de que? Qual cor? Sou vermelho, amarelo, azul, sei lá, às riscas? Não! Sou preto. Tenho orgulho de ser preto. Porque ele diz: eu sou preto.

E.: Mas você ia falar do Carlos...

I.: O Carlos. Ele pôs um poste de um preto americano. Não falo como racismo de preto. É aquilo que é e acabou. Não é por ser racismo. Então ele dizia o seguinte: Meu pai para trabalhar, andava quilômetros a pé. Pra trazer e conseguir sustentar e dar uma vida melhor aos filhos. Conseguiu comprar uma bicicleta pra eu poder ir pra escola e estudar. Depois eu comprei uma moto para ir trabalhar. Pois ele dizia assim: Isto quer dizer que “tempos difíceis fazem homens fortes, homens fortes fazem tempos fáceis. Tempos fáceis fazem homens fracos e homens fracos fazem tempos difíceis.” E nós já estamos nos tempos dos homens fracos e vem aí tempos difíceis, novamente. Por isso é que eu digo, eu tive que aprender a viver com aquilo que tenho, nem mais, nem menos.

E.: Você falou que seu filho é contra as Associações. Mas e você?

I.: Por isso mesmo, é assim. Eu fui muito sincera. Há casos e casos. As Associações, sim, são boas pra ajudar as pessoas no princípio a saírem de uma situação má. Mas as pessoas, as Associações também têm que, e há uma coisa que esta Associação (Minha Gente) faz e eu acho que muito bem: tentam ajudar arranjar emprego, mas há pessoas que chegam a uma certa altura que não, que se vê que não e então, eu acho que deve se acabar com a ajuda. Tentou se ajudar para que não passem fome, tentou se ajudar para que se arranjasse emprego. Mas há pessoas que não querem, que não querem trabalhar mesmo. Não querem trabalhar. Eu sei de um caso de uma pessoa que desconfiamos e eu apoiava esta pessoa, ia levar alimentos a esta pessoa. Se lhe arranhou um trabalho pra uma cozinha e no dia em que a pessoa havia de ir à entrevista, na véspera à noite a pessoa fez um grande corte no dedo. Eu já trabalhei em cozinha, eu já trabalhei com uma firma de eventos. Depois faliu. Eram uns chilenos. Fazíamos casamentos, batizados, íamos pra longe, ainda há pouco tempo eu e minha vizinha que era a cozinheira, estávamos falar nisso. Saíamos às 2 da manhã, só chegávamos no domingo às 8. Às 2 da manhã de Sábado e só chegávamos no Domingo. Fazíamos mais de 24 horas a trabalhar. Já fiz muitos golpes (cortes no dedo) mas é assim: quando a gente corta um dedo a sério, a cabecinha, o boneco que a gente faz à volta do dedo, ele fica sujo. Durante pelo menos dois dias ele tá ali a drenar vai deitando sangue. Penso: tão limpinho na véspera à noite? Ter se cortado? Cheguei a dizer que duvidava que tivesse sido mesmo um corte bem a sério. Que não era só aquela coisa que estava ali no dedo só pra não ir trabalhar. Depois eu acho que essa pessoa deixou de ser ajudada porque não foi o primeiro emprego que lhe arranjaram. Arranjaram este, depois cortou-se e não foi, depois lhe arrumaram outro. Depois também houve uma desculpa qualquer, também não foi. E eu acho que as pessoas devem de ser ajudadas, sim senhora, devem ser encaminhadas, sim senhora. Mas há um limite. Não quer, não quer, acabou. Tipo Holanda. Holanda é, o centro de desemprego funciona como centro de emprego também. O centro de desemprego na Holanda trabalha como centro de emprego. Eles telefonam, a gente tá sem trabalho, não é? Porque o nosso patrão, é trabalho temporário. Ficamos sem trabalho, a gente tá lá inscrita e não estamos a passar fome. Estamos a receber como se estivéssemos a trabalhar. É como aqui, é igual. Só que é assim: eles telefonam. Aparece-me um trabalho. Eles telefonam. Amanhã às tantas horas em tal sítio. Ah não tem transporte. Não há problemas, arranja-se transporte. Mas se por qualquer motivo, se inventar ali e não aparecer no trabalho, no dia a seguir já não tem desemprego (seguro desemprego).

E.: Que é o apoio? O apoio desemprego?

I.: É o desemprego, sim, o desemprego aqui, prontos, o desemprego, o fundo desemprego é aquele X que nos dão quando a gente não está empregado ou está à espera. Pronto. Trabalhamos aquele X, prontos, fomos despedidas, acabou o contrato.

E.: Mas também tem um limite, não é?

I.: Sim tem um limite. Mas lá o limite tá no trabalho, que é assim: tu podes, tens um trabalho, porque lá a maioria das fábricas é tudo trabalho temporário. Uma fábrica muito grande que seja, não tem mais do que 2, 3 funcionários da fábrica, permanentes. É tudo trabalho temporário. Porque lá a maior parte dos serviços é mesmo trabalho temporário. Tem aquelas grandes encomendas, então vai muito pessoal lá. As firmas de trabalho temporário, põem lá as pessoas. A fábrica paga àquele funcionário, mas não tem responsabilidade por ele. Não paga segurança social, segurança lá tem outro nome, mas prontos, não paga nada. O patrão é que paga. Eles só têm que pagar ao nosso patrão daqueles X pessoas. É tipo uma empreitada. É uma empreitada. A gente quer, olha, quero minha casa arranjada. A gente não tem nada a ver com o pessoal. Eles podem se aleijar, podem se coisa, o patrão é que tem que ter obrigação de ter seguro, ter o pessoal todo em ordem. Nós não. O empreiteiro diz assim: Olha, a empreitada são 5 mil euros e a gente só tem, que tem de pagar ao, e ele é que tem que pagar ordenados e pagar, ali funciona mais ou menos da mesma maneira. Mas se por motivo o nosso ficar sem trabalho pra nos dar, ele vai à segurança, “à segurança social e diz”: tenho X funcionários que não tem trabalho. Não tem trabalho pra eles. E então nós estamos a receber como se estivéssemos a trabalhar. Mas se eles arranjam um trabalho pra nós, a gente tem que trabalhar. Porque se a gente disser que não, no outro dia já não tem. Eu acho que isso, se funcionasse aqui em Portugal, acho que não havia aí tanta e havia mais responsabilidades também dos patrões. Porque lá o patrão tem que justificar o porque que vai despedir um e vai manter o outro.

E.: É, no fim, não é uma causa só?

I.: Exatamente. Porque é assim. Tu tens 3 funcionários. Despedes um e vais dizer: olha eu não preciso dele, eu não gosto do trabalho dele. Vais ter que justificar, justificar porque que vais mandar aquela pessoa embora. Não é só porque o contrato acabou e não queres manter efetivo. Porque lá nem é isso. Lá é assim: só tens um contrato. Um contrato de um mês de experiência. Vais dizer não, ele não fica cá porque não está apto ao trabalho, não faz o trabalho em condições, não entra a hora. Não sei que. Ao fim daquele mês, tu tens que efetivar aquele funcionário. Se durante o mês ele aprendeu o serviço e serviu não fazes o contrato. Efetivas logo aquele funcionário. Se amanhã o mandas embora, tens que justificar porque que o mandas embora. Tás a perceber? E atenção! Se ele quiser ir embora também não recebe nada. Não recebe. Foste embora, quiseste ir embora agora tens que desenrascar.

E.: Tá bem! Obrigada!